

PARALELAS

VIDAS

EVE
EDITORA

Romance do mesmo autor de
Marcas do Passado e Algemas Abertas

Armando Fernandes de Oliveira

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

Amando Fernandes de OtiOeira

Vidas Paralelas

Verso

É fato que as paralelas não se encontram.

Entretanto, neste romance de ficção espírita as' vidas paralelas .se cruzam e contribuem para a harmonia de um novo lar.

A obra guarda suspense e expectativa, numa trama bem planejada. Os dramas provenientes de diversos crimes mostram que, para aqueles que sentem remorso, perdoam e amam, o auxílio dos Espíritos Bons pode ser facilmente conseguido.

Muitos personagens surgem durante o enredo (César, o advogado; Edmar, o investigador; Clóvis, o socorrista; Eloísa e Rute, as samaritanas; etc.), marcando com suas atitudes vários episódios dessa emocionante e instrutiva história do escritor Armando Fernandes de Oliveira.

No limiar desta obra

Caríssimo leitor, a presente obra enfoca fatos comuns da vida, analisados à luz

do Espiritismo. O nosso escopo é oferecer elementos para proveitosas reflexões, cujo resultado, evidentemente, poderão tornar mais fáceis as peregrinações terrenas.

Os hábitos dos personagens retratam episódios conhecidos, ou seja, que podem ser flagrados com relativa facilidade no cenário terrestre, feitos de sofrimentos e júbilos, de lágrimas e de felicidade. Esses são os ingredientes da história. Não podemos ignorar que a Terra ainda é planeta de provas e de expiações, ensejando, portanto, mil e uma oportunidades de aprendizado espiritual aos indivíduos seriamente comprometidos com as Leis Soberanas.

Há uma história central: 'VIDAS PARALELAS", que dá título ao livro e, simultaneamente, vão ocorrendo outros acontecimentos igualmente relevantes no desenrolar do romance*

O personagem Clóvis, por exemplo (Dimas na existência anterior), cumpre jornada de resgate. Na vida pretérita, comprometeu-se seriamente ao acolher a sugestão criminosa de Dirce, sua esposa, determinando a concretização de um projeto de vingança contra Jairo, por quem ela estava perdidamente apaixonada. O crime envolveu quatro pessoas, inclusive Clóvis.

A expiação decorrente do delito praticado causou revolta no coração dos culpados, exceto no de Clóvis, sinceramente arrependido e disposto a quitar tal débito com sofrimentos e lágrimas regeneradores, comprometendo-se inclusive em trabalhar exaustivamente, se necessário, na reabilitação moral de todos os irmãos comprometidos na execução do crime. Assim, em razão do seu decisivo empenho em lograr a própria regeneração, bem como a de todos os implicados no delito, fez por merecer o acréscimo da Misericórdia Divina, tendo o seu débito aliviado.

Incontáveis crimes precisam ser resgatados, tendo em vista as agravantes que os assinalaram. No entanto, outros delitos podem perfeitamente ser superados com a realização de tarefas de amor ao próximo na seara do Cristo, que é realmente grande e os ceifeiros poucos (Mateus, **9:37**).

Clóvis teve a sua dívida aliviada, considerando as atenuantes a seu favor e a sincera disposição de conquistar não só a própria reabilitação moral, como a de todos os cúmplices do hediondo crime.

Não podemos olvidar que a vivência do amor ao próximo, desinteressada e incondicional, constitui a legítima caridade que, no dizer do apóstolo Pedro, "cobre uma multidão de pecados" (Iª Epístola, **4:8**).

No desenrolar do romance, em tempo algum cogitamos de citar fatos da vida de quem quer que seja. Assim, as possíveis semelhanças são tão-somente fortuitas coincidências.

A bem da verdade, queremos consignar também o nosso melhor agradecimento aos Benfeitores Espirituais que nos auxiliaram, através da intuição, na redação da obra.

Este é o nosso nono romance. Gostaríamos, portanto, de poder contar com a valiosa cooperação do caro leitor, no que tange a leitura e divulgação dos anteriores.

Agradecendo a sua preciosa atenção, rogamos a Jesus nos abençoar a todos, concedendo-nos as suas vibrações de paz e de amor.

O Autor

1 Só faltava mais essa!

Antero vivia com sua esposa Severina, e cinco filhos menores, na periferia de uma cidade do interior paulista; devido à implacável recessão ele teve que abrir mão do carro que possuía em troca de um pequeno sítio, de três alqueires. As terras não eram tão férteis para se lograr boas culturas; só a poder de muito esforço e dedicação se obtinha algum resultado, pois os minguados recursos financeiros de que dispunha não davam para adquirir fertilizantes adequados.

A casa era pequena; unicamente dois quartos, sala, cozinha e banheiro. No terreno próximo a ela havia um rancho, que servia de depósito de ferramentas e objetos inservíveis. Uma vaca leiteira dava alimento para as crianças. As verduras eram escassas, o solo não oferecia condições propícias. No pomar, poucas árvores frutíferas; as bananeiras, sempre carregadas de cachos, não só serviam de alimentação à família, como também eram trocados por outros víveres indispensáveis, nas imediações.

A vida do casal era bastante difícil. Antero não sabia o que fazer para vencer a situação aflitiva em que viviam, quando ocorreu um fato ainda mais preocupante. Severina estava novamente grávida. Era mais um entezinho que iria chegar, necessitado de recursos, atenção e carinho. Ao ser informado pela esposa, Antero teve uma explosão:

— Eu não aguento mais!... Só faltava mais essa!...

O nascimento de uma criança é uma Dádiva Divina. Alguém está chegando, a fim de compor o grupo familiar, em cumprimento de programação adrede realizada pela Providência Divina, com a finalidade de conquistarmos valores espirituais imprescindíveis ao nosso progresso. Contudo, Antero não pensava assim. Não acreditava na existência de Deus, era materialista convicto, fruto da sua ignorância. Severina era católica, porém há muitos anos não ia à Igreja. Esse o ambiente doméstico. Os filhos, todos bastante pequenos, não frequentavam escolas, em razão da pouca idade ou da impossibilidade de irem a uma, bastante distante do sítio.

— Não!... Não pode ser!... Eu não aguento mais!... — repetiu Antero, transtornado.

—Vamos aceitar a vontade de Deus...

— O quê?... Nada disso... O aborto é o remédio...

— Não. Não concordo. Você viu o que aconteceu com a nossa vizinha?... Morreu!... Deixou três filhos órfãos... E agora?... Não era melhor ter mais um filho e continuar viva, cuidando deles?... Não insista... Aborto, jamais!...

Ekeê à recusa firme da esposa, Antero silenciou. Ele, que já era de difícil trato, agora então nem se diga. Trabalhava exaustivamente no sítio, a fim de poder suprir a casa do necessário. Severina, igualmente, cumpria com zelo a sua parte, no sentido de não criar maiores embaraços no seio da família. O tempo foi passando. E chegou o momento de Severina ir à Santa Casa local para ter o bebê. Apesar de não ter feito o pré-natal, estava plenamente confiante, pois sempre desfrutara de boa saúde. O parto foi difícil; assim que o bebê nasceu, ela, pelo esforço despendido, perdeu os sentidos. Após ser devidamente medicada, voltou a si. A enfermeira já havia levado a criança para o berçário, comunicando ao pai o nascimento de mais um filho.

Antero estava visivelmente preocupado: era o sexto filho. Sua esposa estava feliz. Os filhos são dádivas espirituais concedidas por Deus. Espíritos confiados à nossa guarda, necessitados de carinho e proteção. Nossas palavras e exemplos irão moldar os seus caracteres, preparando-nos para as porfias do futuro. Há um provérbio de Salomão (19:18) que merece ponderação profunda: "Corrija seus filhos enquanto eles têm idade para aprender; se não fizer isso, você os estará ajudando a se destruírem".

As estatísticas provam que a grande maioria dos reeducandos recolhidos aos presídios, foram menores desamparados, que enfrentaram necessidades de todos os matizes, convivendo com os vícios de toda sorte. Os pais que amam verdadeiramente seus filhos têm o dever de protegê-los e educá-los quando pequenos, com docilidade e atenção, para que cresçam saudáveis física e espiritualmente. A omissão acarretará sérios compromissos diante de Deus.

Vigiá-los atentamente até que sejam adultos e capazes de viver livremente, sem a perspectiva de cometerem atos condenáveis. Afinal, todos eles são espíritos carentes que precisam de recursos para poder recapitular experiências malogradas oriundas de outras existências terrenas. Hoje convivem conosco para eliminar arestas, corrigir equívocos, expiar delitos.

Façamos, pois, dos nossos filhos o ideal maior de nossas vidas, no sentido de serem dignos, honestos, laboriosos, capacitados a vencer os obstáculos do próprio caminho. São criaturas confiadas à nossa guarda. Um dia daremos conta a Deus do que fizemos em favor ou prejuízo deles. Se se tornarem vitoriosos, no bom sentido, estaremos felizes pelo dever cumprido. Se, no entanto, tornarem-se marginais, infelizes devido a nossa omissão, aí, então, iremos chorar lágrimas amargas e enfrentar, no futuro, sofrimentos regeneradores.

—Tudo bem—falou Antero—daqui a dois dias estaremos em casa... Fazer o quê?...

— Antero, você parece conformado! Isso é muito bom!... Que se cumpra

sempre a Vontade Divina.

— Pensei melhor. Se você está feliz, eu aceito também com alegria o nascimento de mais um filho. Onde comem cinco, pode perfeitamente comer mais um.

Severina não estava assim tão admirada com a compreensão do esposo. Nessa altura, procurou dar asas aos seus pensamentos:

— Sempre foi assim, desde o nascimento do segundo filho, depois acabava se conformando, recebendo-os com naturalidade.

Após cinco dias, Antero adquiriu uma Kombi. Agora, com o nascimento de mais um dependente, precisava mudar de vida, aumentar os seus recursos monetários, pois a despesa com a manutenção da família iria ser bem maior. Quando apareceu com o veículo, a esposa falou, assustada:

— Homem! onde você conseguiu o dinheiro para comprar a Kombi?!...

— Eu tinha uma pequena economia...

— Pequena economia?!...

— Nunca falei nada a respeito, porque o meu projeto era adquirir um meio de transporte. Agora, já posso fazer alguns carretos, além de levar todos os dias os nossos filhos à escola. O que você acha?

— Acho ótimo!... Porém, também acho tudo muito esquisito... Parece que está faltando algum detalhe nessa história

— falou Severina, reticente.

— Não há nada esquisito. Pelo contrário, foi tudo bem planejado e melhor executado — retrucou o marido, dando por terminado o diálogo.

Todo ser humano goza de liberdade para realizar o que bem entender; contudo, responderá sempre pelos seus atos. Já asseverou alguém com muita propriedade:

— "A sementeira é livre, porém a colheita, obrigatória".

Vidas Paralelas

2 O batismo de César

Antero ia diariamente à cidade mais próxima, a fim de fazer carretos com a kombi. Nesse campo de atividades

encontrou, desde o início, sérias dificuldades. As transportadoras absorviam quase que completamente esse tipo de trabalho. Assim, achou melhor arrumar um emprego, exatamente em uma firma de transportes. O proprietário gostou do jeito de Antero, empregando-o; depois de alguns meses eles se afinaram tanto que Antero começou, inclusive, a frequentar a casa do patrão. Gaspar, esse seu nome, avaliando as dificuldades financeiras de Antero, aumentou os seus vencimentos e conseguiu uma casa na cidade para que ele pudesse morar perto da firma, bem como batizou seu filho caçula, César, prometendo ainda custear todo o seu estudo.

Antero jamais pensou que a sua vida fosse sofrer tal modificação. Nos fins de

semana ia até o sítio com a família, a fim de desfrutar um pouco do contato com a Natureza. Trazendo na volta algumas verduras e frutas, além de leite fresco. Um dos seus vizinhos aceitara cuidar de tudo como caseiro, mediante um pequeno salário.

Gaspar via em Antero um eventual substituto, pois pretendia fazer algumas viagens para o exterior com a esposa; precisava, portanto, de alguém de absoluta confiança. Antero chegara no tempo certo, para resolver o seu problema. Gaspar era católico. Ele e a esposa, Flávia, frequentavam assiduamente a Igreja aos domingos, submetendo-se aos sacramentos religiosos.

Após alguns anos, certa vez em que o casal tomava o café da manhã, na copa, Gaspar falou à esposa nestes termos:

— Meu bem, veja só como a vida nos prega peças. Antero foi empregado porque o meu único objetivo era ajudá-lo. Era um matuto que, a meu ver, não tinha condições de corresponder às exigências da empresa. Contudo, com o passar dos anos, ele foi se revelando um excelente funcionário. Aos poucos foi adquirindo conhecimentos que os demais companheiros, apesar de mais antigos, não conseguiram dominar.

— Gaspar, você sabe o porquê de tudo isso...

— Claro. O Antero é pessoa de confiança, pelo menos até agora não tem revelado imperfeições morais. Dedicado ao trabalho, não faz corpo mole, sempre interessado em aprender.

— O fator mais importante é ser de confiança. Há quanto tempo ele está na firma?

— Seis anos. Flávia, o tempo passa depressa...

— Tudo isso!... Você tem alguma restrição ao seu comportamento?... Alguma vez ele deixou de corresponder?...

— Às vezes eu paro para pensar, analisando mais detidamente o seu procedimento como funcionário. Parece satisfeito, sem ambição, demonstrando receber muito mais do que sempre desejou. Outras vezes chego a pensar que ele almeja subir mais...

— Então ele é uma incógnita?...

— Ele é introvertido, ou seja, fala pouco; em compensação, trabalha bastante...

— E o tipo do empregado ideal para qualquer empresa.

— Nesse aspecto, sim. No entanto, eu gostaria que ele fosse expansivo. Ele é muito reservado, parece que não quer dar com a língua nos dentes, isto é, falar demais...

— Será!... — exclamou Flávia, interrompendo a fala do esposo.

-T-Você sabe que eu tenho feito de tudo para ajudá-lo. A esposa dele é mulher simples, modesta; cuida como ninguém da casa e dos filhos.

— Quantos filhos eles têm?i> r

- Seis. O César, nosso afilhado, é o caçula. .
- Por que você batizou o garoto?... Até hoje eu não entendi o motivo!
- Meu bem, você sabe que eu sempre quis ter um filho. Infelizmente, não era do nosso merecimento. Você engravidou uma só vez. Quando o feto tinha três meses, surgiu aquela infecção provocando o aborto e a impossibilidade de outras concepções. Foi um pesadelo, que até hoje eu não esqueci...
- Meu Deus!... Esse episódio é página virada!
- Eu sei. Aí surgiu o Antero com os seus problemas; estava simplesmente apavorado, pois a sua casa vinha enfrentando sérias dificuldades Financeiras; precisava urgentemente de trabalho. Eu simpatizei com ele, quis ajudá-lo, foi só. Apenas alegou precisar de um emprego.
- Eu me lembro bem da sua aflição.
- Mais tarde retornei ao assunto, indagando se agora com o emprego tudo estava bem. Ele retrucou: —"O senhor quer batizar o meu filho caçula"?
- Você quer mesmo que eu batize seu filho? — perguntei.
- Quero — ele respondeu. —A Severina é muito católica, apesar de não frequentar a Igreja. Ela gostaria de batizar o nosso filho, e faz gosto que o padrinho seja o senhor.
- Está bem. Eu e a Flávia concordamos. No entanto, somente se pudermos custear os estudos do menino.
- Perfeitamente.
- Assim, depois de formado, ele poderá igualmente ajudar os irmãos naquilo que for necessário.
- Concordo. Posso marcar a data do batismo?
- Gaspar silenciou por um momento, enquanto se deliciava com uma fatia de mamão; depois respondeu: — Sem dúvida.
- E assim, meu bem, nós batizamos o César, que diga-se de passagem tem revelado uma inteligência incomum.
- Padrinho coruja eu nunca vi!
- O garoto já sabe ler e escrever. Tem aprendido muito com os irmãos e é exemplo de dedicação. O professor já disse que, apesar da pouca idade, ele vai se salientar nos estudos. Vamos dar a ele o que daríamos ao nosso filho, se fosse vivo.
- A expectativa do casal em relação a César era das melhores, tendo em vista que o garoto vinha correspondendo plenamente. Além de estudioso revelava bom caráter e comportamento exemplar. tanto em casa quanto no ambiente escolar.
- O tempo foi fluindo celeremente. Gaspar cada vez mais confiante na capacidade de Antero, a ponto de lhe oferecer sociedade na firma.
- Lamento lhe dizer que não acho justo. Eu não tenho capital algum. O senhor sabe que a minha família é grande, absorve todo o meu salário. Caso o senhor concorde, eu posso arrendar a empresa.
- Então que seja. Você toca tudo à sua maneira e fica com um terço do lucro.

Agora chegou a sua vez de desfrutar da sua competência...

— Também não é assim — retrucou Antero, humildemente.

—A partir do dia primeiro do mês que vem, você administra tudo. O advogado da firma vai redigir um documento para concretizar o nosso acordo.

— Como o senhor quiser. Obrigado por tudo.

Vidas Paralelas

3 Vinte anos depois

Gaspar, como reconhecimento pela excelente administração de Antero à frente da transportadora, além de ter custeado todos os estudos de César montou um escritório para o afilhado, a fim de que ele pudesse bem executar a sua profissão: advocacia, que ele vinha exercendo com louvor sempre com o objetivo de pautar pela justiça, não se importando com remunerações polpudas advindas de atividades escusas.

Os irmãos de César, alguns já casados, não optaram pelo estudo. Contudo, todos eles dispunham dos recursos necessários às suas vidas. Severina, agora mais descansada, curtia o resultado do seu trabalho de esposa e mãe dedicada. Vencera grandes dificuldades. Assim, via com alegria o efeito de sua abnegação, renúncia e dedicação. Intimamente era grata a tudo que Deus lhe dera. Curtia com satisfação incomum os netinhos nas visitas que estes lhe faziam, em companhia dos pais.

César não só atendia no seu escritório como também gostava de se apresentar com certa regularidade à delegacia, pois ali sempre tinha oportunidade de tomar conhecimento de algum caso que merecesse, de sua parte, uma atenção especial. Conhecia todos os funcionários, que sempre se queixavam da má remuneração, apesar de cuidarem da proteção da coletividade. César era pessoa grata nesse ambiente de trabalho.

Um dos filhos do delegado exercia a função de detetive. Todavia, talvez pela falta de aptidão para o exercício da profissão, jamais conduzira uma investigação com bom êxito, sendo inclusive objeto de chacotas por parte dos companheiros, que viam nele um frustrado. Incontáveis vezes César presenciara tais galhofas.

O jovem advogado era amigo do filho do delegado. Edmar, esse o seu nome, sempre que se oferecia oportunidade dialogava com César a respeito dos princípios básicos da Doutrina Espírita. Certa vez emprestou-lhe uma das obras psicografadas pelo médium mineiro Francisco Cândido Xavier, intitulada: O Consolador, de autoria do espírito Emmanuel, guia do médium.

O jovem advogado lera o livro em apenas dois dias, ficando simplesmente maravilhado com o seu conteúdo.

— Extraordinário!... Os conceitos anotados nesta obra espelham bem a Grandeza de Deus!... Não há outras explicações melhores que estas, para tudo que ocorre no cenário terrestre — monologou. —As verdades de que trata são

coerentes com a lógica, com o bom senso, convencendo até as mentes mais empedernidas, a não ser aquelas que se fecham na própria ignorância, obstinadamente.

A partir desse dia César e Edmar tornaram-se amigos inseparáveis, frequentando inclusive o Grupo Espírita "Seara do Bem". Assim, em poucos meses, César se identificara com o movimento espírita. Orientado pelo presidente do Centro, Pedro, começou a ler as obras da Codificação, iniciando pelo O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec. Jamais tivera ideia de conhecer os livros espíritas; agora, lamentava amargamente o tempo perdido. As explicações ali contidas despertavam em seu íntimo alegrias e emoções desconhecidas; além de uma vontade de trabalhar pelo bem-estar dos seus semelhantes.

As sementes de luz das verdades espíritas encontraram solo fértil no seu coração, florescendo e frutificando para o bem comum. Face aos conhecimentos auferidos, ele, intimamente, não sabia como Edmar dedicava-se a tarefas ligadas às investigações. Certa vez, em que estava em companhia do amigo, entre outros assuntos César perguntou:

- Edmar, você gosta do trabalho que executa?
- Exerço a profissão de detetive, mais em atenção ao meu pai. Ainda não encontrei o meu verdadeiro caminho.
- Tenho notado que o amigo não está bem familiarizado com as investigações.
- Certo. Todavia quero mostrar ao meu pai que também posso ser um bom policial, apesar de não ter pendores para tal atividade.
- Os companheiros gostam de brincar com você, motivados pelos seus fracassos.
- Eu não faço conta; quando eles cometem qualquer gafe eu igualmente não os perdo, isso tudo no âmbito da brincadeira, do companheirismo. Não passa disso.
- Stj Você espera algum dia resolver um caso intrincado? — inquiriu-o César.
- Sem dúvida, preciso mostrar ao meu pai que, apesar dos meus reiterados fracassos, eu também posso solucionar casos difíceis. No entanto, reconheço as minhas deficiências; não disponho da garra de um autêntico policial.

||EH Eu gosto da sua franqueza. E assim que se comporta uma pessoa consciente das suas limitações. Seu pai ainda não percebeu a sua falta de vocação para o exercício da função de investigador?

—Naturalmente que sim. Meu pai é muito perspicaz, sabe perfeitamente que eu não disponho de condições para ser um bom detetive. Outro fator que faz com que eu tente satisfazer a sua vontade é o fato de ele ser intransigente, duro mesmo, não concordando jamais com insucessos.

Edmar fez pequena pausa; como o amigo guardasse silêncio, ele prosseguiu:

— Ele é determinado, não abre mão das suas convicções. Após ter sido nomeado delegado desta cidade, as nossas condições financeiras melhoraram muito. Minha mãe reiteradas vezes se referia a esse fato, alegando que antes

dessa promoção o dinheiro era bastante escasso; depois, passou até a adquirir objetos de luxo, supérfluos — ponderou Edmar.

— Não podemos ignorar que os delegados percebem salários bem superiores aos dos demais funcionários de uma delegacia, em consequência da capacidade e responsabilidade que a função exige — acrescentou César, preocupado com as informações dadas pelo amigo, face ao caráter do doutor Frederico. — Vamos mudar de assunto?... Você vai ao "Seara do Bem", hoje à noite?

— Sem dúvida. Não pretendo perder de maneira alguma a palestra programada — respondeu Edmar, eufórico.

— Você sabe qual o tema a ser abordado?

— Estudos espíritas do Evangelho.

— Muito bom! O Evangelho é amor e é exatamente o que falta no coração do homem. Jesus foi o legítimo emissário do amor entre os seres humanos. No entanto, apesar de as suas lições serem de fácil assimilação, a Humanidade, não obstante o tempo decorrido quase dois milênios ainda não entendeu a missão do Divino Amigo.

— Você tem toda razão. Os homens evoluíram demais nas áreas da tecnologia e das ciências e, lamentavelmente, quase nada em termos morais.

— Realmente, em termos espirituais ainda estamos marcando passo. As conquistas puramente materiais sempre falam mais alto aos nossos cinco sentidos, dificultando a aquisição dos verdadeiros valores da vida: os eternos, ou seja, as virtudes cristãs.

— A gente se vê à noite.

— Até lá — despediu-se César.

4 A ovelha perdida

A Terra é, sem qualquer sombra de dúvida, planeta de _| provas e de expiações; basta analisarmos os graves acontecimentos enfrentados pela humanidade, veiculados através dos jornais, revistas, rádios e tevês de todos os países. O sofrimento como instrumento de purificação moral se abate sobre os indivíduos, exigindo resgates de atos condenáveis cometidos no passado, causadores de dores e lágrimas regeneradoras.

A verdade é que o homem de hoje responde pelo que fez em outras existências na carne, e procura na presente jornada edificar o seu futuro, que poderá ser bom ou ruim, conforme a natureza das suas ações. Jesus foi claro quando asseverou: "A cada um segundo as suas obras" (Mateus, **16:27**).

César, ao se formar em direito, prometera a si mesmo trabalhar em favor dos injustiçados, minorando assim um pouco do sofrimento alheio. Gaspar, seu padrinho, como presente de formatura lhe proporcionara todos os recursos para que pudesse cumprir com zelo as suas nobres funções junto às comunidades

pobres, sem ter em mente os problemas financeiros iniciais, que todo advogado normalmente tem para montar seu gabinete de trabalho. Além disso, já era do feitio do jovem profissional ajudar o próximo. Isso, no entanto, não quer dizer que as pessoas bem aquinhoadas não pudessem desfrutar dos seus conhecimentos, no que tange à obtenção da justiça, quando solicitada.

Certa vez, em que César chegava ao presídio da cidade, teve a oportunidade de constatar a presença de uma infeliz mulher que, sentada na mureta externa, chorava copiosamente, com a cabeça mergulhada entre as mãos. César aproximou-se dela e lhe perguntou:

— Por que você está chorando tanto?

A mulher não respondeu de pronto; tirou um lenço de dentro da sua blusa e enxugou os olhos; depois, fitando o jovem, respondeu emocionada:

— Meu filho foi preso ontem à noite. Tenho certeza de que ele não fez nada de errado. É um bom menino — seus olhos estavam vermelhos de tanto chorar.

— Quando prenderam seu filho?

— Ontem à noite. Ele estava com os amigos, se divertindo em um bar próximo de casa.

— Desde quando você está aqui?

— Desde ontem à noite.

— Não diga?... Você não tem mais filhos?

— Tenho, sim. Mais três.

— Com quem eles ficaram? Presumo que sejam menores, considerando a sua pouca idade.

— Donato, o que está preso, é o mais velho, tem dezoito anos. Os outros são bem mais jovens. O caçula tem apenas cinco anos.

Nessa altura, a mulher começou a chorar novamente.

— Acalme-se, tranquilize o seu coração. Eu sou advogado* vou ver o que posso fazer em favor de seu filho.

— Moço, que Jesus o abençoe!

César entrou no presídio, indo diretamente para o gabinete do diretor, seu amigo, com quem já tivera incontáveis oportunidades de abordar os problemas enfrentados pelos presidiários, obtendo em muitos casos soluções favoráveis aos pedidos formulados. Os presídios, as cadeias públicas, ao invés de corrigir os indivíduos, agravam acentuadamente as situações, em razão da falta absoluta de educadores e psicólogos para orientar e avaliar os problemas de cada detento. Assim como existem hospitais para tratamento dos corpos enfermos, há necessidade de pessoal devidamente capacitado para promover a cura das almas doentes, sem o que somente teremos depósitos de seres humanos naquelas casas de reclusão. Tais omissões aumentam consideravelmente a revolta entre eles. Outro fator que dificulta sobremaneira a recuperação dos condenados é a falta de emprego, condição indispensável para mudarem de vida. Ao se sentirem rejeitados

pela sociedade, sem poder obter trabalho, condição necessária para se manterem dignamente, tornam a incidir nos mesmos delitos já praticados, voltando ao presídio.

— Bom dia, doutor João — cumprimentou César.

— Bom dia. Já sei, mais algum caso a resolver?

— Perfeitamente. O senhor sabe que eu gosto de comparecer de vez em quando ao presídio, a fim de saber se há algo a fazer em favor de algum detento. Hoje, por exemplo, encontrei uma pobre mulher sentada na mureta, lá fora, chorando convulsivamente, tendo sido inteirado por ela de que seu filho Donato, moço de pouco mais de dezoito anos, foi preso ontem. Ela não sabe dizer o que o filho aprontou. Gostaria que o senhor, por obséquio, me esclarecesse a respeito.

— Como é o nome do moço?

— Donato. Foi preso ontem.

O doutor João manuseou umas folhas de papel; depois, examinando uma delas mais detidamente, informou:

— Está aqui. O jovem estava em companhia de amigos desocupados, em um bar, promovendo arruaças. Os demais, assim que viram a viatura policial, fugiram. Donato ficou, foi apanhado de surpresa; posteriormente, recolhido ao xadrez. Será colocado em liberdade ainda hoje.

— Não pode ser agora? Sua mãe está lá fora, desde ontem, chorando; deixou três filhos menores em casa. Donato, a meu ver, já resgatou a sua falta, permanecendo uma noite inteira no xadrez. O que o doutor me diz?

— Está bem. Concordo.—Ato contínuo, o diretor acionou uma campainha colocada em sua escrivaninha. Logo em seguida surgiu um policial.

— Traga à minha presença o jovem que foi detido ontem. Em poucos minutos, Donato era conduzido ao gabinete do diretor.

— Pronto, doutor.

— E só. Pode voltar às suas atividades.

Após bem orientado pelo diretor e por César, Donato foi colocado em liberdade, prometendo evitar bares e selecionar seus companheiros, para que o fato não mais se repetisse.

Conforme esclarece a parábola da ovelha perdida (Mateus, **18:12** e **13**), a pobre mãe deixara em sua moradia os três filhos e partira em busca de Donato; não tinha intenção de sair dali sem levar o seu filho. O amor materno sempre fala mais alto, quando se trata de proteger os filhos, provisoriamente afastados do caminho do dever, do estudo e do trabalho, entregues a comportamentos danosos.

Assim que ela viu o filho liberto foi ao seu encontro, abraçando-o forte junto ao peito sofrido, em meio ao choro dos dois; depois, afastaram-se de mãos dadas.

César, que acompanhava a cena através do vitrô de uma das salas, monologou, também comovido:

— Ela veio em busca da ovelha temporariamente perdida, e a encontrou.

Tomara que a lição seja válida, não dando novos motivos para outras experiências dolorosas. Graças a Deus, agora, tudo está bem neste lar!

Vidas Paralelas

5 O bom samaritano

O salão nobre do Grupo Espírita "Seara do Bem", _J naquela noite de sábado, estava literalmente tomado. Os assistentes ouviam uma explicação, em espírito e verdade, da parábola do Bom Samaritano (Lucas, 10:30 a 37). O orador, procedente da capital, era perfeito conhecedor do Evangelho e da Doutrina Espírita. Aliás, citada parábola tem sido enfocada com frequência nas casas espíritas, tendo em vista a abordagem sobre a caridade, na sua mais legítima expressão.

César e Edmar estavam na primeira fila e não perdiam uma só palavra daquele homem simples, de fisionomia simpática, palavra fácil e convincente. Sabia conquistar o interesse de todos com relação ao tema selecionado para aquele encontro. Ao final, todos os assistentes saíram felizes e edificados na lição da Boa Nova do Cristo. Os dois jovens, já na rua, abordaram o assunto, objetivando a ratificação dos ensinamentos ouvidos.

— Edmar, que belos ensinamentos Jesus legou à Humanidade, há quase dois milênios!

— Realmente. Apesar de não suscitarem dúvida alguma, os homens ainda não entenderam a pureza de semelhantes conceitos — aduziu Edmar.

— A Humanidade ainda vive sob o jugo do orgulho e do egoísmo, daí a dificuldade em assimilar tais lições de luz e amor, que exigem renovação interior, implicando, sobretudo, em desapego aos bens terrenos — ponderou o jovem advogado.

— Essas imperfeições morais são mazelas das mais graves, se levarmos em conta que todas as fraquezas humanas derivam do orgulho e do egoísmo, que tornam o coração insensível. O ser humano entende, sim; porém o que ocorre é que a vivência das virtudes implicará em se desapegar dos bens terrenos. Aí o problema.

— Concordo plenamente com o amigo. Todavia, voltando à palestra, foram excelentes as colocações do orador. Ele foi categórico quando afirmou: — Jesus não tinha religião!

— Certíssimo! No entanto, se religião quer dizer religar, como o amor é a virtude que tem o poder de religar a criatura ao Criador, eu, logicamente, entendo que a religião do Cristo é a religião do amor — concluiu Edmar, com firmeza.

— Interessante como Jesus colocou os personagens dentro da parábola. Os dois sacerdotes (levita também era sacerdote), tomaram conhecimento do que ocorreu com a vítima dos ladrões e passaram de largo. Eles, que desciam ocasionalmente, ou seja, não tinham destino certo, estavam despreocupados —

falou César.

— O samaritano, porém, ia de viagem; tinha, portanto, um destino. Convém ressaltar que os samaritanos eram considerados gente de má vida, pois não frequentavam o templo de Jerusalém, nem tampouco estavam ligados a outras religiões. O samaritano, movido de íntima compaixão, aproximou-se da vítima dos ladrões, atando as suas feridas, deitando-lhe azeite e vinho; depois, colocando-o sobre a sua cavalgadura, transportou-o a uma estalagem e cuidou dele. No dia seguinte, antes de retornar à sua viagem, pagou dois dinheiros, prometendo ao estalajadeiro quitar na volta o restante da despesa, caso houvesse — acrescentou Edmar, convicto.

— Face ao exposto, fica bem claro que não é rótulo de religioso que vale na nossa redenção espiritual, e sim, o nosso amor desinteressado no ato do atendimento das criaturas sofredoras — aduziu César, tomado de justa alegria.

— Como todas as colocações de Jesus sempre foram feitas no sentido de esclarecer o povo em termos espirituais, eu entendo...

— Que não é fácil a gente encontrar pessoas caídas nas vias públicas à espera de "samaritanos", não é isso? — perguntou César, interrompendo a fala do companheiro.

— Exatamente. Você acompanhou bem o meu raciocínio. Todavia, se não é fácil encontrarmos pessoas caídas, por outro lado podemos facilmente identificar os caídos na tristeza, no desânimo, na preguiça, na luxúria, na ignorância, na revolta, no orgulho, no egoísmo. Indivíduos que, apesar de estarem em pé, andando normalmente, se apresentam intimamente "caídos", necessitando da nossa ajuda no sentido de se levantarem espiritualmente e vencerem as imperfeições que ainda habitam seus corações.

— Parabéns, amigo, você foi brilhante nas suas considerações que provam, mais uma vez, como os ensinamentos evangélicos podem ser desdobrados em mil e uma explicações, quando se procura sinceramente o filão da verdade que liberta.

— E por isso que o Evangelho é de todos os tempos, sempre atual, aplicável à evolução dos homens em todas as épocas...

Hg| Não poderia ser diferente, pois retrata fielmente as Leis Divinas perfeitas e inderrogáveis — completou César, interrompendo novamente as ponderações do amigo.

— A parábola ressalta o valor do amor na redenção da criatura humana. O evangelista João asseverou na sua primeira epístola, **4: 8**, "Deus é amor". Emmanuel, orientador espiritual do médium Chico Xavier, afirmou: "O amor é Energia Divina que equilibra todo o Universo".

— Já que você citou um pensamento do Evangelho, eu também quero fazer uso de um, enaltecendo a importância do amor, que é, sem dúvida, caridade, quando vivenciado. Pedro, o apóstolo, afirmou: "A caridade cobrirá a multidão de pecados" (Iª Epístola **4:8**).

— Perfeito. Como estamos no terreno das citações, eu peço licença ao amigo para dizer uma da lavra do espírito Humberto de Campos: "O amor verdadeiro e sincero nunca espera recompensa. A renúncia é o seu ponto de apoio, como o ato de dar é a essência de sua vida."

— Magnífico!... exclamou César. — Esse pensamento enfoca exatamente o espírito da parábola.

Nessa altura os jovens se dirigiram a uma sorveteria, pois a noite era das mais quentes e um sorvete, sem dúvida, viria a calhar.

No estabelecimento umas poucas pessoas conversavam animadamente, enquanto saboreavam suas iguarias.

Assim que se sentaram César notou a presença de duas jovens muito bonitas, uma morena e outra loira. A loira chamou-lhe a atenção. Ela, igualmente, não ficou insensível ao interesse do advogado, correspondendo ao seu olhar. A seguir, fez sinal se poderia ir até elas. As moças limitaram-se a sorrir. Como quem cala consente, os dois amigos transferiram-se para a mesa das duas.

— Meu nome é César. Encantado!

— O meu, Edmar. Prazer em conhecê-las.

— Eu me chamo Joyce e minha irmã, Cíntia. Vocês moram aqui na cidade? — perguntou a loira.

— Moramos, sim. Eu sou advogado, e o meu amigo é detetive.

— Alguma investigação aqui na sorveteria? — disse Cíntia brincando.

— Absolutamente. Mas quem é policial tem de estar atento a tudo, não é mesmo?

Aquela noite seria marcada pelo início de uma forte atração, dominando os corações de Joyce e César.

6 Energia e amor dosados

Em uma das melhores residências de bairro nobre moravam Gilberto e Eloísa. O casal dispunha de todos os recursos indispensáveis a uma vida plenamente feliz; proprietários do melhor supermercado da região, frequentavam a fina sociedade. No entanto, viviam em clima de frustração, consequência do mau caráter do filho. Gaio, jovem de vinte e cinco anos, revelava pouco apreço pela vida. Somente aos vinte conseguiu completar o segundo grau, o que deixara seus pais amargurados, eles que almejavam um futuro brilhante para o filho. O jovem passava grande parte do tempo em companhia de "amiguinhos" inconsequentes, nos bares da redondeza, "matando o tempo".

Os companheiros viviam à custa de Caio, pois este sempre tinha dinheiro para saldar as contas. Os amigos, nessas ocasiões, costumavam dizer:

— O Caio paga. Ele é filhinho de papai.

Ele não gostava nada da brincadeira, porém precisava suportar, a fim de

contestar seus pais. A atenção e os carinhos dispensados ao filho somente o irritavam, dando motivos para represálias, por parte do descendente. Caio era inteligente, mas jamais se preocupou com os estudos, exclusivamente para agredir seus genitores. Gilberto e Eloísa acompanhavam de perto a vida do filho, e isso o irritava em demasia pois se julgava incapacitado para a vida.

Emmanuel, instrutor do médium Chico Xavier, foi claro ao asseverar que os pais precisam dosar o amor e a energia dispensados na educação dos filhos. O amor excessivo prejudica-lhes a educação. Por outro lado, a energia fora do normal causa danos ao caráter deles. Temos o dever intransferível de fazer dos nossos descendentes amigos, a fim de que os nossos ideais continuem vivos nos seus corações.

Não podemos olvidar que a nossa atual habitação ainda é de provas e de expiações. Logo, para se ter a capacidade de enfrentar as ásperas lutas que a experiência terrestre exige, torna-se necessário ter discernimento e coragem para vencer os duros obstáculos que surgem incontáveis vezes durante a nossa vida terrena.

Colocando-se uma planta na sombra, protegida dos raios solares e da chuva, ela crescerá mais do que o normal, mantendo-se frágil; se a colocarmos depois sob o sol ela murchará e, caso venha, se quebrará devido à sua fragilidade. Ao contrário, se ela estiver desde o seu plantio em contato com o sol e o vento, ela se desenvolverá forte, vencendo as adversidades do tempo.

Caio foi criado sob um regime de muito controle. Os pais faziam de tudo para adivinhar seus pensamentos e realizar as suas vontades. O cuidado excessivo somente o prejudicou; a dependência fizera do seu espírito um ser incompleto, sem possibilidade de tomar as suas próprias decisões. Assim, em contato com os amigos, procurava contestar os valores morais que sempre foram uma constante na vida dos seus genitores.

Certa vez, em que Gilberto e Eloísa tomavam o café matinal na copa, o esposo, quebrando o silêncio, disse:

- Meu bem, eu não consigo entender o comportamento do nosso filho.
- Eu também não. Parece estar sempre descontente, apesar de ter tudo de que ele precisa.
- Nos estudos foi simplesmente um fracasso — acrescentou Gilberto, preocupado.
- E agora?... Arranjou uns amigos de maus hábitos, que estão pondo-o a perder — aduziu Eloísa, com tristeza.
- Dizem que a vida ensina; eu concordo com essa afirmativa, porém não gostaria que ele "quebrasse a cara" para aprender.
- Eu também partilho dos seus receios, até porque o sofrimento dele nos atingirá — acrescentou a esposa, pensativa.
- Não quer voltar a estudar... não quer trabalhar... não tem ideais... vive sem

objetivos... esquecido de tudo...— falou Gilberto, reticente, analisando o comportamento do filho.

— Não sei, meu bem, o que será dele e de nós? — aduziu a esposa, lamentando a situação.

Nessa altura o diálogo foi encerrado. Gilberto saiu com destino ao supermercado, depois de ter beijado Eloísa. Caio ainda estava dormindo, pois chegara de madrugada, quando o grupo de amigos se dispersou após jogarem bilhar, até o proprietário do bar fechar suas portas.

Desde que deixou de estudar Caio vive ociosamente, contrariando a vontade dos pais com atitudes que se chocam com os bons costumes. Não sente alegria em participar dos diálogos paternos, ouve tudo mas não emite opinião alguma. Quando reprimido, contrariado, silencia. O excesso de atenção e afeto prejudicaram-no. Somente agora os genitores compreenderam que eles deveriam educar o filho, no sentido de torná-lo responsável pelos seus próprios atos. Nada de paparicação. Elogiando-o quando acertasse, corrigindo-o quando cometesse enganos, ensinando-o a corrigir seus próprios erros a fim de conquistar valiosas experiências, valorizando seus dias, enriquecendo suas realizações.

Quem não se prepara para enfrentar os problemas que a vida normalmente oferece conhecerá, por certo, dissabores amargos no porvir. A família é a primeira escola, onde os pais são os professores com a incumbência não só de educar os filhos, como também discipliná-los, corrigindo-os sempre que necessário. Os pais, com as suas palavras e exemplos, estão semeando constantemente no solo dos corações dos seus descendentes. Palavras sadias e exemplos dignos corrigem maus costumes, moldando o caráter dos tutelados. Ensinar, sim; resolver as dificuldades dos filhos sem proporcionar-lhes os ensejos de engrandecimento moral é, sem dúvida, educação falha. Orientá-los sempre, deixando-lhes o encargo de solucionarem seus problemas.

O ambiente familiar não dispensa cooperação, tolerância, renúncia, que retratam facetas do amor cristão. Outros fatores que não podem ser colocados à margem: o respeito e a justiça, o estudo e o trabalho. Essas normas, quando adotadas por todos os integrantes da família, afastam do lar a violência, a ociosidade e a miséria.

Um lar estruturado na vivência dos ensinamentos do Evangelho do Cristo jamais terá os seus fundamentos abalados; em virtude de estar construído na rocha do amor cristão e não sobre a areia movediça dos interesses puramente materiais, transitórios e perecíveis.

O lar é cadinho de purificação das almas que o compõem; na vivência das dificuldades são conquistados valores eternos, enriquecimento interior que o tempo jamais anulará. É exatamente no aprimoramento dos pensamentos e sentimentos, confirmados nas ações, que o grupo familiar se torna forte, indestrutível.

O trabalho não é fácil; há necessidade de se aplainarem arestas, corrigir erros, saldar dívidas, perdoar agressões. Ninguém evolui sozinho; somente em grupo, desfrutando de ensejos de crescimento individual e coletivo. O exercício constante da sublime caridade ensinada por Jesus, nosso Irmão Maior, por certo guiará os nossos passos.

7 Só o fogo do sofrimento!

Deus é o Arquiteto do Universo, e para povoá-lo criou os espíritos, seus filhos, dando-lhes condições de progresso infinito, mercê dos próprios esforços e perseverança na conquista da sabedoria e do amor. No início da trajetória evolutiva o homem partiu da situação de simplicidade e ignorância; este foi o limiar de todos os seres humanos. Contudo, poucos foram os que acertaram sempre; a grande maioria, face à própria imaturidade, dando vazão aos seus pendores, cometeu incontáveis desacertos e equívocos, o que constituiu fator de retardamento na evolução, como também sérios compromissos para serem quitados no porvir, na forma de dores e lágrimas regeneradoras.

Os pais representam, nessa caminhada evolutiva, um fator dos mais significativos. Os filhos são seres confiados à sua guarda, merecedores de todo apoio, sobretudo quando crianças, seres frágeis e inexperientes. Todavia, à medida que os descendentes vão ganhando idade, os genitores, agindo sabiamente, concedem, paulatinamente, liberdade para agirem e crescerem intimamente, conquistando valiosas experiências de vida.

Incontáveis jovens ignoram os esforços paternos com a finalidade de ajudá-los, repudiando, muitas vezes, o carinho e a atenção dos genitores, o que é simplesmente séria ingratidão, implicando em acertos dolorosos no futuro. Ocorre que, quem foi mau filho poderá ser igualmente mau pai no porvir, originando-se, conseqüentemente, outros tantos equívocos e agressões incompatíveis com as Leis Divinas.

Caio, inconsequente, ia pouco a pouco tecendo a esteira do seu destino, com fios de sofrimentos e lágrimas. Com o seu comportamento irrefletido, aceitando orientações e convites dos "amiguinhos", complicava sem saber o seu porvir; comprometia a sua vida, colocando diante dos seus pés pedras de tropeço e semeando espinhos de dor.

Em uma das poucas vezes em que a família estava reunida na sala, Gilberto, rompendo o silêncio, perguntou ao filho:

- Caio, quais são as suas perspectivas de vida?
- Ainda não pensei nisso — respondeu o jovem.
- Você já completou vinte e cinco anos...

- Eu sei—retrucou Caio, interrompendo a fala do genitor.
- Então, meu filho... Você sabe que o tempo passa depressa; precisamos aproveitá-lo, programando as nossas atividades, buscando recursos e experiências utilizáveis na vida de amanhã. Salomão, o rei sábio, afirmou: "O lavrador preguiçoso, que não ara as suas terras no tempo certo, não terá nada para colher" (20:4).
- Eu não quero ser lavrador — respondeu de pronto o filho, ironicamente.
- Naturalmente que não. Trata-se apenas de uma advertência àqueles que passam a vida ociosamente, depois reclamam resultados impossíveis. Quem não planta não colhe. E da Lei! — argumentou o genitor, convicto.
- Acresce notar ainda que quem semeia em abundância colherá em abundância — aduziu a mãe, carinhosamente.
- A conversa de hoje é sobre lavoura... Bom papo!... — retrucou o jovem, sorrindo.
- Meu filho, quem trabalha tem sempre com que viver; por outro lado, quem passa os dias na ociosidade terá frequentes problemas, pois as necessidades são uma constante na vida das pessoas 5 comentou a genitora, olhando fixamente o filho.
- Trabalhar!... Trabalhar!... E sempre a mesma cantilena. Eu tenho de tudo, por que trabalhar? —argumentou, renitente.
- Hoje você, graças a Deus, tem de tudo; e amanhã, quando eu e a sua mãe partirmos para a espiritualidade?
- Papai, o meu futuro está garantido. Afinal, nós somos ricos. Eu sou o herdeiro natural de tudo! Logo, por que me preocupar com o dia de amanhã? — exclamou, dando uma gargalhada.
- Em resumo: você não quer estudar nem tampouco trabalhar.
- E isso aí, mamãe. Vou viver de rendas, gozar a vida, desfrutar de tudo que é bom e que a vida pode me proporcionar. Nada de deveres e de responsabilidades. Deus me deu um berço de ouro; logo, por que trabalhar? — argumentou o jovem, levianamente.
- O trabalho é alavanca de progresso, é Bênção Divina!
- Isso para quem tem necessidade de recursos financeiros. O dinheiro aqui em casa está saindo pelo "ladrão"... — retrucou, mais uma vez, o jovem rebelde.
- E, meu filho, você vai aprender, sim; porém, depois de se magoar bastante. As suas ideias estão completamente distanciadas do bom senso. Ninguém pode viver inativo durante uma existência inteira, sem contrair sérios compromissos com o Poder Supremo — ponderou a genitora, revelando preocupação pela resistência do filho à uma vida saudável.
- O pensador Purinton afirmou: "O homem que não está se preparando para algo melhor, prepara-se, na realidade, para algo pior" — acrescentou Gilberto, tentando, mais uma vez, demover o filho dos seus pensamentos negativos.

- E os seus "amiguinhos", pensam como você? — indagou Eloísa, calmamente.
 - Pensam exatamente como eu.
 - Aí | que mora o perigo — exclamou o pai, com veemência.
 - Não sei porquê — contestou o filho, com firmeza.
 - Porque se alguém pensasse de maneira correta, quem sabe se com o tempo todo o grupo viesse a mudar de opinião a respeito dos conceitos distorcidos que alimentam sobre a vida
 - ponderou acertadamente Gilberto.
 - Papai, quantas pessoas sofrem, apesar de serem boas criaturas, trabalhadoras e honestas. Saem de um problema entram em outro. Os meus amigos não são ricos, não. Assim que deixaram de estudar, começaram a trabalhar, sabe o que aconteceu? Foram simplesmente roubados, trabalhavam muito e ganhavam pouco; daí tiveram a ideia de não se preocuparem mais com o trabalho, até porque não queriam ser novamente roubados.
 - Isso não justifica, de modo algum, o comportamento de todos vocês. Por outro lado, boa parcela que trabalha é bem remunerada, consegue lograr a realização dos seus ideais — contra-argumentou o pai, com firmeza.
 - Não adianta, Gilberto; nós, infelizmente, estamos perdendo tempo.
 - Somente a vida irá ensinar você. Esperamos que quando a oportunidade chegar, você, meu filho, não a ignore, abraçando-a com todas as suas forças, pois será o limiar de novas experiências — finalizou Gilberto.
- Os diálogos entre eles eram assim: azedos e contundentes. Os pais tentando mudar os pensamentos e sentimentos do filho, e este repelindo todas as demonstrações amoráveis dos genitores.
- Só o fogo do sofrimento tem a capacidade para despertar almas empedernidas na ignorância.
- Deus nos criou para conquistarmos a perfeição. A nossa caminhada poderá ser de flores ou de espinhos, depende unicamente da natureza das nossas ações.
- Vidas Paralelas

8 O delegado é assassinado

delegado Frederico era um mau policial, não por falta de competência, mas por ser desonesto. O dinheiro sempre falou mais alto aos seus interesses, ocasionando sérios desvios sua personalidade. A sua riqueza provinha, exatamente, de comportamentos escusos cometidos na sua área de ação, além de ser agiota, emprestando dinheiro a juros escorchantes. Não tinha dó nem piedade de ninguém. Consequentemente, tinha nas suas vítimas inúmeros inimigos.

Como vimos em um dos capítulos anteriores, o doutor Frederico fazia gosto em que o seu filho seguisse as suas pegadas, pela facilidade que o cargo oferecia em ganhar dinheiro fácil. E bem verdade que toda regra tem exceção. O doutor

Frederico era a exceção da regra, pois os delegados, na sua maioria esmagadora, são funcionários competentes, honestos, desempenhando a contento as suas nobres obrigações, no sentido de salvaguardar a segurança do povo, hoje em dia tão massacrado.

Certa manhã, logo às primeiras horas, um indivíduo mal- encarado, em mangas de camisa, entrou rapidamente no gabinete do doutor Frederico, acesso facilitado pela falta de um policial à porta da delegacia. Diante do delegado, tirou um revólver de dentro de uma sacola, apontou-o para a autoridade. — O que é isso?... Não se comprometa... Você será preso...

O que eu lhe fiz?... Vamos conversar...

O intruso não proferiu uma palavra sequer; apertou o gatilho e o projétil atingiu a cabeça do delegado que, incontinentemente, pendeu a cabeça sobre a escrivaninha, morto. O assassino, com a mesma rapidez com que chegou, saiu; depois de ocultar a arma dentro da sacola foi em direção de uma praça, onde entrou no sanitário público, vestindo um paletó e colocando também um boné vermelho. Ele sabia que assim teria menos facilidade de ser identificado.

Edmar chegou logo em seguida, ficando perplexo com a constatação do assassinato do seu pai, sem saber o que fazer de imediato. Passou um longo tempo ao lado do corpo do pai, chorando desesperadamente. Depois, recobrando o seu equilíbrio íntimo, examinou detidamente o ambiente; tudo estava em ordem, exceto o fone fora do lugar. Apertou a tecla da memória, depois de colocar o fone no lugar e retirá-lo para obter a ligação, ouvindo o interlocutor do outro lado da linha ameaçar:

— Alô... Alô...

— Não telefone mais, o que é seu já foi encomendado... Aguarde o seu passaporte para o inferno. —A seguir, o telefone foi desligado.

— Meu Deus!... Falei com o assassino!... —• monologou. Após cinco minutos telefonou de novo. Agora foi uma senhora de voz mansa que atendeu.

Edmar refletiu: precisava descobrir o número do telefone dela. A seguir, perguntou:

— Por favor. Já liguei vários números e não consigo falar com um amigo. O jovem Mauro está?

— Não conheço esse moço. —Ato contínuo deu o número do seu telefone.

— Eu sou vendedor de livros. A senhora não quer adquirir uma boa coleção de obras de autores renomados?

— Não disponho de recursos. Nós somos pobres.

I — Não quer indicar o nome de alguma vizinha que tenha condições de comprar?

— Uma das minhas vizinhas é rica; mas por favor, não diga a ela depois que fui eu que lhe dei a indicação.

— Ela de nada saberá. Fique tranquila.

Em seguida, a senhora informou o nome da rua e o número da casa da vizinha.

Edmar anotou na agenda. Somente depois de tomar tais providências chamou o subdelegado, que estava de férias. Ao chegar, a autoridade tomou conhecimento dos fatos e foi logo inquirindo os dois policiais de plantão.

, r— Vocês ouviram o tiro?

— Infelizmente, não. O rádio estava ligado. O criminoso talvez tenha fechado a porta, antes de disparar a arma.

— E vocês consideram os outros incompetentes, hein!... O que pensar, agora, de um crime praticado embaixo dos seus narizes e vocês não tomam conhecimento! Se estivessem atentos, por certo o assassino a esta hora já estaria preso. Vasculhem a cidade, prendam todos os indivíduos suspeitos. E uma ordem!...

Os dois policiais saíram atropelados, no sentido de cumprir a ordem recebida. Fizeram uma "varredura" completa, incluindo os bares, sem obter sucesso. Edmar sabia que o criminoso não seria encontrado; contudo, achou que os policiais deviam ser admoestados, pela incompetência e falta de atenção no cumprimento do dever.

A polícia técnica foi acionada, comparecendo imediatamente. Afinal, a vítima era o delegado Frederico, pessoa das mais influentes na Secretaria de Segurança. Dois detetives foram designados para desvendar o crime, com ordem de não ignorar nenhuma pista, por menor que fosse, sem a devida investigação a fundo. Os jornais da cidade e da região abordaram o fato, fazendo alarde e levantando todos os pormenores, até porque o delegado havia sido assassinado em seu gabinete. Não havia testemunhas. Edmar, seu filho, o encontrara já sem vida, debruçado na sua escrivaninha de trabalho. A bala entrara entre os olhos, alojando-se em área das mais nobres do cérebro. Após a necessária autópsia o corpo foi liberado e, mais tarde, sepultado no cemitério da cidade. Ao enterro estiveram presentes autoridades da região e uma pequena multidão de pessoas que acorreram ao sepultamento. Os familiares, emocionados, prestaram a última homenagem àquele que morrera no cumprimento do dever.

Edmar não fez qualquer alusão a ninguém sobre o resultado dos telefonemas que fizera, acionando a memória do aparelho telefônico, tomando a si o encargo de verificar com cuidado o que poderia obter a respeito da pista. Primeiro, a ameaça proferida em tom feroz, não dando margem a qualquer dúvida. Segundo, a senhora que cordialmente o atendera, informando o número do seu telefone, além de informar também o nome da rua e o número da casa da vizinha. O jovem detetive tinha em mãos uma pista bastante importante, que precisava ser investigada com urgência.

Edmar procurou examinar cuidadosamente todos os detalhes que envolviam o crime, antes de iniciar as investigações propriamente ditas. Não queria, de modo algum, cometer injustiças. Assim, somente no dia seguinte ao sepultamento foi até o endereço indicado, conferindo ainda o número do telefone no catálogo. Curioso: seu pai fizera, momentos antes, uma ligação para o criminoso. Graças a esse detalhe, dos mais importantes, ele possuía uma pista que possibilitava resolver o

crime e prender o assassino.

A casa do suspeito era pequena, de aparência pobre, ao lado de uma residência magnífica. Dois extremos, comprovando que a vida retrata aos nossos olhos incontáveis situações discrepantes que de modo algum colidem com a Grandeza Divina, pois não podemos ignorar a lei das vidas sucessivas, dando a cada um conforme as suas obras.

Em frente à casa sob suspeita funcionava uma pensão. Os moradores eram todos estudantes da Universidade local, cujas famílias residiam nas cidades próximas.

Feitas tais observações Edmar regressou ao seu lar, informando à sua mãe:

— Mamãe, eu vou fazer uma pequena viagem. Agora que papai morreu preciso resolver alguns casos pendentes. Ficarei ausente alguns dias. Não se preocupe comigo.

— Se é necessário, o que fazer?... Vá com Deus!

9 Edmar e Bárbara

A primeira providência tomada por Edmar foi se hospedar na pensão Rosicler, situada em frente à residência do provável criminoso.

O detetive teve oportunidade de se relacionar com jovens idealistas. Edmar sempre gostou de fazer amizades, sobretudo com moços de sua idade. A amizade é uma das facetas do amor, possibilitando a compreensão entre os seres humanos, notadamente nas horas mais ásperas da vida.

A dona da Pensão, por falta de vagas e com a concordância dos estudantes Giro e Décio, colocou mais uma cama no quarto que dava para a rua, acomodando Edmar. O jovem policial gostou da providência e fez logo amizade com os companheiros de quarto. Da janela que dava para a rua Edmar podia acompanhar a movimentação na casa em frente. Ali residiam um casal idoso e uma moça de nome Bárbara, frequentadora da Pensão, pois também era aluna da Universidade. Isso criava um elo entre ele e os moradores da casa, favorecendo a execução do seu plano.

A Universidade funcionava unicamente durante o dia. Edmar passava horas seguidas de campana, observando disfarçadamente a casa de Bárbara, para chegar à ponta da linha do novelo de mistério que envolvia a morte de seu pai.

Após dois dias Bárbara foi a Pensão, a fim de tomar emprestado um livro dos companheiros de quarto de Edmar. Eles não estavam, tinham ido ao cinema assistir a um filme científico; ela ficou conversando algum tempo com o policial.

— Você também é estudante? — perguntou a jovem.

— Ainda não. Contudo pretendo, pois reconheço que a vida já está difícil para quem dispõe de conhecimentos. Assim, quem não se prepara fica sem possibilidade de lograr uma boa colocação — respondeu Edmar, observando bem a sua

interlocutora. Moça muito bonita, olhos negros, profundos e enigmáticos; cabelos igualmente pretos, ondulados; boca bem feita; estatura mediana. Vestia-se modestamente.

— A sua família é de fora?

— Também. Penso fazer a Universidade o ano que vem. Gosto de Advocacia e Jornalismo. Ainda estou em dúvida. Qual a sua opinião?

— Jornalismo parece mais dinâmico. Cheio de surpresas, movimentação. Faz mais a minha cabeça — esclareceu Bárbara, começando a se interessar pelo detetive.

— Você mora com seus pais?

— Eles são meus tios.

— Você está hospedada na casa deles, enquanto estuda. E isso?

— Perfeitamente. Meus pais são pobres e não poderiam, de modo algum, arcar com as despesas de uma república de estudantes. Assim, procuraram resolver tal impasse alojando-me na casa dos meus tios. Pago pouco e ajudo a titia nos serviços da casa — acrescentou Bárbara.

— Seus tios, segundo eu pude observar daqui da janela do quarto, parecem doentes...

— São pessoas tristes, parece que guardam um segredo. As vezes tio Francisco levanta revoltado, "cuspindo marimbondos", às vezes é todo amargura, desânimo, passa o dia escondido. A tia Angelina sempre se revelou ponderada; quando ele está revoltado ela permanece em silêncio, respeitando o seu modo de ser; quando ele está desditoso ela não sabe o que fazer para torná-lo alegre, feliz — falou Bárbara, analisando o comportamento dos tios.

— Ele está aposentado?

— Você está me parecendo policial... Quantas perguntas!... — retrucou Bárbara, desconfiada.

— Absolutamente! Já estou exercendo a profissão de jornalista... ganhando experiências.

— Edmar, você leva jeito. Sabe disso?

— Você não me respondeu. Seu tio está aposentado?

— Está, sim. Uma das razões dos poucos recursos financeiros deles é exatamente porque está aposentado. Ele afirma que recolheu ao INSS valor equivalente a dez salários mínimos; agora, recebe bem menos. É um absurdo!

— Bárbara, ele tem toda razão. O povo está cansado de ser vítima. Os salários diminuem progressivamente, as despesas aumentam sempre, sem critério, e a finalidade é enriquecer uns poucos, em detrimento de muitos, que fazem das tripas coração para poder sobreviver — argumentou Edmar, com firmeza, procurando ganhar a confiança de Bárbara.

— Essa situação é um dos motivos da tristeza do titio...

Um dos motivos?...

— Sim, o outro eu não sei. A minha intuição feminina diz que há qualquer coisa assim como um segredo escondido e fechado a sete chaves...

— Meu Deus!... Talvez você esteja vendo mistério onde não há nada a ser escondido.

— Não sei, não, Edmar. O casal sofre demais; disso eu tenho certeza absoluta. Outra coisa que mais aguça a minha curiosidade é quando eu toco em determinados assuntos e eles desconversam no ato, ou então, se afastam. Alegando alguma providência a tomar simplesmente fogem do diálogo.

— Realmente. A conduta deles, do jeito que você está falando, dá a entender que há um mistério no passado dos seus tios.

— Vamos conversar sobre outros assuntos? Vamos deixar os titios sossegados, até porque eles não fazem mal a ninguém. Se são esquisitos, isto é lá com eles, cada um de nós têm os seus problemas, não é? — indagou Bárbara, sorrindo.

— Sem dúvida... Sem dúvida... O que você está cursando?

— Eu estou fazendo Letras. O meu ideal é ser professora de línguas. Depois, assim que os recursos financeiros permitirem, conhecer o mundo...

— Então, já estou vaticinando: você não vai viajar nunca! Você já pensou em que época vai conseguir dinheiro suficiente para fazer uma viagem pelo mundo, com os míseros salários de uma professora?... Tire o seu cavalinho da chuva — acrescentou Edmar, interrompendo as considerações da jovem.

— E, você está coberto de razão. Aqui no Brasil, lamentavelmente, a profissão de professor está relegada a um segundo plano.

— Bárbara, segundo as estatísticas mais recentes, há no Brasil dezenas de milhões de analfabetos. Logo, os professores deveriam ser bem remunerados, até porque as crianças de hoje serão os adultos de amanhã. Já pensou, daqui a duas ou três décadas, em que situação estará o povo brasileiro?

A jovem deixou de responder à pergunta formulada pelo jovem detetive, limitando-se a sorrir. Em seguida despediu-se, retornando ao convívio da sua família.

10 Edmar e seus colegas

A permanência de Edmar na Pensão foi bastante proveitosa, pelas amizades que o jovem detetive conseguiu lograr. Os companheiros de quarto procediam de cidades da região, e cursavam Biologia. Certa vez em que Edmar lia uma obra espírita, os dois estudantes chegavam da rua e se interessaram em conhecer o título do livro.

— Oi, tudo bem?... Que livro é esse que você está lendo, com tanta atenção? — indagou Ciro, curioso.

— O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.

- Então, você é espírita? — perguntou Décio, receoso. — Perfeitamente.
- Jamais li uma obra espírita. Sou católico — adiantou Giro, convicto.
- Todas as religiões são boas, quando o adepto é sincero; representam degraus evolutivos. São aprendizados indispensáveis ao progresso individual e coletivo dos homens — considerou Edmar.
- Se todas as religiões são boas, por que você escolheu ser espírita? — inquiriu-o Décio.
- Somente porque o espiritismo ensina alguma coisa mais sobre o verdadeiro sentido da vida...
- Isso é pretensão sua — retrucou Giro.
- Não, não é. Se você quiser, eu lhe empresto este livro; aí você terá ensejo de matar a sua curiosidade.
- Os espíritas aceitam as reencarnações, como fórmula ideal de evolução? — voltou a perguntar Giro.
- Realmente. Somente as reencarnações ou múltiplas vidas provam a Grandeza de Deus, feita de Sabedoria, Misericórdia e Justiça Infinitas — respondeu Edmar.
- Exemplifique, por favor — solicitou Décio.
- O que o espírito cometeu de errado em outras jornadas terrenas ele volta para acertar, adquirindo ao mesmo tempo valiosas experiências de aprimoramento moral.
- É só para corrigir erros que os espíritos retornam? — indagou Giro.
- Não. Os espíritos foram criados por Deus, simples e ignorantes; a partir daí começaram a evoluir, uns mais outros menos, mercê dos esforços individuais; alguns procuraram agir corretamente; outros não adotaram a mesma atitude, partiram para a conquista das coisas fáceis, que falavam mais alto à percepção dos cinco sentidos físicos. Assim, as reencarnações não só objetivam corrigir erros, saldar dívidas, resgatar delitos, como também progredir moral, intelectual e espiritualmente. Um dia lograremos a posição de espíritos bem-aventurados, redimidos, puros. A nossa evolução, contudo, será sempre relativa.
- Por que "sempre relativa?" — perguntou Giro, interessado em dirimir tal dúvida.
- Porque somente Deus é infinitamente Perfeito em todos os Seus Atributos; nós, seus filhos, estaremos sempre envolvidos em aprendizados, visando a nossa progressiva evolução.
- Quantas reencarnações são necessárias? — indagou Décio, vivamente interessado no assunto.
- Serão tantas quantas forem indispensáveis. Há espíritos que evoluem mais rapidamente, fazendo do estudo e do trabalho normas de conduta. Outros preferem levar uma vida de ociosidade e satisfações fisiológicas, perdendo precioso tempo e valiosas oportunidades de aprimoramento espiritual —

esclareceu Edmar, satisfeito com a preocupação dos companheiros.

— Por que há pessoas boas sofrendo, enquanto as más prosperam? — perguntou desta vez Ciro.

Nessa altura chegou Bárbara, portando algumas revistas e livros destinados ao entretenimento dos colegas. Tendo ouvido parte da conversa, indagou:

H Ri Sobre que assunto vocês estão falando?

— Espiritismo. Você gosta? — inquiriu-a Décio.

— Nem gosto, nem desgosto, apenas desconheço. Nunca li uma obra espírita. Eu tenho uma parenta que é espírita. Ela tem uma centena de livros espíritas, sobretudo psicografados pelo médium Chico Xavier.

— Agora eu vou responder à pergunta do Ciro. Os bons que hoje sofrem estão resgatando dívidas cometidas em existência anterior, quando prejudicaram seus semelhantes. Os maus que prosperam estão preenchendo o tempo com sementeiras de espinhos na vida do próximo. Assim, cedo ou tarde, terão de colher da sementeira de agora. Cada um de nós é autor do próprio destino — ponderou Edmar, com tranquilidade.

— Eu também quero fazer uma pergunta, posso?

— Sem dúvida...

— Desejo saber o que os espíritas pensam da Santíssima Trindade — indagou Bárbara.

— O Espiritismo ensina que Deus é o Criador do Universo e Pai Celestial de todos nós. Jesus é filho de Deus. O Espírito Santo corresponde a uma falange de espíritos evoluídos que trabalham sob a égide do Cristo na evolução e aprimoramento da Humanidade...

—Então, são seres distintos? — indagou novamente a jovem, interessada no esclarecimento do assunto.

— Quanto a isso não há a menor dúvida, basta examinarmos detidamente as páginas do Evangelho de Jesus. O Messias também fez a sua evolução, como nós estamos realizando a nossa; apenas com uma diferença: o Cristo foi sempre aluno aplicado, progrediu rapidamente; nós, lamentavelmente, estamos marcando passo.

— Como assim?... Explique-se melhor.

— Em uma classe de aula, Bárbara, há quarenta alunos. Alguns são ótimos, porque prestam atenção nas matérias ministradas pelos professores; outros já não são estudiosos, vão à escola para fazer turismo. Ao final do exercício, os primeiros são promovidos e os segundos, reprovados. Assim também ocorre com os espíritos. A opção é de cada um. Uma minoria aprecia o estudo; a grande maioria contudo não tem a mesma dedicação, logrando pouco aproveitamento; ficam aquém das médias almejadas. Quem é o culpado?... Somente o aluno que não soube aproveitar o tempo estudando, acompanhando as aulas com atenção e interesse. Após cada uma das reencarnações, o espírito reconhece que deixou de fazer o que precisava; por outro lado, conclui que fez coisas que não deveriam ser feitas. Face

ao exposto, tudo que ocorre na nossa vida tem um motivo de ser. Na face da Terra não há inocentes — falou Edmar.

— O Espiritismo parece ser uma religião lógica. Assim, tudo que acontece tem fundamento no merecimento de cada um. Não é isso, Edmar? — perquiriu-o Ciro.

— Exatamente. Não fosse assim, como aceitar a Justiça e o Amor Divinos? — adiantou o jovem detetive.

— Ainda vamos conversar muitas vezes sobre esse assunto — afirmou Bárbara pedindo licença para se retirar, pois precisava ajudar a tia nos afazeres domésticos.

A seguir, a reunião foi encerrada. As sementes das verdades eternas estavam lançadas. A germinação, agora, dependia do coração de cada um.

Vidas Paralelas

11 Posso saber quem foi?

No dia imediato foi a vez de Edmar visitar Bárbara. Esta o recebeu com inequívocas demonstrações de carinho, pois estava visivelmente interessada no jovem. A casa era tão modesta por dentro quanto por fora. Cômodos pequenos, mobiliados com poucas peças. Nada de enfeites nem de quadros nas paredes. As cortinas nas janelas deixavam o ambiente triste e sombrio. A diversão de dona Angelina era assistir as novelas da TV Globo. Seu esposo apreciava o futebol, mas até desse entretenimento estava desinteressado.

Edmar quando chegou estava contente; o ambiente, porém, foi aos poucos eclipsando a sua alegria. Agora já se revelava melancólico, um tanto reservado, a ponto de Bárbara ter notado tal mudança, inquirindo-o:

— O que aconteceu?... Você chegou tão expansivo!...

— Não sei. Esse fenômeno acontece comigo amiúde. Sou facilmente influenciado pelo ambiente. Às vezes, de um momento para outro, sou tomado de intensa alegria; outras, murcho como uma flor. Já me disseram que tenho muita sensibilidade mediúnica, tenho facilidade para captar os fluidos ambientais.

— Lá vem você com informações alusivas à Doutrina Espírita — contestou Bárbara, intrigada.

— Qualquer dia a gente fala desse assunto. É muito importante conhecermos o que ocorre conosco. Concorda?

— E primordial!

Nessa altura entrou na sala sua tia, senhora de uns sessenta janeiros, levando-se em conta a sua aparência. A primeira impressão que Edmar teve foi a de que ela guardava no seu íntimo muitas emoções represadas, que lhe faziam mal.

— Títia, este é o Edmar, um colega. Edmar, esta é titia Angelina, pessoa muito querida do meu coração.

— Muito prazer!... Se você é colega da Bárbara, é também pessoa da minha

amizade.

— A alegria é minha!

— Fiquem à vontade.

— E o titio, onde está?

— Está no banheiro. Até que enfim resolveu fazer a barba, depois de mais de quinze dias; pensei que fosse se vestir de Papai Noel no próximo Natal — considerou dona Angelina.

Realmente, após uns dez minutos apareceu na sala o tio de Bárbara; feitas as apresentações, a jovem disse:

— Titio está aposentado há mais de dez anos. No momento anda fazendo um tratamento médico, mas graças a Deus está bem melhor. Não é titio?

— A minha doença é mais do coração do que física, ou seja, motivada por vicissitudes da vida que abalaram as fibras mais íntimas do meu ser — falou Francisco, revelando a existência de amarguras recolhidas ao longo do tempo.

— A sua aparência é muito boa — aduziu Edmar.

— "Quem vê cara não vê coração", diz o adágio popular. Esta é uma verdade incontestável.

— Após as trevas noturnas sempre surge a aurora de um novo dia...

— Muito bem!... Gostei da colocação! — retrucou Francisco, interrompendo a fala do detetive. Depois, medindo o jovem de alto a baixo e fixando-se no semblante, desculpou-se:

— O médico recomendou leituras, passatempos. Vou cumprir a sua recomendação. Com licença.

— *Tem toda...* Estimo suas melhoras.

— Obrigado.

Edmar permaneceu um instante em silêncio, refletindo sobre a personalidade do tio de Bárbara. Feições duras, olhos vivos e penetrantes, gestos estudados.

— Bárbara, seu tio foi sempre assim?... Notei nele uma certa reserva.

— Edmar, vejo que você é um bom observador. Titio sempre foi uma pessoa alegre; titia também. Todavia, uma ocorrência muito triste fez com que os dois mudassem de comportamento.

— O que aconteceu de tão grave?

— Eles tinham um filho de oito anos, que era o encanto dos dois. Viviam em função de Júnior, que enchia de alegria os seus dias. Criança saudável, viva, inteligente, nasceu depois de muitos anos de casados. Um dia, ao atravessar a rua aqui em frente sem tomar o necessário cuidado, foi atropelado e morto. Titio assistiu a tudo. A rua naquele malfadado momento estava deserta. O automóvel surgiu inopinadamente, não se sabe de onde, numa velocidade incrível e ilegal, motivando a tragédia.

— Meu Deus!... Que desgraça!... — exclamou Edmar, intensamente chocado com o acidente que vitimara Júnior.

— Faz dez anos que titio vive assim, encolhido pelos cantos; não sente mais alegria pela vida.

— E sua tia?

— A titia é aquilo que você constatou. O infortúnio do esposo tem afetado profundamente o seu comportamento. Aliás, não poderia deixar de ser assim.

— São acontecimentos que marcam demais a vida humana. Somente uma estrutura psíquica muito robusta, com conhecimentos do que é a realidade, para poder suportar tais vicissitudes, sobretudo no caso deles que tinham no filho o bem maior de suas vidas.

— Aguardaram com tanta ansiedade a sua chegada, conviveram com o Júnior durante oito anos, construíram os melhores e maiores projetos para o seu futuro; depois...

— Depois tiveram uma dor de tamanha proporção que destruiu todos os seus ideais, soterrando os seus sonhos. Agora, sem ideais, estão vazios, literalmente vazios.

— Realmente!... Você já conhece, em resumo, a vida dos dois. Primeiro, a alegria do nascimento do filho; segundo, a suprema amargura de vê-lo desaparecer de um instante para outro, assim como num piscar de olhos — acrescentou Bárbara, emocionada.

— Uma informação: apenas seu tio viu o acidente?

— Só ele, ninguém mais. O veículo entrou na rua, matou o Júnior e desapareceu, como um bólido destruidor.

— Então ninguém ficou sabendo quem foi o culpado?... O criminoso não foi condenado?... O malvado ainda está impune?... — exclamou Edmar, revoltado.

— Titio sabe quem foi. Ele reconheceu o motorista.

— Posso saber quem foi?

— Pode... O delegado.

Edmar conheceu naquele instante, com desagradável surpresa, o motivo do crime. No entanto, faltava ainda uma pedra para completar o quebra-cabeças. Com relação ao seu pai, não havia mais dúvida quanto à culpa na morte do menor. Contudo, Francisco não parecia ser homem capaz de tirar a vida de alguém.

Vidas Paralelas

12 O Consolador Prometido

Edmar, embora sob o impacto emocional da revelação de Bárbara, ainda assim se recusava a admitir que o tio dela fosse o assassino de seu pai.

— Edmar, você está bem? — perguntou a jovem, notando o descontrole íntimo, momentâneo, apresentado pelo detetive.

— Estou bem, sim. A notícia de que o delegado foi o autor da morte do Júnior me pegou de surpresa. Afinal, fatos graves quando envolvem crianças, seres

frágeis, sempre causam choque emocional — afirmou Edmar, já refeito da emoção.

— Titio lamentou não ter nenhuma testemunha ocular do acidente, a não ser ele. Seria a palavra dele contra a do delegado; daí o motivo por que resolveu silenciar. Esse silêncio está custando a sua saúde, porque depois da morte do Júnior ele sofreu uma mudança radical de comportamento. Sempre triste, indiferente a tudo. Um dos médicos consultados alegou: somente ele tem condições de promover a sua cura. A depressão que o atinge poderá levá-lo à morte.

— Coitado!... Também não é para menos. O Junior conforme você disse, era a razão da sua vida. Assim, ele perdeu a motivação de viver. É bem provável que fosse a reencarnação de um espírito muito querido, amigo de outras experiências terrenas...

— Não entendo!.. Explique-se melhor.

— Não há fronteiras entre nós e os espíritos. Tanto eles convivem conosco, quanto nós convivemos com eles. Veja bem, não estou afirmando que os dois sejam espíritos conhecidos de outras épocas, apenas eu disse ser provável. Vamos admitir que seu tio tivesse que passar por uma situação idêntica à verificada, pois no passado igualmente foi causador de um desencarne nas mesmas condições, determinando sofrimentos superlativos aos seres atingidos. Agora, portanto, face aos mecanismos de justiça das infalíveis Leis Divinas, acabou de quitar tal dívida. Por outro lado, o Júnior precisava também resgatar um compromisso antigo, a fim de lograr condições ideais para evoluir mais rapidamente. Não podemos olvidar, em tempo algum, que ninguém será literalmente livre, se ainda estiver cativo de problemas não solucionados. Assim, o que ocorreu com a morte prematura de Júnior, da forma como nós conhecemos, tem, sem dúvida, uma razão de ser. Não podemos sequer admitir a falibilidade de Deus, que é infinitamente Perfeito em todos os Seus atributos de Grandeza absolutos — esclareceu Edmar, convicto.

— As suas colocações, embora não sejam taxativas, pois ninguém dispõe de capacidade para elucidar perfeitamente as questões que envolvem os escaninhos mais profundos da alma humana, se adaptam aos pormenores da questão.

— Bárbara, não podemos ignorar que não existem duas criaturas absolutamente iguais; semelhantes, sim. Face ao exposto, como você bem concluiu, não temos condições para poder avaliar, com segurança, os acontecimentos que envolvem as criaturas humanas, tanto individuais quanto coletivas — aduziu Edmar.

— De conformidade com o que você tem falado, todos nós somos espíritos ímpares, cada um estagiando em um degrau evolutivo. Estou entendendo, ainda, que os princípios espíritas fazem luz em todos os intrincados problemas que a Humanidade enfrenta, sempre segundo a necessidade e merecimento de cada indivíduo. É isso mesmo?

Nessa altura, Angelina juntou-se aos dois, interessada no assunto.

— Eu estava no quarto, arrumando as roupas nas gavetas. O Francisco, agora, está repousando um pouco. Assim, antes de retornar às minhas atividades normais,

quero participar também do bate-papo. Posso? — perguntou Angelina.

— Perfeitamente. Isso nos dá alegria — adiantou Edmar.

— Você ainda não respondeu a minha pergunta. Estou certa ou não?

— Certíssima!... Sabe por quê?... A Doutrina Espírita foi codificada por Allan Kardec, com base nas informações prestadas por entidades espirituais interessadas em concretizar a promessa de Jesus, quando asseverou que o Pai Celestial enviaria o Consolador, não só para ensinar todas as coisas, como também para lembrar tudo que ele (Jesus) disse (João, **14:26**). Assim, o Espiritismo veio no tempo certo concretizar a promessa do Cristo, não somente esclarecendo as suas lições em espírito e verdade, mas também consolando as criaturas sofredoras, pelas verdades que oferece, embasadas nos Sábios Desígnios Divinos, dando a cada um conforme as suas obras (Mateus, **16:27**). Não há, portanto, criaturas inocentes sofrendo, nem tampouco indivíduos privilegiados gozando de bens imerecidos — Edmar falava com ênfase.

— Edmar — falou Angelina, perguntando novamente — o que nós sofremos com a morte do Júnior, então, já estava programado pela espiritualidade?

— Sem dúvida... Todavia, é bom que se diga que quem sofre resignado, sofre menos; quem sofre revoltado, sofre mais. Quem tem confiança em Deus, aceita as vicissitudes da vida sabendo de antemão que tudo que marca demais as nossas almas recebeu o Aval Divino, pois é exatamente o remédio adequado às nossas enfermidades espirituais, oriundas do nosso orgulho e egoísmo seculares. Assim como o orgulho e o egoísmo são as maiores mazelas humanas, que tanto têm infelicitado a Humanidade em todos os tempos, a humildade e a caridade, virtudes literalmente opostas, irão um dia redimir todos os homens. Esse é o caminho da nossa libertação!

— Edmar, eu também entendo que todas as imperfeições morais humanas derivam do orgulho e do egoísmo. Eliminadas essas duas mazelas íntimas, as pessoas ganharão melhores condições de progredir mais rapidamente.

— Exato. O Espiritismo, tanto quanto o Cristianismo, não cuida de problemas materiais, não tem, pois, conotações com quaisquer artifícios. Pelo contrário, tem como fundamento os recursos evangélicos e os oferecidos por Espíritos de Luz responsáveis pelo magnífico trabalho executado por Allan Kardec, codificando a Doutrina Espírita. Por isso o advento do Consolador, cuja finalidade é dar continuidade aos ensinamentos do Cristo, dissipando todas as dúvidas a respeito. Sobre o assunto não podemos deixar de afirmar que os ensinamentos dados por Jesus em muitos casos foram de modo simbólico, pois os homens naquela época não tinham entendimento suficiente para suportar as luzes de tão sublimes lições. O Messias deixou para o futuro, quando estivessem mais amadurecidos, a interpretação correta, em espírito e verdade, de todos os seus ensinamentos divinos — considerou Edmar, com convicção.

O jovem falava com desenvoltura e certeza, não dando margem a qualquer contestação. A seguir, Angelina pediu licença para se retirar, pois os encargos do lar reclamavam a sua presença. Edmar também manifestou desejo de se ausentar, face ao tempo decorrido.

— Volte sempre — falou Bárbara, de olhos brilhantes.

— Naturalmente que sim. Afinal, eu me sinto verdadeiramente feliz quando estou na sua companhia — respondeu Edmar, despedindo-se da jovem, beijando-lhe a face.

Eram almas afins interessadas em caminharem juntas na conquista dos mesmos ideais, a serem ratificados no estudo e na prática do bem e da verdade.

13 Está escrito nas estrelas!

O amor é o sentimento mais belo e edificante que existe. Entre os seres humanos; remove obstáculos considerados intransponíveis; aproxima seres que vivem em clima de ódio e vingança, fazendo de inimigos, companheiros de jornadas; faz com que pais renunciem a conquistas em benefício dos filhos, muitas vezes ingratos e rebeldes. Se os povos vivessem intimamente em clima de amor a Deus e ao próximo, não haveria tanto sofrimento na face da Terra. Emmanuel, guia do médium Chico Xavier, asseverou com sabedoria: — "Quem ama, compreende; quem compreende, trabalha por um mundo melhor".

Assim, quando dois jovens se amam, todos os percalços serão vencidos; não há problema algum que possa destruir o amor verdadeiro que tomou de assalto seus corações sensíveis. Os amantes vêem tudo colorido, quem não ama vê tudo em branco e preto. O amor é, sem dúvida, a fonte de ideais enobrecidos, sublimes, capaz de fazer com que os seres mais infelizes se tornem ditosos, superando todas as vicissitudes com otimismo e coragem. Olvidam o passado, onde estão armazenados fatos tristes, para somente buscarem, com determinação, a construção de um porvir melhor, sem mescla de quaisquer dissabores e sofrimentos. Jesus deixou entre os homens um roteiro infalível para a nossa redenção espiritual: — "Amai a Deus acima de todas as coisas e ao próximo como a si mesmo" (Lucas, **10:27**), esclarecendo mais que tal máxima enfeixava todos os profetas e a lei. E, portanto, o caminho seguro para todas as realizações sublimadas.

Edmar e Bárbara se amavam, apesar de os jovens não terem abordado ainda esse assunto de tão magna importância. A meta que levava Edmar à pensão era apenas profissional; o seu objetivo era, tão-somente, descobrir o assassino do seu genitor. Atualmente, com o desenrolar dos fatos, pensava de maneira bem diferente. Seu pai tinha muitos inimigos, não só em consequência da função de delegado que exercia, como também pelo seu caráter um tanto deformado, sempre metido em conquistas escusas. Isso não quer dizer que os delegados sejam todos

assim, absolutamente! Trata-se de uma profissão das mais espinhosas, cumprida por autênticos profissionais, que procuram coibir abusos e pôr ordem onde se faz necessário, mesmo que, no cumprimento do seu dever, tenham que encarcerar indivíduos turbulentos e criminosos de todos os matizes. Frederico era a exceção à regra.

Outro fator que fez com que Edmar alterasse o seu conceito foi o fato de os tios de Bárbara estarem seriamente abalados com a morte do filho. Francisco sofria a ausência do menor, a ponto de estar definhando a olhos vistos. Junior era tudo que ele tinha. Agora, com a sua morte, todas as suas perspectivas de vida foram destruídas.

Face aos resultados obtidos Edmar resolveu retornar à sua casa sem contudo interromper de vez suas investigações, até porque não era pensamento seu deixar de rever Bárbara. Pelo contrário, pensava iniciar um romance com ela, cujo epílogo seria o advento do casamento. Para tanto foi à casa da jovem, inteirá-la dos seus objetivos.

— Você quer me dizer que vai voltar para a sua cidade?

— Não é bem isso...

— Explique-se melhor!

— Antes de mais nada eu quero pedir desculpas a você...

— Pedir desculpas?!... Agora é que eu não estou entendendo mais nada!

— Eu disse a você que morava em outra localidade, quando o correto seria dizer que eu moro nesta mesma cidade. No início eu precisava mentir, para não levantar dúvidas a meu respeito. Hoje, depois que eu a conheci, penso completamente diferente. Entretanto, ainda não posso dizer claramente o motivo que me levou a permanecer alguns dias hospedado na Pensão Rosicler...

— Então, há um mistério na sua vida também?!

— Também!... Por quê?!

— Titio tem um mistério...

— Você já me falou disso.

— Ontem nós tivemos um dia dos mais amargurados. O carteiro trouxe o extrato bancário do mês, referente à caderneta de poupança que o titio tem. Como a caderneta é conjunta, a titia abriu o extrato certificando-se do total depositado. Como titio fez uma retirada significativa, titia procurou saber o motivo. Ele nada disse, simplesmente ignorou a pergunta. Titia ficou uma fera, também não era para menos. As economias, feitas durante anos, desapareceram!

— Não diga?!

— Pois é. O curioso é que a retirada do dinheiro coincide com a data da viagem que ele fez, ficando fora de casa dois dias. O motivo da viagem ninguém sabe. A titia cansou de pedir que ele esclarecesse o mistério. Tudo em vão! — afirmou Bárbara.

— Interessante!... Muito interessante!...

— Quer dizer, agora além do mistério do titio, há também o mistério do senhor. E eu, como fico?

— O meu mistério, mais dia menos dia, você vai conhecer. E promessa que eu faço solenemente. Outra coisa: tenho a certeza absoluta de que você irá me dar razão...

— Ainda mais essa?! — retrucou Bárbara, sorrindo.

Os dois jovens se entreolharam por um momento, reafirmando sentimentos enobrecidos nutridos em seus corações, não obstante não terem ainda tocado em tal assunto. Edmar, retomando a palavra, dirigiu-se a jovem nestes termos:

— Eu vou embora; contudo, quero levar comigo motivos que possam me fazer retornar saudoso para revê-la.

— Outro mistério?!...

— Não, absolutamente não! Apenas eu quero, de todo coração, ser seu namorado. Isso naturalmente se você pensar da mesma maneira.

— Atualmente eu não quero outra coisa. Será o início de uma vida a dois, eu tenho a certeza disso.

— Não sei se estou sendo atrevido, mas desejo selar o nosso namoro com um beijo. — Nessa altura, Bárbara ofereceu seus lábios para o ósculo amoroso.

A partir desta data os dois jovens não perdiam oportunidades para se reverem. Nasceu entre os dois um romance dos mais sinceros e ardentes, em termos de sentimentos puros, que vaticinavam um casamento feliz. Edmar costumava dizer, como o poeta, numa bela canção:

— "O nosso amor, meu bem, está escrito nas estrelas". E, portanto, para todo o sempre!

Tendo em vista os fatos do seu conhecimento, Edmar chegou à conclusão de que o tio de Bárbara fora mandante do assassinato do seu genitor. Em virtude de estar doente, ele jamais teria condições físicas e psicológicas para assassinar alguém. No entanto, a retirada do dinheiro da poupança e a viagem misteriosa levavam-no a admitir que Francisco havia contratado um matador de aluguel para executar o "serviço".

— Meu Deus!... Como agir diante de tais evidências? Estou perdido num beco sem saída! Deixar tudo como está?... E o assassino de aluguel, continuará a eliminar vidas?... — monologou o jovem detetive, sinceramente preocupado.

14 Começo de uma nova vida

Os pais de Gaio não sabiam o que fazer para solucionar Hde vez os problemas normalmente criados pelo filho, oriundos do seu comportamento, ou seja, avesso ao estudo e ao trabalho. Como se isso não bastasse, continuava enturmado a um grupo de jovens que pautavam pela mesma cartilha. Em casa, Caio era refratário a todo tipo de diálogo, até porque, com relativa frequência, os genitores procuravam

demovê-lo da sua vivência condenável.

O dia estava encoberto, nuvens espessas toldavam a paisagem, pressagiando chuvas para as próximas horas. A atmosfera estava quente, abafada. A alma de Eloísa, igualmente, estava triste. O clima familiar estava melancólico. O marido também levantara, naquele dia, um tanto apreensivo. Caio, como de hábito, chegara de madrugada, ainda dormia, como se tudo estivesse na mais absoluta normalidade. O jovem, com o seu comportamento divorciado das corretas normas de vida, pouco a pouco ia complicando a sua existência, sem saber que o terreno que percorria era perigoso, cheio de vicissitude, de sofrimentos e de lágrimas.

— Gilberto, nós sabemos que as coisas não estão bem; porém, não é menos verdade que estamos de mãos atadas, sem saber o que fazer.

— Eu igualmente partilho da sua opinião. Temos que dar tempo ao tempo. Eu não almejo nada de ruim ao nosso filho, mas tenho certeza absoluta de que só um problema de difícil solução será capaz de alterar o seu modo de ser, despertando-o para a legítima realidade.

— Eu tenho rogado a Jesus, nas minhas orações, o seu amparo, para que nada de mal ocorra ao nosso filho. Entretanto, eu sinto que ele está na borda de um precipício...

— Meu bem, não diga isso, nem por brincadeira...

— Lamento ter que lhe dizer, mas o meu sexto sentido não falha. Deus é quem sabe como sofro não podendo ajudar acrescentou a esposa, preocupada.

— Eloísa, quando a gente pensa no mal, está sem saber trabalhando para que o mal se instale no nosso coração e na nossa casa.

— Eu sei. Daí a razão por que eu tenho feito de tudo no sentido de despertar no Gaió a noção do dever. O meu ardente desejo é que seus hábitos mudem. Gostaria de vê-lo de volta aos estudos, edificando o seu futuro em bases sólidas e seguras.

Nessa altura Eloísa recebe a visita costumeira de uma das suas vizinhas. Elas se visitam com certa regularidade, são amigas desde o tempo escolar e têm portanto, muitas coisas em comum. Assim que Rute viu Eloísa, perguntou-lhe:

— Amiga, o que lhe aconteceu?

— Nada fora da rotina habitual.

— A sua fisionomia revela cansaço. Você não dormiu bem? — tornou Rute, preocupada com a saúde da amiga.

— Você já conhece o meu problema.

— Eu sei... Eu sei...

— Então... Só temos um filho, fazemos gosto que ele seja um homem íntegro, honesto, trabalhador... Com intensa amargura estamos constatando que ele é exatamente o oposto destas qualidades que tanto distinguem as criaturas de bem. E isso aí, minha amiga.

— Você sabe que eu a considero minha irmã. Sei que há irmãos de sangue que

não se dão tão bem quanto nós duas. Concorda?

— Concordo. A recíproca é verdadeira. As suas visitas sempre são portadoras de boas novas. Hoje, por exemplo, qual o motivo da sua presença?

— Eloísa, meu esposo trouxe para casa um livro que me encantou: PAULO E ESTÊVÃO, de autoria do espírito Emmanuel, psicografia do médium Chico Xavier.

— Rute, eu já li um livro psicografado pelo Chico. Gostei, mas não dei tanto valor à obra, talvez porque naquela ocasião eu não tivesse clima íntimo propício a tal leitura.

— Já aconteceu comigo de ler um livro e gostar demais do seu conteúdo e depois de algum tempo reler a obra e não encontrar as mesmas alegrias notadas por ocasião da primeira leitura. E o que você acaba de afirmar: muitas vezes o nosso íntimo não está afinado com o tipo de leitura. Contudo, há certos livros em que a gente encontra sempre encanto crescente, cada vez que toma a iniciativa de reler suas páginas. São fontes de ensinamentos preciosos que não podem ser relegados a segundo plano. — Ato contínuo, Rute retirou de um embrulho o livro citado, passando-o às mãos da amiga.

— Eu quero que você leia esta magnífica obra; depois, então, iremos conversar sobre o assunto. Tenho plena certeza de que o seu conteúdo irá modificar as suas ideias, motivando* a a passos positivos, apesar dos problemas dolorosos comuns à sua vida — considerou Rute, otimista, acrescentando ainda: — Eu só vim saber como a amiga estava passando e trazer o livro, desejando-lhe boa leitura.

— Obrigada. Até outra hora. Volte sempre.

As duas se despediram, com um forte abraço e votos de um próximo encontro para tratarem do tema abordado pelo livro.

Eloísa começou naquele mesmo dia a leitura da obra. Ficou encantada com o romance sobre a vida e obra de Paulo de Tarso, o vidente de Damasco. Depois de ler umas cinquenta páginas não se conteve e telefonou para Rute.

— Alô!...

— Oi, Rute, tudo bem?

— Graças a Deus!... O que você manda?

— Já li boa parte do livro... E lindo!!... Que obra maravilhosa!

— O livro contém páginas de rara beleza, que servem ao mesmo tempo de temas de estudo e normas de conduta. Paulo de Tarso foi o vaso escolhido do Senhor. Trata-se de uma preciosidade da literatura espírita. Sabe, Eloísa, eu vou adquirir outros livros de Emmanuel. Já me disseram que ele tem muitos, todos psicografados pelo médium Chico Xavier.

— As lições constantes das suas páginas me trouxeram conforto ao coração. O Gilberto apanhou o volume, olhou-o demoradamente e depois colocou-o no mesmo lugar, sobre a mesinha de centro da sala. Não se manifestou, ficou calado.

— E bom sinal; pior se ele se revelasse contrário, condenando-o.

—Isso ele não faz. Só condena as coisas depois de conhecê-las e considerar prejudiciais. Rute, o Gilberto sabe o que faz. Ele está notando a modificação que a leitura está operando em mim. Assim, mais dia ou menos dia ele igualmente vai se interessar pela obra, colhendo os valiosos ensinamentos que ela contém — falou Eloísa, com intuição.

— Hoje à tarde eu irei até a livraria espírita comprar alguns livros — comunicou Rute.

— Ah!... Então iremos juntas — propôs Eloísa, eufórica.

— Claro. Eu pretendo organizar uma pequena biblioteca espírita em casa. Eloísa, cara amiga, não podemos permanecer estacionárias, há tanta coisa bonita para se conhecer — afirmou Rute.

— Iremos juntas. Eu passarei pela sua casa às quatorze horas. Está bem?

15 A opção é nossa!

Na hora combinada as amigas Eloísa e Rute entraram na livraria espírita, dirigindo-se à jovem que atendia o público interessado na aquisição de livros.

—O que desejam?—perguntou a funcionária, polidamente.

— Desejamos comprar alguns livros espíritas — adiantou Rute.

— Que tipo de leitura preferem?... Romances, doutrinários, evangélicos?

— Como estamos interessadas em conhecer o Espiritismo...

—Já leram alguma obra espírita? — inquiriu-as a balconista, interrompendo a fala de Eloísa.

— Eu já li PAULO E ESTÊVÃO. Agora a Eloísa está com o livro. Como esse tipo de leitura despertou a nossa curiosidade, pela lógica que apresentam os seus ensinamentos, tomamos a liberdade de vir aqui e adquirir alguns volumes que pudessem nos esclarecer melhor sobre os princípios espíritas — respondeu Rute.

— Muito bem!... Aos iniciantes eu recomendo romances. São leituras agradáveis, além de abordar de quando em vez temas doutrinários, que elucidam a nossa mente e confortam o nosso coração.

— Bem lembrado!... É exatamente disso que estamos precisando —afirmou Eloísa, eufórica.

— Vejamos. Esta semana o romance que está sendo bem vendido é RENÚNCIA, de Emmanuel. Outro que tem boa procura é "A VIAGEM", do professor João Duarte de Castro, editado pela EME...

— Pela EME?...

— Editora Espírita "Mensagem de Esperança".

— O romance citado é bom mesmo?

— Muito bom. Já está na sétima edição.

— Então vamos levar os dois. Como é o seu nome?

— Darlene. E o de vocês?

- Eu me chamo Rute; minha amiga, Eloísa.
- Tudo bem, alguma coisa me diz que a partir de agora seremos boas amigas. Estou certa? — perguntou Darlene.
- Certíssima — afirmaram as duas amigas, a uma voz. Depois, Eloísa, indagou:
- Darlene, você tem algum livro que nos oriente a respeito de problemas familiares?
- Temos uma excelente obra, ainda da Editora EME, de autoria do consagrado escritor Celso Martins. O título: O SEXO E O AMOR EM NOSSAS VIDAS — informou Darlene, contente pelo interesse demonstrado pelas duas compradoras.
- Gostaríamos também de levar uma obra evangélica.
- Rute, então leve o PALAVRAS DEVIDA ETERNA, de Emmanuel.
- Não precisa dizer mais nada. É esse mesmo! — retrucou Rute, que ficara maravilhada com o livro PAULO E ESTÊVÃO, do mesmo autor.

Assim as duas amigas despediram-se de Darlene, levando os quatro livros. Seus corações agora batiam mais forte, adivinhando as horas felizes que iriam desfrutar com as leituras dos exemplares adquiridos.

O interesse do público pelas obras espíritas tem aumentado consideravelmente. As pessoas estão um tanto desencantadas com os conceitos tradicionais das demais religiões. Hoje em dia o povo gosta de analisar detidamente todos os acontecimentos que ocorrem, comparando-os com as lições evangélicas e buscando explicações racionais. Se Deus é amor (Iª Epístola de João, 4:8), por que o sofrimento campeia por toda parte?... Por que a dor e a lágrima são uma constante na vida humana?... Não podemos esquecer, em tempo algum, que as leis Divinas são Misericordiosas, porém Justas.

Assim, como o alimento material é indispensável à manutenção do nosso vaso físico, o alimento espiritual, ou seja, o conhecimento das lições evangélicas é, também, imprescindível à saúde do espírito. E bem verdade que o conhecimento, para se tornar aquisição intransferível, fazendo parte das nossas aquisições pessoais, precisa ser vivenciado nas nossas atividades cotidianas. O Evangelho ensina que o amor é a principal virtude; logo, precisamos amar o nosso semelhante. O Evangelho ensina que o perdão é uma das virtudes mais atuantes no íntimo das criaturas; assim, igualmente, devemos exercê-lo durante toda a nossa vida de relação com o nosso próximo. Emmanuel asseverou, certa vez: "Quem realiza, caminha à frente daquele que sabe". O conhecimento da verdade é bom, porém a sua exemplificação é excelente!

Acresce notar que a Providência Divina confere a cada indivíduo de acordo com o seu merecimento. Os recursos de que dispomos são muitos, sobretudo a inteligência, a saúde física e mental, a família bem organizada, a oportunidade de servir na seara cristã; são dádivas espirituais que não têm preço, não podem ser dispensadas. Quem quer auxiliar o seu semelhante, sempre encontra mil ensejos

de ser útil. Os benfeitores espirituais, conhecendo a nossa vontade de ajudar aqueles que sofrem, virão ao nosso encontro com os recursos indispensáveis, curando ou então minimizando as dores, solucionando os problemas, sempre com fundamentos na lei do merecimento, que é indestrutível. Para Deus não há filhos privilegiados. A Justiça Infinita funciona sem restrições, nada fica à margem do Poder Soberano.

Eloísa e Rute estavam iniciando um novo aprendizado, capaz de levá-las ao conhecimento de verdades até então, desconhecidas. A realidade da vida humana não é apenas aquela que conhecemos e desfrutamos cotidianamente. A nossa destinação é bem outra, ou seja, o Pai Celestial nos criou para atingirmos a perfeição.

Com o conhecimento da verdade, o homem adquire condições íntimas para solucionar os seus problemas adequadamente, com base nas lições de luz e amor do Evangelho. O Divino Amigo afirmou: "Buscai primeiro o Reino de Deus, e a Sua Justiça, e todas as demais coisas vos serão acrescentadas" (Mateus, 6:33).

Acrescentadas, sim; contudo, as indispensáveis à nossa evolução espiritual e não as supérfluas que prejudicam os seres durante as suas jornadas terrenas de recapitulação de experiências malogradas. As vidas sucessivas proporcionam ensêjos renovados de refinamento espiritual, através das diversificadas etapas de crescimento nos caminhos infinitos a percorrer.

As duas amigas estavam certíssimas, sentiam necessidade de conquistar recursos novos, normas de vida que fugiam às costumeiras; precisavam preencher o tempo disponível valorizando os seus dias. Além do mais, Eloísa tinha necessidade urgente de solucionar os problemas atinentes ao comportamento perigoso do seu filho. Ela sabia, e já participara ao esposo, que unicamente uma situação das mais difíceis seria o remédio adequado para acordar o filho do entorpecimento em que vivia, alheio a tudo, entregue à ociosidade, caminhando sem saber para um precipício, de onde sairia um dia após suportar muito sofrimento.

Cada um de nós escolhe o seu próprio caminho. A opção é individual.

16 As primeiras tarefas

No dia imediato aos acontecimentos narrados no Capítulo anterior, Eloísa, logo pela manhã, quando providenciava pão e queijo na padaria da esquina próxima à sua residência, constatou um grupo de pessoas rodeando um homem sentado na calçada, revelando desequilíbrio mental.

— Hoje você furtou um pão, amanhã o que vai roubar? — afirmava um dos presentes, de dedo em riste.

— O Paulinho tem fome, precisa comer—alegava o infeliz, trêmulo.

— " Paulinho coisa nenhuma. Você tem o hábito de se apropriar do que não lhe pertence — reagiu outro que assistia a tudo.

— Não é de hoje que o povo daqui vive amedrontado com a sua presença — alegou outro personagem do grupo.

— Ele é pacífico, não faz mal a ninguém — falou uma senhora defendendo o acusado.

Nessa altura, Eloísa, não podendo se conter, juntou-se ao grupo perguntando:

— Posso saber o que está acontecendo?

— Este homem tem o hábito de roubar. Hoje ele entrou na padaria e tirou um pão, alegando que o seu filho Paulinho tem fome, precisa comer. Não é a primeira vez que ele procede assim. Nós que presenciamos tudo estamos inquirindo-o a respeito — esclareceu um jovem

— Já procuraram saber a sua identidade, onde mora, qual a situação da sua família? — indagou Eloísa, polidamente.

• — Isso não. Ninguém cogitou de fazer tais perguntas — tornou o mesmo jovem, admirado pelo interesse de Eloísa.

— Eu sei onde ele mora — afirmou um garoto.

— Onde? — indagou Eloísa.

— No final desta rua tem três barracos; ele mora num deles.

Esse homem tem "miolo mole".

— Como assim?

— Não sabe o que fala, nem o que faz — acrescentou o menino.

— Logo, pode se tornar perigoso de um momento para outro — argumentou um dos presentes, o mais irritado do grupo.

— Deixem o problema comigo — propôs Eloísa. Depois, dirigindo-se ao menino, solicitou: — você me leva até o barraco dele?

— Levo.

— Então, você está à procura do Paulinho?... Nós dois vamos procurá-lo. Está bem? — falou Eloísa ao desconhecido, que se pôs em pé, incontinenti.

— Até que enfim, acabo de encontrar alguém que acredita em mim e deseja me ajudar... Vamos, sim.

— Primeiro vamos pagar o pão que você pegou. — Ato contínuo, Eloísa entrou na padaria para pagar o pão. A jovem que atendia no caixa informou que não era nada.

— Obrigada pela compreensão.

Saindo da padaria, Eloísa convidou o homem a acompanhá-los. Foram os três até o barraco indicado pelo garoto.

— Ele mora naquele barraco com telhado de zinco — disse o menor.

— Obrigada. Como é seu nome?

— Anderson.

— Que nome bonito!... Sabe que você acaba de realizar uma ação cristã?

— Será?... — exclamou, de olhos bem abertos.

— Perfeitamente. Eu e meus amigos vamos procurar resolver de vez a situação

deste homem.

— Sei... Sei... — tornou Anderson, afastando-se de Eloísa.

Ali, à sua frente, estavam três barracos dos mais pobres da região. Eloísa foi até o indicado, batendo na porta. Apareceu uma mulher simpática, aparentando cinquenta anos de idade.

— Olha só!... quem está aqui!... O Floriano voltou!... Graças a Deus!... — exclamou a mulher, surpresa. Depois, dirigindo-se a Eloísa, perguntou: — Onde a senhora o encontrou?... Há mais de uma semana que ele se foi, não sabemos pra onde...

— Gomo é o seu nome?

— Alzira, para servi-la.

— Obrigada. O meu nome é Eloísa. Ele é seu marido?

— Sim. Sempre foi um homem trabalhador, bom pai, bom marido, até o falecimento do Paulinho, nosso filho. A partir dessa data tudo mudou — os olhos de Alzira ficaram encobertos de pranto.

— Tudo bem. As coisas vão mudar. Quem são os seus vizinhos?

— Neste barraco mora Georgina com seus dois filhos menores. Ali mora o casal Américo e Veridiana, eles têm três filhos; no momento ele está desempregado. Aqui, dona Eloísa, mora a pobreza. Quando eu tenho algum alimento em casa, eu divido com eles; o mesmo eles fazem, dividem comigo a comida que ganham — falou Alzira, limpando as lágrimas na manga da blusa, já bastante surrada.

— Eles não estão em casa?... Ou será que ainda estão dormindo?

— Saíram todos; foram à feira-livre atrás de algum alimento doado. Além dos feirantes, as donas de casa sempre ajudam com alguma coisa. A senhora sabe, o que ganharem será sempre bem-vindo — aduziu Alzira, procurando fazer amizade com Eloísa.

— A tarde eu voltarei; diga aos seus vizinhos que eu quero conversar com todos. Combinado?

— Combinado. Até logo mais.

Eloísa assim que chegou em casa verificou que o marido já havia saído para o supermercado. Caio ainda dormia o sono dos "justos". Assim, tão logo encontrou um tempinho disponível, telefonou para o esposo, colocando-o a par dos últimos acontecimentos. Gilberto ouviu a esposa, atentamente, sem interferir na sua palavra. Quando Eloísa deu por terminado o telefonema, Gilberto disse:

— Meu bem, você podia me contar tudo isso na hora do almoço, não era necessário telefonar agora.

— Eu já lhe adiantei que pretendo ir visitar novamente os barracos pobres, à tarde. Como a necessidade lá é enorme, procure arranjar três caixas de papelão e enchê-las com alimentos os mais necessários, uns quinze quilos em cada uma. Meu bem, eles não têm nada em casa...

— Olha lá o que você pretende fazer. Cuidado! Há muitos espertalhões vivendo por aí folgadoamente.

— Não se preocupe. Eu sei muito bem o que devo fazer. Afinal, as lições do Evangelho do Cristo precisam ser vivenciadas. Não podemos afirmar que somos cristãos divorciados de tais ensinamentos.

— Você parece bastante segura do seu projeto...

— Graças a Deus nós temos de tudo. A tarde, eu e a Rute iremos ver o que se pode fazer em favor daquela comunidade de seres infelizes - aduziu Eloísa, interrompendo a fala do marido.

— Está bem!... Está bem!... Na hora do almoço nós conversamos melhor sobre o assunto. Tá?

—Aguardo você!...

17 Ensinando a pescar

Em seguida Eloísa telefonou para Rute, inteirando-a da Hexperiência vivida naquele dia e convidando-a para uma visita à comunidade pobre, logo mais à tarde. Rute aceitou o convite, até porque também sentia necessidade de fazer alguma coisa em favor dos desprotegidos da sorte. As duas amigas se afinavam mutuamente: não só trabalhavam pelo bem-estar dos próprios familiares, como também não se omitiam em ajudar todos que batessem às suas portas, buscando recursos para a própria sobrevivência. Estavam intimamente amadurecidas e ansiavam por um mundo novo.

As quatorze horas as duas chegaram à comunidade pobre, em uma Kombi do supermercado. Alzira foi a primeira a aparecer, seguida dos demais moradores dos barracos.

— José, entregue uma caixa em cada uma das moradias, por favor — determinou Eloísa.

— Obrigada por tudo, dona Eloísa — falou Alzira, emocionada, retendo as lágrimas com dificuldade.

— Dona Eloísa, eu devo esperá-la? — indagou o motorista. — Não, José. Nós vamos demorar aqui. Na volta eu e a Rute faremos o percurso a pé, conversando um pouco mais sobre o assunto — respondeu a patroa.

— Então, tudo bem. Até logo.

— Estão todos aqui, Alzira?

— Estão, sim, dona Eloísa.

— Muito bem. Antes da nossa conversa, eu quero lhes apresentar a minha amiga Rute, também interessada em auxiliá-los. Como é que vocês foram hoje, na feira-livre?

— Trouxemos bastante fruta e batata; depois de escolher, ficamos com a metade; mas sempre é alguma coisa para quem não tem nada — acrescentou Veridiana, polidamente.

—Além dessas providências, o que você faz durante o dia?

— indagou Eloísa.

— Tomo conta dos meus filhos. Não fossem eles e eu poderia pegar faxinas semanais. O Américo está desempregado há mais de seis meses. É uma das vítimas da crise — respondeu Veridiana.

— Sei... Georgina, e a sua vida no que consiste?... Quais as suas atividades?

— Dona Eloísa, eu também passo o dia cuidando dos meus filhos. Meu marido sempre ganhou pouco. Assim, apavorado com a situação, resolveu desaparecer — esclareceu Georgina, timidamente.

— E você, Alzira, como vive?

— Dona Eloísa, nós vivíamos bem, até que o nosso filho morreu, vitimado por uma forte pneumonia. Ele estava doente, no princípio pensávamos que se tratava de um forte resfriado ou gripe; isso fez com que a gente se descuidasse um pouco. Assim, quando procuramos os recursos médicos já era tarde demais. Desde esse dia o Floriano não "bate bem", perdeu até o emprego. Agora, só pega pequenos bicos, isso quando está bom. Não está recolhendo a contribuição para o INSS, não tendo direito a aposentadoria e consultas médicas. O que eu faço diariamente?... Muito pouco — informou Alzira, envergonhada.

— O Floriano tem esse problema mental há muito tempo?

— perguntou Rute, usando da palavra pela primeira vez.

— Quase três anos. Às vezes ele passa meses sem nada. Ele é trabalhador. Nesses períodos a gente vive bem, e tem condições de ajudar os vizinhos. Os seus desequilíbrios são de alguns dias. Quando as crises passam, ele volta para casa, como aconteceu hoje; porém com uma diferença: hoje a senhora o trouxe, é por isso que ele ainda não está bem. Agora, por exemplo, Floriano está sentado no chão, alheio a tudo e a todos, murmurando baixinho que precisa levar pão para o Paulinho comer — esclareceu Alzira, preocupada com a sorte do marido.

— Nós queremos resolver os problemas daqui, mas precisamos contar com a cooperação e boa vontade de todos — acrescentou Eloísa.

— Veridiana, por que o Américo não toma conta dos filhos durante o dia, enquanto você faz algumas faxinas? — indagou Rute, examinando a reação do casal.

— Já tentei, dona Rute, não deu certo. O Américo é muito nervoso e não suporta as brincadeiras das crianças.

— Então, vamos fazer um programa de trabalho que possa dar certo. Todos terão que fazer alguma coisa, todos mesmo! — afirmou Eloísa, categórica.

— Cara amiga, o que você sugere que eles façam para resolver a atual situação de vez?

— Vejamos, Rute. A partir de amanhã, as crianças ficarão sob os cuidados da Alzira. Veridiana e Georgina irão procurar faxinas para fazer em casas de família. Esses serviços não são difíceis de serem executados a contento das patroas e o ganho é razoável. As duas destinarão uma parte do que ganharem a Alzira, pelo seu trabalho. Como vocês ganharão diariamente, igualmente pagarão a Alzira todos os

dias. Esses recursos inicialmente serão pequenos, mas com o passar dos meses vão aparecer outras faxinas, conseqüentemente o dinheiro ganho também irá crescer. Caso vocês se revelarem competentes profissionais, serviço não vai faltar. O importante é fazer bem as tarefas e ser de confiança das patroas — finalizou Eloísa, com convicção.

— Vocês entenderam bem o que fazer a partir de amanhã? — perguntou Rute, buscando confirmação.

— Perfeitamente, dona Rute — afirmou Veridiana.

— Depois que vocês adquirirem experiências nas tarefas de faxina aí então nós iremos colocá-las em casas de amigas. No futuro, caso haja necessidade, podemos igualmente recorrer a creches da prefeitura.

— A gente já pensou nisso — informou Georgina. — Contudo as creches estão do outro lado da cidade, o que dificulta levar as crianças diariamente.

— Realmente. A prefeitura construiu as creches perto da localidade onde há maior número de crianças carentes, possibilitando às mães arranjar empregos, sobretudo domésticos — considerou Eloísa. — Então, como é, está combinado?

— Combinado — adiantou Alzira, disposta a cooperar na execução do plano estabelecido pelas duas amigas.

— Então, daqui a quinze dias nós voltaremos para saber dos resultados — finalizou Eloísa, retirando da pequena sacola que portava dois pacotes de bolachas, distribuindo-as às crianças, cujos olhinhos brilharam de satisfação.

Já de volta às suas respectivas casas depois de analisarem as providências tomadas, Rute perguntou:

— Por que somente o Américo foi poupado?

— Por que eu quero testá-lo.

— Como assim?... Não entendo!...

— Quero mexer com os seus brios. Tenho certeza de que a partir de amanhã ele irá igualmente procurar uma colocação. Unicamente ele ficou sem atribuição; isso vai incomodá-lo. Quando Floriano recuperar o seu equilíbrio mental, será chegada a hora de conversarmos com ele também.

— Ah!... já sei. O nosso objetivo é ensiná-los a pescar.

— Exato!...

18 Isso é vingança

Eloisa e Rute estavam encantadas com o conteúdo dos livros comprados; várias vezes se reuniram a fim de dialogar a respeito das magníficas lições ali contidas. Após alguns meses, adquiriram também as obras básicas da Doutrina Espírita, acertando que estudariam juntas, ora na residência de Eloísa, ora na de Rute. Assim teriam um aproveitamento melhor, com base na permuta das interpretações dos textos. O primeiro livro a ser compulsado foi O LIVRO DOS MÉDIUNS, isso

porque Eloísa fazia alguns meses, vinha sentindo a presença de um espírito ao seu lado, sem fazer qualquer alusão sobre o assunto.

No decorrer das reuniões de estudo, a mediunidade de Eloísa foi aflorando aos poucos, porém de maneira segura. Após algum tempo, Eloísa colocou a amiga a par da presença de uma entidade, julgando necessário procurarem um Centro Espírita, a fim de serem devidamente orientadas. Assim, acharam conveniente conversar sobre o assunto com o presidente do Grupo Espírita "Seara do Bem". Recebidos com inequívocas demonstrações de fraternidade, o dirigente, após ouvi-las, adiantou:

— Os sintomas apresentados indicam mediunidade. Todavia, nada posso afirmar, considerando que não existem dois casos iguais; semelhantes, sim. Eloísa, você tem algum conhecimento das verdades espíritas?... principalmente sobre mediunidade?

— Eu e a minha amiga já lemos uma dezena de livros. Acabamos de ler e analisar o conteúdo de O LIVRO DOS MÉDIUNS; daí resultou o nosso interesse em vir falar com você para dirimir as dúvidas.

— Então vocês já têm conhecimento dos princípios básicos da Doutrina Espírita. Isso facilita bastante; vamos fazer uma experiência. Hoje a noite teremos um trabalho mediúnico; gostaria de contar com a presença das duas. Posso?

— Perfeitamente!... A que horas? — indagou Rute.

— As dezenove e trinta. Está bem?

— Combinado — acrescentou Eloísa, jubilosa.

No horário aprazado, as duas amigas apresentaram-se no Grupo Espírita. O trabalho mediúnico seria realizado numa sala contígua ao salão de palestras. Naquela noite não havia outra atividade. Após conversarem animadamente no salão sobre assuntos doutrinários, quando o relógio anunciava vinte horas o grupo dirigiu-se à sala mencionada. Jacinto, o dirigente, pediu para que Eloísa sentasse à sua esquerda; à sua direita sentou-se Clóvis, ao lado dele Rute. As outras três cadeiras foram ocupadas por Fahianò, Hugo e Iida.

O trabalho foi iniciado com a leitura de uma página de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, que mereceu belo e edificante comentário do dirigente. A seguir foram feitas as orações em benefício das pessoas enfermas que aguardavam atendimento à distância. Dando continuidade, o irmão Jacinto considerou aberto o intercâmbio com o plano espiritual. Nessa altura, ocorreu um fato digno de registro. Eloísa deu passividade e uma entidade, que se manifestou nestes termos:

- Queridos irmãos\ estou jubilosa pelo trabalho realizado. Até porque estou tendo ensejo de falar através de Eloísa que foi minha filha em uma das minhas existências passadas. Eu tenho estado ao seu lado, ultimamente incentivando-a a leituras espíritas, bem como auxiliando-a a bem interpretar tais lições fundamentais às tarefas que terá de exercer em nome de Jesus, a favor dos pequeninos da Terra. Este grupo poderá lograr boas experiências no campo do amor ao próximo. As vicissitudes da nossa vida devem ser catalogadas como valiosas conquistas de enriquecimento espiritual. O motivo principal

da minha presença foi externar a minha alegria em poder falar por intermédio da Eloísa, falha cara ao meu coração. Jamais abandonem as atividades da seara de Jesus. Que o Divino Amigo nos abençoe a todos. Muita paz!

Após alguns minutos, Glóvis deu passividade a um espírito um tanto turbulento, rebelde, não escondendo o fato de estar ali contra a sua vontade.

— Meu irmão, pacifique o seu coração; afinal, todos nós somos amigos e filhos de Deus...

— Será?!... Vocês nem me conhecem!... Qual o interesse em me atraírem para cá?

— Vamos conversar um pouco, assim chegaremos a um entendimento. Tenho certeza de que você já sabe que é um espírito livre da matéria, ou seja, do corpo que lhe servia de habitação na última encarnação.

— Já sei de tudo isso... E daí?... — perguntou, ríspido.

— Todos nós somos filhos de Deus, criados à Sua imagem e semelhança, destinados à perfeição. Somos dotados de livre- arbítrio, isto é, temos liberdade para agir como bem entendermos. No entanto, somos responsáveis pelas nossas ações. Assim, o bem que fizermos em favor dos nossos semelhantes, somente nos favorecerá na mesma medida e proporção. Por outro lado, o mal que produzimos em detrimento do nosso próximo, unicamente nos fará conhecer dias de dores e lágrimas futuras, como instrumentos de necessária regeneração. É fácil entender. Quem planta espinhos não poderá colher flores. Quem semeia a boa semente, somente colherá bons frutos. Você está acompanhando o meu raciocínio? — indagou o dirigente, com carinho.

— Estou, sim. Contudo, não sei aonde você quer chegar com esse palavrório!

— Queremos esclarecê-lo de que poderá ser feliz ou desditoso, dependendo unicamente do seu comportamento. Nada escapa à Sábia e Justa Lei Divina, que confere júbilos espirituais a todos que laboram na seara do bem; do mesmo modo, são visitados pelo sofrimento todos aqueles que procuram infelicitar os seus semelhantes...

— Isso é vingança!... Se Deus é bom, como entender tamanho disparate? — retrucou o espírito.

— Deus não perdoa, porque não se ofende e é justo. Não castiga, porque não é algoz. O que ocorre é que cada um de nós tem liberdade para semear o que bem entender, porém a colheita é obrigatória. Assim, cada um se fartará com os frutos do seu plantio, ou seja, responderá por tudo que fizer. O Perdão Divino significa tão-somente oportunidades renovadas de recapitulação indispensáveis, a fim de resgatarmos os débitos porventura contraídos. Meu irmão, cada um de nós é o artífice do seu próprio destino. A escolha é nossa! — explicou o dirigente, com carinho.

— Jamais pensei que as coisas fossem assim. Sempre tive em mente que a vida humana, que começa no berço, terminasse no túmulo. Nada de complicação, seria muito mais fácil — argumentou o espírito, demonstrando frustração.

— Hoje começa para você uma nova fase de vida; aproveite bem a oportunidade

que o Pai Celestial está lhe oferecendo.

— Vou pensar.. As suas palavras mexeram com o meu modo de ser e de agir... Vou pensar.

— Até um novo encontro, se os Benfeitores Espirituais permitirem. Que Jesus o abençoe.

Terminando o trabalho, os participantes se despediram e se retiraram, permanecendo somente Eloísa e Rute, interessadas ainda em formular algumas perguntas ao dirigente.

19 O companheiro Clóvis

Irmã Eloísa, a sua participação no nosso modesto trabalho foi bastante promissora. Muito bem!... A de sua amiga foi, igualmente, importante.

— Irmão Jacinto, eu não tenho mediunidade, apenas alimento desejos de servir, mantendo pensamentos harmônicos com o tipo de trabalho — afirmou Rute, visivelmente emocionada.

— Todos nós somos médiuns, nas mais diversificadas graduações, que vão de zero ao infinito.

— Eu sempre entendi que somente os que têm condições de servir como intermediários do plano espiritual devem ser classificados como médiuns — aduziu Rute.

— A mediunidade intuitiva, por exemplo, é comum a todas as pessoas. Os espíritos estão ao nosso redor, muitos participando ativamente do nosso pensamento. Conforme esclareceu o Espírito de Verdade, na questão nº 459 de O LIVRO DOS ESPÍRITOS: "(...) influem a tal ponto, que, de ordinário, são eles que nos dirigem". Hoje em dia o povo cataloga como médiuns unicamente quem trabalha ostensivamente sob o domínio de entidades espirituais. No entanto, todas as pessoas possuem mediunidade não ostensiva. Você, Rute, participou da reunião dando significativo contingente de força criadora que muito favoreceu a reunião. Através do nosso pensamento e sentimento afeiçãoados ao bem podemos efetuar coisas que ainda não temos condições de conhecer, no campo das manifestações espirituais.

As duas amigas permaneceram por um momento refletindo sobre as colocações de Jacinto; depois, retomando a palavra, Rute perguntou:

yE— Eu tenho conhecimento de pessoas que dizem ter mediunidade, porém encontram sérias dificuldades no seu desenvolvimento. Assim, como é que a Eloísa logo na primeira oportunidade foi capaz de receber uma entidade de luz?

— A mediunidade exige preparo para ser bem exercida. A grande maioria das pessoas que tem dom mediúnico, somente se preocupam com a faculdade no momento em que estão à mesa de trabalhos práticos. Esse o maior óbice ao bom desenvolvimento. O fiel intérprete do intercâmbio espiritual não pode dispensar

estudo metódico e adequado ao exercício da mediunidade; isso implica na vivência das lições doutrinárias, ou seja, renovação íntima, colocando-se à disposição do plano espiritual com recursos morais condizentes com as tarefas a desempenhar. No caso da Eloísa, você que é amiga dela sabe dos seus problemas. Ela sempre pautou por exemplos dignos no seio da família, a fim de não sofrer contestações por parte do filho, principalmente. Citado comportamento tem merecido o apoio de Benfeitores amigos, interessados no seu progresso interior. Além disso, é bem provável que o bom desempenho da sua faculdade tenha raízes em existência anterior. Afinal, a vida jamais sofre solução de continuidade. Acresce notar que ninguém recebe nada privilegiadamente, em termos espirituais. O progresso individual e coletivo é resultado obtido ao longo de muitas experiências — esclareceu Jacinto.

Após pequeno intervalo de reflexão sobre as ponderações oportunas do dirigente, Rute indagou da amiga:

— Como está o seu filho? Mais receptivo aos seus conselhos?

— Nada se modificou na vida dele. Eu é que comecei a ver as coisas por um prisma diferente. As leituras dos livros espíritas me fizeram um bem extraordinário; não só me elucidaram questões importantes e ainda pendentes, como também trouxeram conforto ao meu coração. Hoje eu procuro fazer a minha parte com perfeição e carinho, não cobrando nada de ninguém. Por outro lado, confio plenamente na Bondade Divina. Outro fator que tem me ajudado bastante é sentir a presença, ao meu lado, dessa irmã que se manifestou na sessão.

— Eloísa, a aproximação daquela irmã sempre aconteceu durante os nossos estudos ou de quando em vez, conforme você me falou?

— Sempre. Assim, cara amiga, o tempo foi se encarregando de colocar as coisas no seu devido lugar. Irmão Jacinto, eu gostaria de saber, se for possível, algo a respeito do nosso irmão Glóvis. Ele me impressionou bastante, até parece que eu já o conhecia há algum tempo.

— O Clóvis é um dos componentes do grupo, exerce com fidelidade o seu dom mediúnico. Eu, particularmente, tenho um carinho especial por ele. A sua vida não é nada fácil, apesar de ser um incansável seareiro de Jesus. Está sempre disposto ao trabalho, jamais notei nele qualquer indício de preguiça ou indisposição íntima, embora saiba dos obstáculos que enfrenta — informou Jacinto.

— Eu notei que ele tem acentuada deficiência visual; estou certa? — indagou novamente Eloísa.

— Certíssima. No entanto, devido a sua conformação e interesse incomum pelo trabalho que exerce, tanto nos nossos meios como profissionalmente, vem merecendo sem dúvida a Misericórdia Divina — acrescentou o presidente do "Seara do Bem", jubiloso pelo desejo das irmãs de se inteirarem da saúde do companheiro Clóvis.

— Irmão Jacinto, eu tive a nítida impressão de que a Entidade de Luz que se

manifestou queria passar um recado ao Clóvis...

—Será?!...—interrompeu-a Rute. — Então você percebeu a intenção da benfeitora espiritual?... E possível, Jacinto?...

— Perfeitamente. Tal fenômeno é muito comum nos trabalhos mediúnicos. Os comunicantes dizem muitas coisas, porém deixam de falar de outras tantas que têm no pensamento e que os médiuns, face à sua sensibilidade psíquica, conseguem captar. Com relação à intenção da Mentora, eu acho que o nosso irmão Clóvis entendeu o recado. A Misericórdia Divina sempre se faz presente com o indispensável apoio, quando o seareiro trabalha com amor, exercendo fielmente as tarefas que lhe compete realizar. Sobre o assunto, Jesus asseverou: "Eu sou a videira verdadeira, e meu Pai é o lavrador. Toda a vara em mim, que não dá fruto, a tira; e limpa toda aquela que dá fruto, para que dê mais fruto". (João, **15:1 e 2**). Clóvis é uma vara promissora; logo, tem merecido atenção por parte do Poder Soberano — adiantou Jacinto, revelando conhecer bem o problema.

— Eu proponho, se concordarem comigo, fazemos todas as noites uma oração a Jesus, rogando o seu apoio ao nosso companheiro.

— Combinado, Eloísa! — exclamou Rute.

— A partir de hoje — confirmou Jacinto, tocado intimamente pelo fraternal interesse das duas amigas.

Logo após as novas companheiras do grupo espírita se despediram do dirigente, retornando aos seus lares. Nos seus corações havia uma expectativa promissora de trabalhos ainda mais fecundos em realizações nobres da seara do Divino Amigo, sempre embasadas nas lições de luz e amor da sua Boa Nova de redenção.

A cada dia que fluía na ampulheta do tempo, mais e mais as duas amigas se identificavam, perfeitamente afinadas com as tarefas que lhes eram próprias. Seus esposos, igualmente, foram inteirados de todos os acontecimentos que trouxeram tanto júbilo aos seus sensíveis corações.

— Meu Deus !... Como a vida é bela!... — monologou, certa vez, Eloísa. — Todas as coisas ruins que ocorrem à Humanidade são consequência natural de equívocos e delitos cometidos pelas pessoas em prejuízo dos nossos semelhantes!

20 Saldar a dívida com amor

Os trabalhos de desobsessão mereciam do dirigente um Bcarinho especial, não impedindo que as demais atividades fossem exercidas com zelo e dedicação. Contudo, tais reuniões constituíam oportunidades de atendimento a entidades sofredoras, ou ainda espíritos envolvidos em processos de ódio e vingança. Jacinto exercia o seu mister com muito amor, esclarecendo-os com relação ao conhecimento da verdade que liberta, conforme asseverou Jesus (João, **8:32**)'.

O dirigente não só possuía bom conhecimento da tarefa a realizar, como também era dotado de sentimentos nobres, que o distinguiam como um autêntico líder do

grupo. Assim, as-entidades necessitadas encontravam no dirigente o irmão ideal para norteá-las pelo caminho do bem e do amor. Dotado de palavra fácil,-sabia como chegar ao entendimento dois atendidos. Eloísa agora fazia parte do grupo. Em casa ocupava parte do seu tempo com o estudo de obras espíritas, cujo objetivo era .aprimorar a sua faculdade mediúnica. Glóvis, dotado de faculdade psicofô- nica, como Eloísa vinha enfrentando problemas dos mais difíceis. Aliás,- essa era a tônica da sua vida: o sofrimento. E bem verdade que_a partir do dia em que se engajara às tarefas do Centro Espírita vinha sentindo uma melhora, ou seja, a enfermidade que comprometeria os seus olhos estacionara.. Cego do olho direito, via a doença tomar conta também da vista esquerda.

Não obstante esta expectativa das mais preocupantes, confiava plenamente no Poder Supremo, aceitando com resignação as vicissitudes futuras. Cumpria com amor o seu mister mediúnico com o plano espiritual, acolhendo com muito carinho as entidades que procuravam a sua organização mediúnica, mercê da Divina Providência, a fim de se esclarecerem a respeito do verdadeiro significado da vida. Clóvis era estudioso das obras espíritas, no sentido de melhor se preparar para o bom exercício da sua faculdade. Clóvis era solteiro, bem apessoado e demasiadamente tímido. Contava trinta anos de idade.

Jacinto, o dirigente do grupo, vinha já há algum tempo analisando a personalidade do médium. Assim, sempre que dispunha de tempo procurava dialogar com o seareiro, no sentido de se inteirar dos seus problemas e ideais. A noite, à hora do repouso fisiológico adotara o hábito de orar, seguindo os conselhos de sua saudosa mãe. Agora incluía nas suas orações uma rogativa a Jesus em favor da recuperação da vista esquerda de Clóvis. Sabia que era difícil, porém tinha certeza de que o processo expiatório poderia ser minimizado, desde que a Providência Divina julgasse viável, considerando o comportamento de abnegação e renúncia do servidor.

Certa noite um dos Mentores do grupo, através da psicofonia de Eloísa, teceu alguns, comentários a respeito das atividades em andamento nas reuniões, esclarecendo:

- Meus irmãos não basta atender os enfermos, restituindo -lhes a saúde física e mental: toma-se indispensável, fundamental mesmo, que sejam esclarecidos com relação as Leis Divinas. A cura do corpo é sem dúvida de suma importância, pois possibilita ao espírito reencarnado continuar a trabalhar pelo seu aprimoramento moral e espiritual, bem como de todos que fazem parte da sua família e das suas relações de amizade. Todavia é imprescindível fazer com que assimilem os conhecimentos do Evangelho à luz da Doutrina Espírita como recursos preventivos contra as vicissitudes do dia-a-dia, além de constituírem fatores de progresso redentor. Não podemos olvidar as sábias palavras do apóstolo Pedro: "A caridade cobre uma multidão de pecados". (1ª Epístola 4:8).

O Benfeitor espiritual sublinhara o ensinamento do apóstolo, dando uma entonação diferente às suas palavras, fato que não deixou de ser notado por Clóvis, que mentalmente repetiu-as várias vezes. Depois de pequena pausa o mensageiro amigo prosseguiu imperturbável, elucidando o tema em pauta:

—Alguém já disse, com muita propriedade \ que devemos oferecer peixe aos necessitados, porém o mais importante é

capacitá-los às tarefas da pesca. O atendimento, portanto, deve abranger os dois campos distintos: o físico e o espiritual. E dever de todos nós plantar nos corações alheios as sementes dadas das verdades eternas. O sol espanta as trevas, assim como a verdade vence a ignorância. O renascimento na carne não tem como objetivo somente resgatar o passado, quase sempre evado de ações de desamor; ele traz sobretudo oportunidades de refinamento de sentimentos e ensejos de trabalhar nas leiras do amor ao próximo, da maneira ensinada por Jesus durante toda a sua sublime missão entre os homens, ignorada por uns, combatida por outros, o que lamentavelmente culminou com a sua morte entre os braços de uma cruz. Amigos, fiquem com Deus. Aproveitem os minutinhos que o irmão Jacinto disse estarem disponíveis. Estejam certos da minha alegria com as realizações do grupo.

— Muito obrigado, caríssimo irmão. Que o senhor da vida nos abençoe a todos—finalizou Jacinto, com os olhos marejados de lágrimas, fato esse que ocorria com todos os presentes, emocionados pelas palavras amoráveis do Mentor.

A orientação do dirigente espiritual tocara fundo o coração de Clóvis, despertando na sua mente reflexões bastante proveitosas, principalmente a citação do ensinamento do apóstolo Pedro: "A caridade cobre uma multidão de pecados".

— Então, podemos também quitar as nossas dívidas do passado fazendo a caridade! Afinal, fazer a caridade, amar o nosso próximo como a nós mesmos, já é motivo de intensa alegria. A consciência de que posso conquistar recursos que facilitarão o pagamento de meus débitos antigos me dá não só motivação, como também uma determinação forte e saudável, que me faz a pessoa mais feliz do mundo! Hoje mesmo eu irei visitar a Casa dos Cegos — monologou Clóvis, vivendo uma expectativa otimista.

Os benfeitores espirituais estavam vivamente interessados na recuperação da vista do medianeiro; para tanto vinham observando o seu comportamento, a fim de que o atendimento fosse viável. Era necessário contar com a sua participação ativa, daí a razão das mensagens dos Guias procurando orientá-lo indiretamente, pois a iniciativa deveria ser somente dele. Seus compromissos com o passado eram graves, porém nas tarefas de atendimento aos mais carentes ele iria encontrar o remédio adequado ao seu problema. A Misericórdia Divina sempre funciona em benefício daqueles que procuram trabalhar na seara cristã, auxiliando os mais necessitados e marginalizados pela coletividade.

Os recados dos Amigos Espirituais encontraram receptividade no imo de sua alma. Agora sabia perfeitamente o que fazer, não somente com o objetivo de lograr a sua cura, mas também interessado a respeito da sua obrigação de socorrer os mais sofredores. Assim, como ele vinha merecendo o apoio dos Bons Espíritos, em nome de Jesus era justo igualmente que fizesse algo em benefício dos aflitos, sobretudo daqueles que não conhecem a luz do dia. Clóvis reconhecia-se altamente devedor; portanto, precisava saldar sua dívida com as moedas de amor ao próximo.

Agora não podia mais ficar indiferente; precisava urgentemente mobilizar os seus recursos em prol daqueles que representam os pequeninos da Terra, necessitados e aflitos errando pelos caminhos. Era chegada a hora de acertar as

contas com o passado e edificar um porvir baseado no amor e na paz.

21 Quero ser voluntário

No dia imediato, tão logo sobrou um tempinho disponível, dirigiu-se Casa dos Cegos, instituição que abrigava os enfermos daquela região. Acolhido fraternalmente pelo diretor da entidade, informou-o da sua decisão de cooperar nos serviços da casa, preenchendo as suas horas vazias. Gustavo, o presidente, afirmou:

— Meu amigo, toda e qualquer cooperação é sempre bem-vinda. Os nossos serviços de secretaria estão acumulados. A moça que atendia esse setor de trabalho pediu demissão...

— E os demais funcionários não têm condições de colocar os serviços em dia? — disse Clóvis, interrompendo a fala do presidente.

— Absolutamente!... São voluntários que trabalham na cozinha, na limpeza, na lavanderia etc.

— Certo!... Eu tenho conhecimento de escritório, sou, inclusive, datilógrafo.

— Excelente!... Você poderá ser admitido para preencher a vaga existente.

— Não!... — respondeu Clóvis, com veemência.

— Não entendo!

— Quero apenas trabalhar como voluntário, durante as horas disponíveis. Moro aqui perto. Para mim não será difícil ocupar o meu tempo realizando tudo que estiver ao meu alcance.

— Está bem; depois nós acertaremos esses detalhes. Agora eu quero lhe mostrar as dependências da casa.

— E o que eu mais desejo neste instante — afirmou Clóvis, colocando-se à disposição do diretor.

A seguir caminharam por um corredor, ladeado por grossas portas (a construção datava do começo do século).

— Aqui nós temos os dormitórios, são quatro quartos, cada um com três camas...

— Então, os internos somam doze?...

— Não. Temos apenas dez, há duas camas vazias. Este corredor leva para a sala de jantar.

— Aquelas duas portas dão para...

— A primeira para a cozinha; a segunda, para a despensa. A cozinha é bastante ampla, você sabe como são as casas antigas. A lavanderia foi construída mais tarde, fora do corpo da casa.

— Perfeitamente, senhor Gustavo.

— Nada de senhor, eu quero um tratamento fraterno; o de irmão, por exemplo.

— Está bem... Assim fica melhor.

— E como eu quero ser considerado — o irmão Gustavo continuou a caminhar.

— Aqui estão três banheiros, dois destinados aos internos e um para os voluntários da casa e as visitas.

— Os internos só se ocupam de tarefas compatíveis com as suas limitações? — indagou Clóvis, interessado nas atividades deles.

— Depois da casa há uma área bastante grande, onde estão edificadas as dependências indispensáveis às suas atividades, bem como a de entretenimentos...

— Entretenimentos?!...

— Sim. Rádio, aparelho de som, bem como alguns instrumentos musicais: violão, acordeon, pandeiro. Um dos internos gosta de cantar; por sinal, canta muito bem.

— A despesa para manter a casa funcionando deve ser grande, não?

— Realmente, Glóvis, porém a generosidade do povo tem sido maior. Os comerciantes, então, nem se diga, cada um coopera de modo bastante significativo. Ainda ontem tivemos a oportunidade de ouvir de um deles a seguinte frase: — E melhor ajudar os nossos irmãos cegos com amor do que ser um deles, vivendo na sombra, ou seja, na dependência dos outros.

— Claro!

— Nós estamos procurando vivenciar os ensinamentos de Jesus, amando a Deus e ao próximo como a nós mesmos. Agindo desse modo estaremos edificando o nosso futuro de maneira promissora. O porvir a que estou me referindo é o espiritual. Jesus afirmou: — "Assim brilhe a vossa luz diante dos homens, para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem ao vosso Pai que está no Céu" (Mateus, **5:16**) — citou o dirigente, com conhecimento.

v ip O meu objetivo é dar o melhor de mim em favor da Instituição, sem obter qualquer tipo de pagamento...

— Essa é a legítima caridade! Veja, meu caro Clóvis, como os meus valorosos colaboradores agem. Tal comportamento dissipa toda e qualquer dúvida ou preocupação. Um dos fatores, dos mais importantes, que eu não citei ainda: o imóvel é da Instituição, foi doado pela Prefeitura, que nos isenta também dos impostos, tendo em vista a sua nobre finalidade. Três dos internos foram encaminhados para cá pela Promoção Social. Um dos nossos vizinhos assumiu o compromisso de quitar as contas de telefone, água, gás e luz elétrica — acrescentou o diretor.

— E em caso de doença, quem atende?

— O postinho de saúde municipal é pertinho daqui. E só precisar e os médicos de lá atendem com presteza, fornecendo toda medicação necessária, tudo por conta da Prefeitura. O tratamento dentário é executado pelo doutor Alberto. O consultório dele fica exatamente aqui em frente. Ele destina uma manhã por semana para tratar dos nossos internos. Como você vê, tudo aqui tem sido resolvido da melhor forma possível: com muito amor — considerou Gustavo.

— No momento, o que os internos estão fazendo?

- Terminaram de tomar o café da manhã. Estão conversando um pouco, antes de iniciarem suas atividades.
- O que eles fazem? — perguntou Clóvis.
- Enquanto ouvem músicas fazem vassouras, espanadores, e montam prendedores de roupa.
- De que tipo de música eles gostam?
- De todos os tipos. Alguns preferem as eruditas; outros, as populares. Agora, por exemplo, estão ouvindo Ghitãozinho e Xororó. Dá para você ouvir daqui?
- Perfeitamente.
- Alguns ainda não aceitaram a angustiosa situação de dependentes. Outros já não fazem mais conta, vivem tranquilos e resignados.
- Gustavo, quem vive revoltado sofre mais; quem vive resignado sofre menos. Já observou isso entre eles? — indagou Clóvis, olhando fixamente o rosto do abnegado servidor do Cristo.
- Já, sim. Concordo plenamente com você. Aliás, nesse sentido tenho conversado muito com eles, sobretudo com os que se revelaram mais carentes de amor. Tenho certeza absoluta de que Jesus está nesta casa.
- Então fica assim, irmão Gustavo. Todo o meu tempo disponível, a partir de amanhã, eu darei com alegria a esta Instituição, cooperando em toda e qualquer atividade que precise ser executada.
- Nós o aguardaremos de braços abertos.

22 Plano diabólico

Jacinto, Eloísa e Rute, dando cumprimento ao acordo feito, todas as noites rogavam a Jesus amparar o médium Clóvis que, segundo eles, era merecedor de todo apoio face ao seu comportamento exemplar, sobretudo nas tarefas que lhe eram próprias. Eloísa era a que mais se empenhava em tal iniciativa.

Certa noite ela se viu transportada para uma região espiritual desconhecida, de atmosfera bastante agradável, onde iria tomar conhecimento de certos fatos importantes que iriam esclarecê-la. Nessa região havia uma edificação majestosa, bastante ampla, rodeada de jardins e árvores frondosas. O ar estava impregnado de sutis perfumes. Recebida com demonstrações de carinho por parte de uma equipe de Entidades de Luz, foi logo inteirada de que, naquela oportunidade, ela iria conhecer um drama vivido no passado, cujos lances envolviam o médium Clóvis, daí a sua afinidade com o seareiro. Conduzida a uma sala apropriada a revelações dessa natureza, sentou-se em uma confortável poltrona. Ao seu lado um mentor espiritual que a seguir, rompeu o silêncio nestes termos:

— Eloísa, meu nome é Alexandre. Tenho acompanhado de perto a vida do Clóvis, que tem se revelado fiel cumpridor dos labores espirituais que lhe estão afetos. Daí a razão por que estamos interessados em ajudá-lo, tendo em vista o seu

merecimento. O intrutor fez pequena pausa; depois, retomando a palavra, continuou:

— Glóvis, em existência pretérita, participou de um crime cujas consequências implicaram na cegueira de um seu subalterno; acompanhe, com atenção, os acontecimentos que irão aparecer na tela à sua frente.

Ato contínuo, na tela indicada pelo espírito surgiram dois personagens conversando:

— Meu querido — dizia a mulher ao esposo — nem sei como lhe dizer, mas eu preciso falar; afinal, não suporto mais o assédio do Jairo...

— O que está me dizendo?...

— Jamais quis inteirá-lo desse assunto, pelas consequências que poderiam trazer — falou a esposa, baixando a cabeça, aparentando ser vítima de tudo.

— Eu vou conversar com ele...

— Conversar?!... — interrompeu-o a esposa. — Só isso!... Isso só não basta, é preciso castigá-lo, para que jamais me dirija o olhar — retrucou Dirce, bastante revoltada, interessada em que o marido concretizasse o seu plano.

— O que você sugere, então?

Dirce não respondeu, de pronto; sua imaginação doentia retrocedeu no tempo. Ela amava perdidamente Jairo, desejava ser sua amante; apesar de casada, vinha insistindo no seu intento. Dimas, seu marido, era proprietário de uma bonita e próspera fazenda. Jairo era empregado de absoluta confiança do patrão, relativamente jovem, e cumpria com dedicação seus serviços. Na última vez em que Dirce falou com Jairo este lhe disse, com bastante firmeza:

— Eu não a quero ver mais, desapareça da minha frente — virou nos pés e desapareceu.

— Ah!... é assim?... pois então você não vai me ver mais mesmo — monologou Dirce, sentenciando o serviço.

— Então, querida, estou aguardando a sua resposta. O que você sugere?... Acho que devemos conversar primeiro com ele; depois, sim, se continuar a persegui-la com propostas indecorosas, aí sim, tomaremos uma atitude drástica. O que você me diz?

— Meu bem, eu venho suportando com sacrifício essa situação há muito tempo. Já é hora, portanto, de se colocar um ponto final. Ele não tem família, foi acolhido por você generosamente, e ao invés de ser reconhecido, me ofende com propostas indecentes... O que merece um ser dessa espécie?...

— Não sei o que fazer!

— Vamos cegá-lo, para que não mais me dirija o seu olhar nojento — os olhos de Dirce faiscaram de ódio.

— Isso é demais!... Não tenho coragem para tanto — retrucou Dimas, impressionado com a reação da esposa.

— O Aurélio é pessoa da sua confiança; a família dele sempre dependeu de

você. E hora dele provar a sua gratidão. Por outro lado, nós sabemos que o Aurélio tem uma diferencinha com o Jairo, pela preferência que você tem por ele. Assim, não vejo dificuldade em colocar o meu projeto em ação...

— Como, mulher?!... Isso é crime!

— E o que ele está fazendo comigo, também não é crime?... Não, meu bem, tem que ser assim. Afinal, você me ama ou não?... Até parece que você está resignado com a situação! — argumentou com firmeza Dirce, mexendo com os brios do marido.

— Está bem... Vou conversar com o Aurélio.

Dimas, face às palavras da esposa e influenciado por entidades espirituais trevosas, aceitou realizar o plano criminoso. Conversou com Aurélio, prometendo lhe pagar ordenado dobrado, caso ele concretizasse o projeto tenebroso elaborado pela esposa, sem entrar em detalhes com o empregado. Dimas sabia que o outro jamais iria revelar a alguém o crime cometido. Acertaram também que Jairo iria continuar na fazenda, sob a vigilância de Aurélio.

Após uma semana, num fim de tarde, Jairo foi abordado por dois homens encapuzados, que o obrigaram a beber um copo de aguardente; depois, levaram-no embriagado a um local distante, amarrando-o com grossas cordas a uma árvore; providenciaram uma fogueira, esquentaram a ponta de um ferro até ficar em brasa e, com o calor do metal, cegaram o pobre coitado, que nada pôde fazer a fim de se defender. Em seguida desamarraram-no, deixando-o entregue à sua própria sorte. Jairo foi encontrado no dia seguinte por alguns colonos, que comunicaram o fato ao patrão, o qual chamou-o à sua presença.

— Jairo, o que lhe aconteceu? — indagou Dimas.

— Dois homens me cegaram, depois de me embriagarem com um copo de pinga. Assim, bêbado, amarrado sem forças para reagir, senhor Dimas, fizeram essa malvadeza, cegaram meus olhos com um ferro em brasa — o infeliz começou a chorar copiosamente.

— Você sabe quem são?

— Não!... Estavam encapuzados. O que eu vou fazer, ago... agora?... — falou, gaguejando.

— O Aurélio irá tomar conta de você. Afinal, aqui você só tem amigos. Na casa dele há um quarto à sua disposição. Não se torture; nada lhe faltará. Você sempre foi um excelente empregado, chegou a hora de reconhecermos seu valor — afirmou Dimas, dando uma piscadela para Aurélio.

Horas depois, Dimas procurou Aurélio, para um entendimento.

— Bico calado. Você tem tanto a perder quanto eu. Estamos no mesmo barco. Quem o ajudou na execução do plano?

— Contratei um homem de fora. Ele veio para cá com os olhos vendados e saiu também assim. Mesmo que quisesse não teria elementos para nos localizar e incriminar.

- Parabéns!... Você será recompensado.
- Obrigado, patrão.

23 Débito aliviado

Logo seguida, a cena desapareceu. Alexandre sorriu; parte do passado de Clóvis havia sido revelado. Contudo, sobravam perguntas a serem respondidas, os acontecimentos careciam de sequência, tendo em vista que o epílogo de tudo ainda dependeria de tempo e muitas realizações visando o resgate de todos os implicados no crime. Afinal, nada escapa à Sábia Justiça Divina.

— Caro Alexandre, eu gostaria de saber outras facetas da vida dos implicados nesse hediondo crime...

— Tudo bem — concordou o Mentor, interrompendo a fala de Eloísa. — Clóvis, você já o conhece, ele é o seu companheiro de trabalhos mediúnicos. No passado ele foi Dimas, viveu a existência inteira dedicada aos caprichos da esposa, que o dominava e disso não fazia reserva. Em razão disso, Dimas não soube se livrar da imposição de Dirce, pois sempre esteve fascinado pelo seu amor. O seu compromisso na ação criminoso foi aliviado, por dois motivos: primeiro, foi forçado a tomar a iniciativa que culminou com a cegueira de Jairo. Tão logo ele viu o projeto tenebroso da esposa executado, foi dominado por incontido remorso; seu casamento deixou de ser o mesmo, martirizado pelo terrível crime de que fora cúmplice. Segundo, antes de se reencarnar, prometeu trabalhar na seara de Jesus, a favor do esclarecimento alheio, sobretudo em benefício dos companheiros sofredores.

— Certo!... E os demais, cuja participação, a meu ver, não tem atenuantes?... O que aconteceu com eles?

Alexandre, após meditar um momento, retomando a palavra procurou fazer luz sobre o assunto.

— Geraldo, o que executou o crime, saboreando o sofrimento de Dimas, está cego. Vitimado num desastre de automóvel, descontrolou-se no volante, devido à excessiva dose alcoólica, indo de encontro a uma árvore; sofreu dores horríveis nas duas vistas, perdendo-as. Seu nome nesta encarnação é Edson, vive revoltado.

— Por que Clóvis é resignado e Edson revoltado? — indagou Eloísa, curiosa para conhecer detalhes da história.

— A responsabilidade de ambos no crime é bem diferente. Além do mais, Dimas, muito antes de desencarnar, já vivia dominado pelo remorso, arrependido pela participação no crime. Ele aceitou, de boa vontade, as orientações dos Benfeitores Espirituais, especialistas em processos reencarnatórios, cujo objetivo era tão-somente a sua regeneração definitiva. Geraldo, pelo contrário, unicamente aceitara a reencarnação para fugir das imagens de tortura sofridas por Jairo, naquele nefando episódio. O primeiro está sofrendo menos, pela confiança que

deposita na Providência Divina. O segundo sofre muito mais, pois a revolta tem atraído para junto de si entidades que se divertem à sua custa, dismantelando ainda mais os seus pensamentos doentios — observou Alexandre, revelando profundo conhecimento do delito cometido.

— Meu Deus!... Como tudo é devidamente analisado e avaliado pelo Poder Supremo!... Logo, tudo tem um motivo de ser, não existindo inocente sofrendo, nem tampouco pessoas privilegiadas — argumentou Eloísa.

— Com relação a Aurélio...

— Aurélio?!... Por que Aurélio?

— Ele foi o outro encapuzado, o líder da execução do crime; também está cego, vitimado por uma enfermidade mal tratada, que lhe causou dores lancinantes. Atualmente vive dominado por revolta superlativa. Não aceita a existência de Deus. Dirce agora é Albano. Conheceu a mesma doença que vitimou Aurélio, cujo epílogo foi também a cegueira total, depois de padecimento indescritível. O sofrimento, cara irmã, tem a finalidade de purificar os nossos sentimentos, eliminando as arestas de imperfeição do espírito humano, preparando-o para realizações nobres e dignas no campo da evolução definitiva. Edson, Aurélio e Albano estão internados em uma casa dos cegos, aqui nas imediações. Cada um cumpre o seu resgate, de conformidade com as atenuantes ou agravantes de cada um no crime cometido.

Ah!... então eles estão novamente juntos?

— Estão, sim... Até nisso Deus é Perfeito. Eles se comprometeram juntos; logo, juntos irão encontrar o caminho da reabilitação espiritual. Caso não seja nesta encarnação será na próxima. O ser só será integralmente feliz no momento em que não tiver mais nenhuma ligação sombria prendendo-o à face da Terra — respondeu Alexandre.

— Eu entendi que eles estão ainda nutrindo clima íntimo de revolta. Assim, como poderão aproveitar bem a atual encarnação?... Na cegueira em que se encontram, também irão enfrentar muitos obstáculos pela frente impossibilitando tal realização. No momento, não vejo uma solução adequada à reabilitação moral dos três. Por iniciativa própria, parece-me difícil.

— Há uma pedra neste quebra-cabeças, que você deixou de lado: Clóvis. Ele foi designado a executar um trabalho dos mais relevantes junto a esses irmãos desditosos. Trata-se de tarefa das mais difíceis, porém ele está devidamente preparado para exercê-la — esclareceu o Mentor Espiritual.

— Todavia, como Clóvis ignora tudo isto, de que forma ele poderá cumprir fielmente tal tarefa? — indagou Eloísa, sequiosa por novas elucidações a respeito.

— Todas as criaturas humanas estão ligadas a compromissos assumidos no pretérito. Como tais compromissos poderão ser resgatados?... Alguns expiando o delito cometido através de sofrimentos regeneradores; outros, realizando ações de amor, interessados em ajudar o próximo.

Entretanto, quando a vida do indivíduo é um flagrante desrespeito às Leis Divinas outros fatores desfavoráveis ocorrerão, impossibilitando o cumprimento do que foi adrede planejado pelos Amigos Espirituais, advindo mais dores nesta existência ou na futura. Compromissos adiados geram dificuldades ainda maiores e mais dolorosas de serem solucionadas. Não podemos ignorar que a Providência Divina está embasada na Misericórdia, na Sabedoria e na Justiça infinitas.

— Quando Clóvis conhecerá seus companheiros, agora envergando novas formas fisiológicas? — perguntou Eloísa.

— Pergunte a ele mesmo quais são os seus novos objetivos.

— Ele, então, será orientado sobre o assunto?

— No momento não há necessidade. Ele tem seguido à risca o programa que escolheu e que mereceu o Aval da Espiritualidade maior. Ele sabe que as tarefas a realizar irão facilitar a sua regeneração moral, beneficiando ao mesmo tempo os três responsáveis pelo hediondo crime que cometeram. E bem verdade que Jairo, igualmente, ressarciu um débito antigo, passando parte da sua existência cego. Todavia o seu resgate foi bastante atenuado, pois ele confiava na Bondade Divina; enfrentou, pois, a expiação com coragem e resignação. Não há inocentes sofrendo! O seu vivo interesse no caso também tem um motivo, Eloísa: em uma das suas reencarnações pretéritas você esteve ligada a Clóvis por laços familiares.

Ato contínuo, Eloísa acordou. Tinha certeza absoluta de que a noite fora realmente proveitosa. Não se recordava de nada; no entanto estava feliz, como nunca havia estado antes.

As tarefas de Clóvis na Casa dos Cegos foram das mais realizadoras, não só pelo trabalho desempenhado na secretaria, mas sobretudo na evangelização dos internos, que tinham nele um benfeitor inigualável.

24 Alavanca de progresso

Alô, Rute! Sou eu, Eloísa. Como vai, tudo bem? I— Graças a Deus, tudo em ordem. E você?

— Sem novidades. Não estou melhor porque não quero... — E verdade! Cada um de nós escolhe o próprio caminho — respondeu Rute.

— Vamos hoje à tarde visitar as três famílias pobres que conhecemos há mais de quinze dias?

— Vamos, sim; no mesmo horário, está bem?

— Combinado, Rute.

A seguir Eloísa telefonou ao esposo, pedindo que ele providenciasse três caixas com gêneros alimentícios, conforme atendimento anterior, e programasse a entrega às famílias pobres, já do conhecimento do motorista da Kombi.

Na hora do almoço, Gilberto procurou saber da esposa o porquê do seu

interesse em voltar a visitar aquela pequena comunidade carente.

— Meu bem, eu prometi visitá-los de novo para saber como estão realizando o projeto de trabalho programado. Assim, para não irmos de mãos abanando, pedi a você providenciar outra doação de alimentos...

— Para não "irmos" de mãos abanando?

— Eu e a Rute...

— Ah!... sei... Está bem. Depois você me conta o resultado — falou Gilberto, interessado no compromisso da esposa.

Na hora combinada, as duas amigas chegaram às moradias dos assistidos. Alzira, tão logo ouviu o ronco do motor do carro de Eloísa, saiu ao encontro das duas.

— Que alegria!... Sejam bem-vindas!...

— Pelo visto tudo vai bem! — acrescentou Rute.

— Tudo muito bem! — afirmou Alzira.

— E os demais companheiros? — indagou Eloísa, procurando-os com o olhar.

— Todos trabalhando...

— Inclusive o Floriano?! — perguntou Eloísa, admirada.

— Até ele... Graças a Deus!... Não é emprego fixo, mas tem sempre pequenos serviços. Ele está muito contente; tenho a impressão de que o problema da fixação no filho desapareceu.

— E o Américo?... O que é feito dele?... — inquiriu-a Rute, interessada em se inteirar de todas as atividades daquela comunidade pobre.

— No dia seguinte ao da visita das senhoras, ele saiu à procura de emprego. Não deu outra: trabalha como vigia noturno em uma mansão de ricos. Os patrões gostam muito dele, entra em serviço às seis horas da tarde e sai às seis da manhã...

— Então ele está dormindo?

— Perfeitamente, dona Rute.

— E as crianças, onde estão?

— Estão lá dentro, dona Eloísa, comendo as bolachas que vieram junto com o mantimento. Elas só ficam quietas quando estão comendo — esclareceu Alzira, sorrindo.

— Ótimo!... Então as caixas com gêneros alimentícios foram entregues. E a Veridiana e a Georgina?

— Também estão trabalhando — respondeu Alzira, contente. Quando há boa vontade e desejo de trabalhar, todos os obstáculos são facilmente removidos.

— Muito bem, Alzira! Salomão já dizia: "Quem trabalha tem com que viver, mas quem só conversa passará necessidade" (14:23) — acrescentou Rute, jubilosa pelo progresso verificado no comportamento daquelas famílias carentes.

— Sobre o assunto eu quero igualmente citar dois pensamentos que tive a felicidade de ler ontem no livro Pérolas do Além, editado pela FEB. Ei-los: "Onde há trabalho há riquezas, e onde há cooperação há paz". Outro: "O trabalho digno é

o amor que se aprimora".

— Lindos!!... Você conseguiu decorá-los?

— São frases pequenas, Rute. Quando a gente gosta de uma coisa, grava na mente com mais facilidade. O que nós queremos ressaltar, Alzira, é que o trabalho é alavanca de progresso, tanto material quanto espiritual — acrescentou Eloísa.

— Quero agora citar uma frase do pensador Voltaire: "O trabalho arreda de nós três males: o tédio, o vício e a necessidade".

— Excelente, Rute! Jesus certa vez referindo-se a Deus afirmou: "Meu Pai trabalha até agora, e eu trabalho também" (João, **5:17**). Se Deus e Jesus não param de trabalhar, por que devemos permanecer de braços cruzados?... Os livros espíritas nos dão conta de que quanto mais o espírito evolui, mais sente necessidade de trabalhar, e na mesma medida se sente jubiloso pelo dever cumprido. Feliz daquele que pode trabalhar, exercendo algo que possa beneficiar a coletividade da qual faz parte, retribuindo, embora palidamente, de alguma forma, as Dádivas Divinas que tem recebido ao longo dos seus dias — explicou Eloísa, satisfeita com o rumo da conversa, da qual Alzira tomava parte, acompanhando palavra por palavra.

— Alzira, estamos muito contentes com a rotina de trabalho realizada por vocês; continuem assim — incentivou-a Rute.

— Com referência às crianças, já estamos em entendimento com a Prefeitura no sentido de levá-las ao Pré e ao Grupo Escolar.

Assim que obtivermos notícias concretas voltaremos com a novidade. As crianças não podem ficar sem estudo. O nosso país, lamentavelmente, ainda é de famintos e de analfabetos. Alzira, não descuide das crianças. Jesus asseverou: "Deixai vir a mim os pequeninos, pois deles é o Reino dos Céus" (Mateus, **19:14**). Sem estudo e trabalho nobres, ninguém herdará nada de útil. Os valores positivos são oriundos das nossas atividades enobrecidas, determinando a qualidade do nosso futuro. Assim, Alzira, cada um de nós edifica o seu próprio destino. Deus deseja ardentemente a nossa felicidade. Os problemas de todos os matizes são conseqüências dos nossos erros, negligências e delitos. Outra hora conversaremos sobre isso. Infelizmente o nosso tempo acabou. Novos afazeres nos aguardam.

Alzira estava maravilhada com os ensinamentos dados pelas duas amigas.

Nessa altura, as crianças saíram da casa, onde estiveram se alimentando. Vinham pulando. Logo em seguida, formaram uma roda e começaram a cantar:

— Roda roda roda... pé pé pé...

A alegria das crianças era simplesmente contagiante. As duas amigas sentiram saudades dos tempos idos.

As melhores fases da vida humana são, sem dúvida, a infantil e a da adolescência, quando a oportunidade é de brincar e estudar, preparando-se para as atividades futuras.

— Alzira, até outro encontro — despediram-se as duas benfeitoras.

— Vão com Deus!... — desejou Alzira, com lágrimas nos olhos e o coração reconhecido de alegria pelo auxílio que recebeu.

25 Meu Deus!... O que fazer?

Eleonora, mãe de Edmar, com a partida do filho ficara um tanto preocupada, sobretudo agora que a sua ausência se estendia por quase duas semanas. Por outro lado, sabia perfeitamente que ele, assim que solucionasse os assuntos pendentes, voltaria para reassumir o seu cargo na delegacia.

Após mais alguns dias, Eleonora teve a alegria de receber o filho, que, regressava saudoso do carinho materno.

— Graças a Deus!... Meu filho, você não sabe como a sua volta me traz felicidade, apesar de saber que você é jovem amadurecido nas experiências da vida, daqueles que sabem onde têm a cabeça.

— Suas compreensivas palavras, mamãe, são uma recompensa, tirando do meu coração inúmeras preocupações. Agora, sim, posso afirmar que estou tranquilo e feliz.

— Meu filho, o tempo gasto foi suficiente para resolver todos os problemas? — perguntou Eleonora, acariciando os cabelos de Edmar.

— Alguns. Todavia, os que não foram solucionados ficaram bem encaminhados, nada que possa causar preocupações. E só aguardar mais alguns dias.

— Muito bem. Confio em você. Deve estar cansado e faminto. Estou certa?

— Primeiro vou tomar um banho reconfortante; depois, então, comer alguma coisa. Em seguida irei à delegacia, ver como andam as coisas por lá - adiantou Edmar.

Eleonora sorriu, satisfeita, vendo que o filho era igual ao pai, bastante responsável, colocando os seus deveres acima de qualquer outra atividade.

Assim que entrou na delegacia, um dos investigadores — aquele que mais folgava com os fracassos de Edmar enaltecendo as próprias qualidades foi logo perguntando:

— Então, como foram as férias?... Você parece bem descansado!...

— Só podia ser você mesmo!... Getúlio, eu cheguei | conclusão de que faço falta aqui na delegacia. Quando estou ausente, aqui ninguém trabalha. A propósito, uma pergunta: já encontraram o assassino do meu pai?... Respondam, olhando bem no fundo dos meus olhos.

— Chegamos a conclusão de que é um crime perfeito — Getúlio ousou responder em nome de todos.

— Não me diga?!... Chega de papo!... Eu quero saber o que foi feito aqui na delegacia, na minha ausência. Não porque eu seja o chefe, mas porque estou enfronhado em todos os problemas — retrucou Edmar, com firmeza por ser o filho do ex-delegado e funcionário mais antigo na repartição.

— Apesar de você ter gozado umas férias, eu posso lhe adiantar que está como antes. Fizemos de tudo para solucionar o crime, sem obter a mínima pista. O criminoso sorveteu, desapareceu — comunicou Getúlio, um tanto embaraçado.

— Está certo!... Continuem trabalhando, não quero ver ninguém parado. Vamos aguardar o preenchimento da vaga deixada por papai. Mexam-se! O novo titular por certo, não vai gostar quando tomar conhecimento de processos antigos engavetados. Eu tenho motivos bastante fortes: durante o período da minha ausência estive tratando dos problemas da família. Agora estou de volta. E vocês, o que irão alegar?

Getúlio foi o primeiro a se mexer, seguido pelos demais.

Cada um assumiu as suas funções, procurando dar sentido aos seus afazeres. Somente Edmar ficou onde estava. Sentou-se em um dos bancos da sala de espera. Os pensamentos começaram a rodopiar no seu cérebro.

"Eu já sei quem foi o mandante do crime. Só não descobri ainda quem executou meu pai. E bem verdade que meu pai não era quem aparentava ser. Eu mesmo tomei conhecimento de muitas falcatruas do velho, atitudes escusas, para não dizer condenáveis, que renderam milhares de reais. Ele é, a meu ver, também culpado pela morte do garoto: não tivesse o péssimo hábito de dirigir o carro em alta velocidade, e nada teria acontecido. O que é pior: nem prestou socorro à sua vítima. Fugiu, sem saber que o pai do menino o havia identificado. O Júnior era a maior riqueza de Francisco. A partir do acidente, o genitor, enlouquecido, perdeu a própria razão de viver. Inúmeras vezes fizera ameaças pelo telefone. Meu pai, naturalmente, sabia que o pobre homem nada podia fazer contra ele. Francisco estava doente, muito mesmo, sobretudo mentalmente. Não sei como proceder diante de tais episódios. De um lado meu pai, assassinado; do outro, Francisco, enfermo, sem qualquer perspectiva de vida. Agora, seriamente arrependido. Que dilema!... Outro fator que impede que eu faça alguma coisa contra o mandante do crime é o fato de eu ser espírita!... Não posso ignorar a lição do perdão, tantas vezes ensinada por Jesus. Além do mais, papai jamais foi homem inocente. Assassinado, quitou um débito de outras existências. Francisco, a meu ver, é o mais infeliz: assumiu um sério compromisso diante das Leis Divinas, que terá de quitar com dores e lágrimas. E como se conversasse com alguém, dizia mentalmente: S- "Deus é Justo, porém Misericordioso... Sabe de uma coisa?,..., No momento, eu vou deixar tudo como está; para todos os efeitos continuo investigando."

Saiu. Precisava andar um pouco, coordenar melhor seus pensamentos. Assim, sem perceber, foi caminhando em direção ao escritório de César, seu amigo. Há dias eles não se falavam. Quando deu acordo de si, estava em frente ao prédio. Sorriu; depois de um momento, entrou.

— O César está desocupado? — perguntou Edmar à recepcionista.

— Está, sim. O último cliente saiu há poucos minutos. Pode entrar — respondeu

a moça, delicadamente.

Edmar entrou de mansinho. O amigo nem percebeu a sua presença. O jovem advogado reexaminava um processo, a fim de emitir parecer solicitado pelo Juiz.

— O quê?!... O amigo está literalmente mergulhado em mais um caso de difícil solução. Acertei?

— Acertou. Até que enfim!... Diz a sabedoria do povo: "Quem está vivo, sempre aparece"... Realmente, este processo está me aborrecendo. Trata-se da separação de um casal que, a meu ver, não sabe o que está querendo. Edmar, hoje nós sabemos que os casamentos são experiências das mais importantes na vida das criaturas humanas. O espiritismo traz, para o nosso entendimento, conceitos que não podem ser relegados a segundo plano. Nós sabemos que os enlaces matrimoniais são programados por benfeitores especialistas em reencarnação, tendo em vista os compromissos diante das Leis de Deus e interessados no casamento. Assim, tudo é exatamente verificado, levando-se em conta o passado dos dois antes de assumirem o compromisso, que tem como objetivo eliminar arestas antigas que impossibilitavam o progresso espiritual de ambos. Logo, meu caro Edmar, como eu posso trabalhar na separação dos dois, considerando ainda que são meus amigos?

— Efetivamente, você tem toda razão. Vamos fazer uma coisa: esquecer tudo e sair para tomar um cafezinho?*

— Bem lembrado!

— Então, às vezes, após uma pausa, os nossos pensamentos acabam fluindo mais facilmente.

— Certíssimo, Edmar!... — Depois, dirigindo-se à atendente: — Caso mais alguém me procure, por favor, diga que eu voltarei somente amanhã.

— Bom descanso!

26 Só isso?!... Então falta tudo!

○ dia escava bastante quente, pressagiando chuvas durante a noite. Os dois amigos, depois de tomarem o cafezinho, dos mais saborosos, reiniciaram a conversa interrompida. Edmar foi o primeiro a romper o silêncio:

— Então, o casal está optando por liberdade. Qual o motivo?... Pode-se saber?

— O motivo de sempre: incompatibilidade de gênios. Nenhum dos dois suporta mais o comportamento do parceiro. Tudo é refutado, desde os mais mezinhos pontos de vista. Estão de marcação um sobre o outro.

— E agora, o que fazer?

— Antes de tomar as providências relativas à separação preciso visitá-los para uma conversa definitiva—elucidou César.

— São espinhos do ofício. Você tem jeito para resolver adequadamente tais questões.

César sorriu; depois, mudando de assunto, perguntou:

— Eu desejo saber o motivo que o levou a se afastar por tanto tempo do nosso convívio. Telefonei algumas vezes para sua casa, e sua mãe me informou que o amigo havia viajado, a fim de resolver alguns processos em andamento na delegacia. Certo?

— Não foi bem isso. Estive investigando um crime...

— Não diga?!... — exclamou César, sorrindo.

— Ah!... então você também acha que eu não tenho condições para bem exercer o cargo de detetive? Pois fique sabendo que eu conheço toda a trama que levou meu pai a ser assassinado...

— Logo seu pai?!... Já sabe quem matou o seu velho?

— E só isso que falta descobrir...

— Só isso?!... Então falta tudo! — retrucou César, interrompendo a fala do amigo.

— Pretendo contar a você toda a trama que levou meu pai a tão trágico fim, quando for oportuno; me aguarde. Agora, mudando de assunto saiba que encontrei uma jovem que é sem dúvida a outra metade da minha laranja.

— Eu pensei que você fosse acertar com a Cíntia, irmã da minha namorada!

— Não. A Cíntia é uma garota encantadora, não posso negar, porém não faz o meu tipo — aduziu Edmar.

— E pena! Eu já estava fazendo planos.

— Planos?!... Como assim?— indagou Edmar, interessado no assunto.

— E o seguinte. Há um prédio em construção na área central da cidade, já em fase de acabamento. Um dos proprietários está vendendo os dois apartamentos adquiridos. Assim, pensei que nós dois poderíamos comprá-los. São ótimos: dois quartos, ampla sala de visitas, cozinha, dois banheiros e área de serviço. E exatamente o que nós precisamos no momento.

— Eu não disponho de condições — argumentou Edmar.

— O proprietário vai se transferir para outra cidade. Nós compramos os imóveis através de financiamento bancário parcelando o valor como nos convém — esclareceu César, vivamente interessado no apoio do amigo.

— Até que pode dar certo. Com o falecimento do meu pai, mamãe me adiantará o valor necessário; depois, descontará no final do inventário. Irei falar com ela hoje mesmo sobre o assunto.

— Caso você concorde devemos dar uma parcela inicial, para segurar o negócio. Depois tudo vai ficar mais fácil, porque o Banco já financiou vários apartamentos do prédio e muita burocracia bancária já deixou de existir. Além do mais eu conheço o pessoal do Banco que trabalha na carteira imobiliária e logo irei colher informações a respeito dos papéis indispensáveis ao nosso projeto — completou César, satisfeito com a possível adesão do amigo.

— César, me diga uma coisa, como vai o seu romance com a Joyce?

— Maravilhosamente bem!... Estou vivamente interessado em me casar com ela.

Como quem casa quer casa, diz o povo, estou pensando em adquirir um apartamento para poder concretizar o meu ideal. Perguntei ao proprietário se ele venderia um só, e ele respondeu que não. Unicamente os dois, na mesma oportunidade, daí o meu desejo em que você fique com um deles. Até porque os imóveis representam, atualmente, o melhor investimento. Caso você mais tarde queira vendê-lo, vai ter um bom lucro — argumentou César, eufórico com o resultado da conversa.

— Então o seu namoro vai bem...

— Muito bem!... porém há um obstáculo a ser vencido.

— Não diga!... O que está acontecendo?

— Os pais da Joyce são protestantes, ou como eles dizem, são evangélicos. Edmar, você sabe tão bem quanto eu, que tais religiosos são radicais. Eles ainda não interferiram no nosso namoro, porque me julgam um bom partido. Todavia, já procuraram várias vezes abordar o assunto, e eu, macaco velho, desconversei com bastante tato. Afinal sou advogado; conheço essas manhas muito bem — informou César, um tanto preocupado com o seu romance com Joyce.

— Realmente. Você tem toda razão. E a Joyce, o que pensa a respeito?

— Ela não adota os mesmos princípios dos pais; é bastante inteligente para perceber que as intransigências paternas colidem com as lições evangélicas. Logo, ela se mantém distante de qualquer possível desentendimento com os pais. Todavia, cedo ou tarde, terei que enfrentar também essa porfia — acrescentou César, sorrindo.

— Nesse entrevero eu sou mais você, tenho certeza do que afirmo. A vitória será sua! — afirmou Edmar, convicto.

— Lembra-se da parábola do bom samaritano, abordada na palestra que assistimos no Centro Espírita? Você quer exemplificação mais esclarecedora a respeito do comportamento que devemos adotar com relação ao nosso próximo?

— Perfeitamente, César. Até hoje as palavras do orador soam nos meus ouvidos. Para quem aceita os ensinamentos de Jesus, a verdade será fator de renovação interior, obrigando-o a abandonar hábitos nocivos que ainda falam mais alto aos sentidos humanos. Ficou bem claro naquela noite o que vale, é ser samaritano de coração, cheio de amor, e não religiosos frios e intransigentes, que só visam seu próprio bem-estar. Quem não ama ao seu irmão sofredor aqui na Terra, como é que vai amar a Deus que não vê? — perguntou Edmar.

— Há um belíssimo ensinamento de autoria do espírito Emmanuel, sobre o amor, que merece ser lembrado neste momento. Ei-lo: "Reparte o teu pão com amor e o amor dos outros santificará o pão que te alimenta" — finalizou César, emocionado pela beleza e sabedoria encerradas na frase.

27 Ele que me aguarde!

Os pais de Joyce, namorada de César, estavam ansiosos para ter uma conversa

com o jovem a fim de tratar de questões religiosas, dirimindo as dúvidas a respeito dos princípios que esposavam, com fundamento na Bíblia. Assim, julgaram conveniente convidá-lo para o almoço, o que foi feito através da moça.

No dia do evento, César percebeu no ar um presságio de acontecimentos inusitados. O casal Dante e Iracema, genitores de Joyce, revelava uma amabilidade fora dos padrões normais. Joyce e sua irmã Cíntia mantinham-se reservadas, pois já sabiam do real motivo daquela reunião. Assim, após fraternal conversa mantida na sala de visitas, o jovem advogado foi convidado a tomar assento à mesa já posta onde se podia notar a excelente comida acompanhada de vinhos das melhores procedências. A conversa durante o almoço girou em torno de assuntos do dia-a-dia, enfocando sobretudo a situação financeira do país. Terminada a sobremesa, por sinal deliciosíssima, Dante convidou César a se acomodar na sala de visitas novamente, onde todos compareceram. Ali foi servido excelente licor de amêndoas. A seguir Dante, rompendo o breve silêncio, perguntou a César: — Eu soube pela Joyce que você é espírita.

— Exato. Tenho lido muitas obras espíritas, cujo conteúdo tem solucionado inúmeros problemas da minha vida, de maneira que me sinto tranquilo, feliz e disposto à prática do bem, confiante sempre na bondade de Deus.

— Você já leu a Bíblia? — tornou a perguntar Dante.

— Só o novo Testamento. Gosto muito de estudar a vida e obra de Jesus — acrescentou César.

— Ah!... Então é por isso...

— Por isso!... Por quê?

— No livro Deuteronômio Moisés foi bem claro ao proibir o exercício do Espiritismo (**18:10, 11 e 14**).

— Não pode ser! — exclamou César. — O Espiritismo nasceu no dia **18-04-1857**, com a primeira edição de O Livro dos Espíritos; tem, portanto, pouco mais de **130** anos. Logo, como pode ter sido proibido por Moisés há quase quatro milênios?!... A passagem citada pelo senhor, trata da mediunidade e não do Espiritismo; não é a mesma coisa. O assunto em questão já foi analisado em uma palestra no Centro Espírita que frequento. As abominações citadas por Moisés jamais foram praticadas pelos adeptos espíritas. A Doutrina Espírita é essencialmente espiritual, não adota nenhuma exterioridade material, seus fundamentos são puramente cristãos.

— Essa não! — retrucou de pronto Dante. — A reencarnação não encontra apoio nos ensinamentos de Jesus — considerou o genitor de Joyce, pensando ter colocado o jovem advogado em dificuldade para as necessárias explicações.

— Inicialmente devemos estar certos de que Jesus não disse tudo, pois a Humanidade na época não tinha condições de entendimento suficiente para assimilar a verdade na sua expressão maior, daí a razão por que o Messias prometeu enviar à Terra o Consolador, que teria a incumbência não só de lembrar

os homens a respeito das suas lições de luz, como ensinar todas as coisas (João, **14:26**). O vocábulo reencarnação foi criado por Allan Kardec; não pode ser, portanto, encontrado na Bíblia.

Contudo, analisando-se as verdades evangélicas segundo o ponto de vista de Paulo de Tarso, o vidente de Damasco: "A letra mata, e o espírito vivifica"(II Coríntios, **3:6**), iremos, sem dúvida, encontrar o legítimo sentido de tudo....

— Vamos resumir. Cite exemplos — retrucou Dante, olhando significativamente para a esposa.

— Pois não. No Velho Testamento (Malaquias, **4:5 e 6**), há uma profecia que diz que o precursor do Cristo seria Elias. Nós sabemos, no entanto, que o precursor de Jesus foi João Batista (Marcos, **1:7 e 8**). Apesar de as informações serem contraditórias, ninguém cometeu erro, ou seja, Elias era João Batista reencarnado. Há um diálogo entre Jesus e os seus discípulos que soluciona tal questão, isto é, o Mestre falava sobre Elias e os discípulos entenderam que ele se referia a João Batista (Mateus, **17:10 a 13**). Jesus tinha pleno conhecimento das coisas e não contestou a opinião dos apóstolos — esclareceu César, tranquilamente.

Nessa altura, Dante já não apresentava o mesmo equilíbrio emocional. O jovem, pelo contrário, manifestava-se bem à vontade, falava com desembaraço e firmeza.

— Caro César, você afirmou não conhecer o Velho Testamento. Todavia, acaba de citar uma profecia de Malaquias. Não estou entendendo!

— É fácil. No Centro nós tivemos a felicidade de ouvir uma palestra enfocando a reencarnação. O orador, estudioso da Bíblia, foi claro nas suas considerações abordando o tema Vidas Sucessivas, dirimindo todas as possíveis dúvidas. No entanto peço licença para citar mais um exemplo, se concordarem; não quero ser importuno.

— De modo nenhum. A palavra é sua — ratificou o dono da casa entre preocupado e atento.

— Obrigado. Nicodemos, doutor da lei, certa vez procurou Jesus para um esclarecimento, ou seja, o que ele deveria fazer para herdar a Vida Eterna. Jesus foi categórico: "Ninguém pode ver o Reino de Deus se não nascer de novo. Se um homem não nascer da água e do espírito, não pode ver o Reino de Deus (João, **3:3 e 5**). A Doutrina Espírita, abordando o tema **1** luz da Verdade, esclarece que nascer da água é renascer materialmente; até a Ciência acadêmica já concluiu que toda a forma viva procede da água. Além do mais, não podemos descartar que o feto durante o período de gestação fica imerso no líquido amniótico (água). Nascer do espírito significa progredir espiritualmente na esteira infinita do tempo — comunicou César, olhando todos os presentes bem nos olhos.

— Eu não concordo com as suas colocações — retrucou Dante, revelando intranquilidade e uma certa dose de irritação, pela maneira objetiva e lógica com que o jovem advogado se expressava.

— Eu respeito as suas convicções religiosas e não quero, igualmente, criar polêmica, até porque todos nós somos livres para pensar, estudar e aceitar aquilo que julgarmos verdadeiro. Paulo de Tarso, asseverou certa vez: "Ora, o Senhor é Espírito; e onde está o Espírito do Senhor aí há liberdade" (II Coríntios, 3:17).

Nessa altura, todos os ouvintes entreolharam-se admirados. César sabia que a primeira batalha havia sido ganha e que outras viriam, fatalmente. O dono da casa, de modo algum, considerava-se derrotado. Agora iria, mais que nunca, estudar a Bíblia com empenho e dedicação, a fim de encontrar "munição" capaz de derrotar o jovem pretendente à mão de sua filha. As coisas não poderiam ficar nesse pé. Assim, depois que César deixou a residência levando Joyce consigo, a caminho do cinema, onde iriam assistir a um filme ansiosamente aguardado, Dante monologou:

— Ele que me aguarde!... Não é com ponto de vista infundado, torcidos à sua maneira de ver as coisas, que vai vencer a sólida argumentação que a Bíblia contém. Reencarnação, onde se viu maior absurdo!.. Ele que me aguarde! — repetiu, preocupado.

28 Como solucionar tal questão?

Após uma discussão acirrada, motivada por divergências políticas, Tonhão, um tanto alcoolizado, tirou a vida de um desconhecido no Bar "Último Gole", situado na periferia da cidade. Fora mais rápido, assim que percebera que o desconhecido tentava tirar uma arma de dentro de uma sacola; antecipou-se, sacando um revólver e acertando com dois tiros o coração do seu oponente.

O criminoso foi detido em flagrante por policiais que faziam a ronda naquelas imediações.

— Não quero ninguém aqui dentro, todos na rua — determinou um dos policiais, de cara fechada. Ato contínuo, foi até o telefone e comunicou delegacia o ocorrido. Em menos de dez minutos Edmar assumiu a liderança da investigação, acionando primeiramente os peritos para levantamento do corpo.

— Edmar, o defunto portava um pequeno revólver — informou um dos policiais, encarregado do levantamento de possíveis pistas.

— Eu fico com o revólver. Os demais pertences da vítima, vocês recolhem e levam para a delegacia; procedam conforme a praxe.

Edmar apanhou a arma e envolveu-a em papel apropriado a tais procedimentos, colocando-a em sua pasta. Anotou o nome e endereço de todos que estavam no bar na hora do crime.

A polícia técnica compareceu prontamente, tomando as providências cabíveis em tais casos e liberando o corpo, que foi encaminhado ao Departamento Médico Legal para a indispensável autópsia.

Conforme informações colhidas, a vítima estava hospedada há algum tempo em uma pensão fuleira; era normalmente visto nos bares das imediações, sempre

quieto, escondido nos cantos, ingerindo goles de pinga; comia pouco fumava bastante. Após as averiguações indispensáveis, agora no dormitório da pensão, a polícia somente encontrou alguns papeis sem qualquer valor e os documentos pessoais do morto.

- Nada feito! — esclareceu Edmar, que liderava as investigações.
- Nada feito?!... Por quê? — retrucou um dos policiais.
- Os documentos são frios, não passam de grosseiras falsificações. A vítima, ao que tudo indicava, usava uma dezena de nomes, o que nos leva a crer que não passava de um indivíduo perigoso, bastante astuto.
- Isso não isenta de culpa o Tbnhão. Não é verdade? indagou o policial.
- Exato!... Crime é crime!... Até porque o Tonhão também não é flor que se cheire. Trata-se de elemento turbulento, provocador, conhecidíssimo da delegacia — finalizou Edmar.

Naquela tarde foi realizado um exame de balística, com a arma encontrada com a vítima e o projétil extraído do cadáver do pai de Edmar. As suspeitas do jovem detetive se confirmaram plenamente. O desconhecido era o assassino do delegado Frederico. O crime estava totalmente desvendado. O criminoso ganhava a vida exercendo a função de matador, ou seja, assassino de aluguel. Era hábito dele não se afastar, por algum tempo, do cenário de suas execuções. Alimentava certo prazer mórbido em ouvir os comentários em torno de suas vítimas, considerando intimamente:

"Meus crimes são perfeitos. Ninguém jamais porá suas mãos sobre mim. Esse é o meu trabalho, somente livro a Terra de elementos perniciosos; procuro fazer justiça. O que ninguém tem coragem de fazer, eu faço com satisfação, eliminando indivíduos nojentos — esses os pensamentos dele, se pudéssemos adivinhá-los".

No entanto, indubitavelmente, é fácil enganar os homens e impossível ludibriar as Leis Divinas que, cedo ou tarde, promoverão a Justiça infalível a cada caso. Não há inocentes na face da Terra. Assim, o tempo vai colocando todas as coisas nos seus devidos lugares, sempre com o Aval Divino. Jesus foi bastante claro quando disse: "Com a medida com que tiverdes medido, vos hão de medir a vós" (Mateus, **7:2**). Logo, devemos nos empenhar ao máximo no sentido de acertar sempre e jamais errar, se possível. A renovação íntima individual irá construir um mundo melhor amanhã. E bem verdade que o advento de um mundo novo ainda demandará muitos séculos, quiçá milênios. Todavia, será uma realização no porvir. Disso não temos dúvida alguma. Jesus afirmou: "Eu sou o bom pastor; o bom pastor dá a sua vida pelas ovelhas"(João, **10:11**). Nós somos as ovelhas de Jesus. Ele é o nosso Divino Pastor.

Curiosa a situação de Edmar, na delegacia. Ninguém acreditava na competência do jovem detetive, que não obtinha êxito nas suas investigações. Incontáveis vezes até o seu pai folgava com ele pelos seus inúmeros fracassos. A verdade é que Edmar não tinha pendores para um bom policial; por mais que se esforçasse, não

lograva sucesso no cumprimento de suas obrigações. O pai, desejando vê-lo bem sucedido mesmo assim insistia, delegando a ele investigações normalmente designadas a policiais mais tarimbados na profissão.

Entretanto, foi exatamente Edmar que solucionou o assassinato do seu genitor: conhecia o mandante do crime e o criminoso. No entanto, como cumprir o seu dever prendendo e condenando um homem doente, martirizado durante longos anos pela morte do seu único filho?... Sabendo que o assassino de Júnior tinha sido exatamente o delegado, seu genitor, quando dirigia seu automóvel em alta velocidade?

O jovem detetive tinha pleno conhecimento de tudo. Ele soubera, como ninguém, chegar ao assassino do seu pai. E agora, como deveria proceder? Edmar vivia um terrível drama. Contudo, analisando melhor o caso à luz dos ensinamentos espíritas, resolveu deixar tudo como estava.

Com essa deliberação, tranquilizou o seu coração; ele estava vivendo um impasse, sem saber solucionar a questão; agora, todas as nuvens de dúvidas haviam se dissipado, até porque o coitado do Francisco estava seriamente enfermo. Certa vez, em que Edmar se recolhia ao dormitório para o necessário repouso, monologou:

— Deus conhece todos os detalhes do crime e saberá fazer Justiça no momento aprazado.

Vamos retroagir no tempo somente um ou dois dias, a fim de relatar o que ocorreu com o desconhecido após o delito. Acorreram ao local uma dezena de espíritos, a fim de vampirizarem as energias vitais do cadáver; em seguida, arrebataram o espírito à força e o levaram para destino ignorado. Tais entidades da sombra estão sempre à espreita, mormente em lugares onde há possibilidade de brigas, desentendimentos, com viabilidade de mortes violentas. Inúmeras vezes elas mesmas motivam citados confrontos visando assassinatos, no sentido de ganharem condições de suprir suas carências inferiores. É muito importante não frequentarmos locais dessa natureza, onde se fazem presentes espíritos turbulentos e imperfeitos, odientos e vingativos, buscando infelicitar seus semelhantes com seus pensamentos malévolos.

Felizes são aqueles que conhecem o caminho do bem e da verdade e procuram perseverar nele, não só semeando os ensinamentos do Evangelho de Jesus nos corações humanos, como igualmente praticando a caridade de mil e uma formas, como reconhecimento pelas inúmeras dádivas espirituais recebidas no transcurso de sua jornada terrena.

Cada existência humana é um capítulo a mais no livro da vida. Sejamos inteligentes, preenchendo as páginas do nosso livro com apontamentos de estudos e trabalhos dignos, sobretudo em termos espirituais.

29 Somente a reencamação

Após a leitura do jornal diário da cidade, hábito indispensável à sua profissão, César apanhou o Novo Testamento para uma leitura e reflexão sobre os ensinamentos de Jesus, o Mestre incomparável de toda a Humanidade.

Nos apontamentos do evangelista Mateus, **5:16**, a lição ali anotada lhe chamou a atenção de modo particular. Leu várias vezes, no sentido de se inteirar bem do seu conteúdo.

- "Assim brilhe a vossa luz diante dos homens para que vejam as vossas boas obras e glorifiquem a vosso Pai que está nos Céus".

As palavras de Jesus soaram fortes no seu entendimento, exigindo uma meditação profunda sobre o tema, alertando-o quanto à responsabilidade na divulgação dos princípios doutrinários que já possuía. O versículo chamava a atenção dos adeptos no campo da participação ativa em prol do esclarecimento alheio, em todos os sentidos, sobretudo na prática das boas obras.

"É, estou fazendo muito pouco. A seara espírita precisa de cooperadores ativos, cuja atividade maior é colocar a candeia sobre o velador, ou seja, fazer com que as verdades cristãs sejam do conhecimento popular. Nesse particular, tenho certeza absoluta de que os exemplos falam sempre mais alto, convencendo até os incrédulos, porém sinceros e de boa vontade que apreciam aprender, renovando-se intimamente, no sentido de viver melhor. A vida, em si, não dispensa progresso paulatino e ininterrupto, porque tem como fundamento Deus, o Poder Supremo do Universo"— monologou César, baixinho.

Tais reflexões o alertaram a respeito dos seus genitores. César ainda, lamentavelmente, não comunicara aos seus pais as suas novas convicções religiosas.

"Conforme os apontamentos evangélicos que acabo de ler, preciso exercer atividade de esclarecimento doutrinário, através da palavra e, sobretudo, do exemplo" — voltou a monologar o jovem advogado, agora um tanto preocupado com relação aos seus genitores. "Preciso cuidar com muito carinho desse assunto de tão magna importância, até porque papai e mamãe já atingiram a terceira idade. Logo, têm necessidade de se cuidarem espiritualmente, preparando-se para a grande viagem. Mãos à obra, pois".—Ato contínuo, chamou seus pais para uma conversa.

— O que foi, meu filho? Algum problema de difícil solução? — indagou Severina, um tanto preocupada.

— Algum caso difícil no escritório, envolvendo seus clientes? — perguntou Antero, apreensivo.

— Não, nada disso. Apenas achei oportuno ter uma conversa demorada com vocês dois. A não ser que tenham algo importante para fazer neste momento. Eu não quero, de modo algum, atrapalhá-los.

—Absolutamente!... Vamos conversar, sim. Afinal, na troca de informações é

que a gente vai aos poucos se entendendo melhor e progredindo sempre. Isso não quer dizer que nós temos aqui em casa certas arestas para aplainar. Você me entende, não é César?

— Perfeitamente, papai. O que eu quero é participar a vocês que atualmente eu sou espírita...

— Espírita?!... — exclamou seu pai, admirado.

— Antero, eu já desconfiava disso. Nosso filho, ultimamente, vinha adotando comportamento um tanto diferente do costumeiro. Achei que você estava frequentando algum Centro Espírita...

— Por que, mamãe, a senhora chegou a essa conclusão?

— Eu tinha uma amiga, hoje falecida, que falava coisas diferentes dos ensinamentos católicos. Na ocasião eu não aceitei, apesar das suas palavras estarem repassadas de compreensão, tolerância, fraternidade. Todos a estimavam. Por outro lado eu vinha notando, ultimamente, uma certa modificação no seu comportamento; aí eu me lembrei da minha amiga, chegando à conclusão de que alguma ideia nova se aninhava em sua mente.

— Acertou. Eu quero conversar com vocês a respeito da minha nova convicção. Vocês sabem que a vida continua. Assim, nós precisamos nos preparar para essa metamorfose indispensável que é a morte fisiológica.

— O papai ainda tem sérias dúvidas...

— Não responda por mim. César sabe perfeitamente que eu não partilho da ideia de que a vida continua; para mim a morte é realmente o fim de tudo. Contudo, vamos ouvi-lo com atenção. Nosso filho é um jovem preparado, inteligente; quem sabe se as suas conclusões nos levarão a conhecer verdades até então por nós desconhecidas? Você sabe do nosso pouco tempo; a gente é o que a vida nos ensinou, através de muitas lutas e sacrifícios — considerou Antero.

— Meu filho, pode começar. Somos todos ouvidos — falou Severina, revelando interesse em ouvir o que César tinha a dizer.

— Antes de qualquer consideração sobre o assunto, precisamos entender que Deus é Perfeito em todos os seus atributos, ou seja, Misericordioso, Sábio e Justo, sem qualquer tipo de restrição.

— E assim que eu entendo — aduziu Severina, concordando com as palavras iniciais do filho. O marido limitou-se a ouvir.

— Ocorre que, se nós não aceitarmos tais realidades, iremos fatalmente concluir que Deus também é parcial, como nós humanos...

— Como assim? — indagou a genitora, interrompendo a fala do filho.

— Na Terra, mamãe, podemos facilmente encontrar pessoas ricas e pobres, inteligentes e obtusas, sadias e doentes, atletas e aleijadas. Como entender a Perfeição Absoluta de Deus, criando filhos e destinando-os a situações tão discrepantes entre si?... Uns sofrendo e outros gozando bens que nada fizeram para merecer?... As religiões tradicionalistas, com os seus princípios obsoletos,

nada explicam, afirmando ser mistério que não cabe ao homem desvendar. Eu particularmente não aceito; para mim tudo precisa passar pelo crivo da minha razão.

— E aí, meu filho, como entender e aceitar tais diferenças sociais? — indagou a mãe, enquanto o pai mantinha-se em silêncio, somente acompanhando o diálogo, atentamente.

— Somente a reencarnação ou vidas sucessivas soluciona todos os enigmas que tanto dificultam o entendimento do povo. Nós já tivemos inúmeras encarnações; hoje estamos desfrutando de mais uma, e ainda teremos pela frente outras tantas ou muito mais ainda, a fim de atingirmos a perfeição, embora relativa...

— Por que relativa? — indagou Severina.

— Porque a Sabedoria Divina é infinita; assim, jamais atingiremos a perfeição Absoluta do Pai Celestial. Nós somos herdeiros de Deus. Assim, de etapa em etapa, de experiência em experiência, de encarnação em encarnação, nós iremos desfrutar de conhecimentos até agora ignorados...

Nessa altura o telefone tocou, interrompendo a conversa; era um amigo de Antero, solicitando informações sobre as suas atividades profissionais.

30 Apreocupação de Antero

Enquanto Antero esteve ao telefone, dando atenção ao amigo, Severina e o filho mantiveram-se calados, refletindo no tema abordado. A mãe estava mais acessível às informações de César. O pai jamais alimentara ideais religiosos; sempre esteve mais propenso à conquista de recursos materiais; sequer admitia a existência de Deus. César lembrou-se de que certa vez perguntara ao pai:

— Papai, como o senhor acha que o Universo surgiu?

— Meu filho, eu não posso dizer como tudo aconteceu, até porque ninguém sabe. O nascimento, naturalmente, ocorreu por um desses fenômenos inexplicáveis que se perdem no passado. É uma incógnita!

— Então o senhor acha que o Universo não tem um criador. Surgiu do nada, por acaso.

— Exato, meu filho. Todavia, jamais procurei entender assuntos dessa natureza — finalizou Antero, sorrindo.

Nessa altura o pai encerrou o telefonema, retornando para junto dos familiares, e César à realidade.

— Desculpe-me ter interrompido as suas argumentações. — Que é isso, papai; o senhor não tem do que se desculpar. Mas como eu ia dizendo, a nossa perfeição é sempre relativa; somente a Perfeição Divina é Infinita. Assim, à medida que os espíritos forem evoluindo na esteira sem fim dos tempos, vão conquistando progressivamente conhecimentos espirituais. A felicidade, papai, tem um preço: o

da nossa identificação com a sabedoria e com o amor vivenciado.

Daí a necessidade das reencarnações?

— Perfeitamente. Os espíritos foram criados por Deus, simples e ignorantes. Simples, porque hoje nós somos complexos; ignorantes, porque desconhecíamos todas as coisas, até as mais rudimentares. A partir do nascimento, que se perde no passado dos tempos, cada indivíduo iniciou o seu progresso através de iniciativas pessoais e coletivas. Por exemplo: quando fazia frio, procuravam lugares quentes, como as cavernas à noite, e o sol durante o dia; quando fazia calor, procuravam a sombra; para amenizar a sede utilizavam-se de água; para matar a fome, alimentavam-se de frutos e de pequenos animais. Viviam em grupo, defendendo-se de possíveis inimigos. Enfim, viviam em pequenas comunidades, amparando-se mutuamente — considerou César.

— Esse foi o princípio da vida humana aqui na Terra? — indagou Antero, procurando confirmação.

— Os livros dão informações dessa realidade...

— Onde os autores dos livros foram buscar essas informações a respeito de fatos que eles jamais viveram?... Como adquiriram tais convicções?

— Papai, o Espiritismo surgiu no século passado, com a primeira edição de O Livro dos Espíritos. Allan Kardec é o seu autor. O conteúdo da obra trata de assuntos de magna importância, inclusive esse. Os temas ali enfocados são lógicos e convincentes. O codificador da Doutrina Espírita recebeu através de médiuns plenamente confiáveis, as informações permitidas por Deus, de como se processaram os eventos aqui na Terra. Allan Kardec formulou as perguntas e o Espírito de Verdade respondeu, uma a uma. Fazem parte da codificação, além da obra já citada, mais quatro, a saber: O Livro dos Médiuns, O Evangelho Segundo o Espiritismo, O Céu e o Inferno e A Gênese, todas enfocando temas relevantes a respeito das Leis Divinas, presentes e atuantes em todo o Universo.

— Então, O Livro dos Espíritos trata dessas questões que estamos abordando?

— Perfeitamente, e de maneira a não deixar quaisquer dúvidas a respeito, fazendo luz sobre pontos até então obscuros ao entendimento humano.

— Fale-me mais sobre as vidas sucessivas...

— Papai, elas acontecem tantas vezes quantas forem necessárias, não existe um número certo de reencarnações. Quem souber aproveitar melhor o tempo, aprimorando-se no estudo e no trabalho dignos, sobretudo em favor do bem-estar alheio, vencerá mais rapidamente o ciclo das vidas sucessivas, atingindo níveis espirituais bem-aventurados e fazendo, inclusive, parte de grupos de seareiros do Divino Mestre, que laboram incansavelmente em favor da regeneração da Humanidade — ponderou César, interessado em aproveitar bem a oportunidade desfrutada para plantar nos corações dos genitores as sementes de Vida Eterna.

— Não é fácil aceitar a sua realidade quem, como eu, sempre foi avesso a temas religiosos. Então, para os espíritas nós somos o resultado das nossas

ações?... Se Deus existe, como funciona a sua Misericórdia, tão apregoada no Evangelho de Jesus?

César estava satisfeito com o interesse do genitor que, sem perceber, fornecia os recursos necessários às suas ponderações a respeito das Leis Divinas.

— Papai, tudo está devidamente previsto nas Leis Eternas que abrangem todas as coisas, desde as mínimas até às máximas. Nada escapa ao Poder Supremo. A vontade de Deus é que os seus filhos logrem a legítima felicidade, mercê dos seus próprios esforços, através de etapas, experiências e reencarnações. O Pai Celestial não obriga ninguém a fazer o que não deseja; para tanto deu-nos liberdade de ação. Contudo, cada um de nós responderá, cedo ou tarde, por tudo que fizer. Jesus foi claro ao asseverar: "A cada um conforme as suas obras" (Mateus, **16:27**). Como entender e aceitar a vida com início no berço e epílogo no túmulo?... A unicidade de vida não explica nada; por outro lado, confunde tudo, revelando disparidades absurdas. Se Deus é Amor e Justiça Infinitos, como aceitar as diferenças existenciais, uns sendo favorecidos de mil e um modos, e outros sofrendo vicissitudes de todos os matizes?

— César, existem tantas coisas que os homens não sabem como acontecem... Gostaria que você esclarecesse melhor esse ponto.

— Pois não. As vidas sucessivas oferecem oportunidades de recapitulações indispensáveis aos seres humanos que lutam em busca de progresso espiritual. Não podemos ignorar, papai, que cada um de nós é o autor do seu próprio destino. A opção é sempre nossa! Nesse aspecto, a Natureza nos proporciona sábias lições, que não podem, ser olvidadas: plantando-se espinhos, colheremos obrigatoriamente espinhos; plantando-se boas sementes, colheremos bons frutos. Nada mais claro e insofismável!

— Meu filho, as suas ponderações nos obrigam a pensar profundamente sobre o assunto.

— Papai, é fácil vigiar o nosso comportamento cotidiano, no sentido de salvaguardar a nossa felicidade. Tenhamos sempre em mente a profunda lição evangélica, aconselhando-nos a fazer aos nossos semelhantes exatamente aquilo que queremos que eles nos façam (Mateus, **7:12**). Pautando as nossas ações em tais normas de luz, estaremos sem dúvida preservando a nossa vida de acontecimentos dolorosos e edificando ao mesmo tempo um futuro promissor, onde a felicidade real seja uma constante em nossas experiências de Vida Eterna. Somente a sabedoria e o amor vivenciado terão condições de nos tornar realmente ditosos para todo o sempre.

— César, vou pensar a respeito das suas colocações, que para mim são novidades. Oportunamente voltaremos a conversar sobre o assunto — finalizou Antero, esforçando-se para não revelar ao filho a sua justificável preocupação.

31 A verdade e o amor

A conversa com o filho deixara Antero sensivelmente preocupado. Suas ponderações a respeito da vida humana colidiam com o seu ponto de vista. Contudo, eram lógicas e convincentes, dando a cada ser humano a responsabilidade sobre os seus atos determinando, inclusive, resgates dolorosos a todos os transgressores das Leis Universais.

"Jamais admiti que os destinos dos homens estivessem atrelados, gerando conseqüências naturais" — monologou, logo após ter lido o jornal do dia. "E bem verdade que as palavras do César não passam de teorias bem arquitetadas; à primeira vista, elas não apresentam lacuna. Sabe de uma coisa?... Bola para a frente"...

Apesar dos esforços para esquecer as ponderações do filho, Antero, sem perceber voltava a mentalizar aquelas informações. "Se há um criador, o Universo não surgiu por acaso; então, tudo obedece a uma Sabedoria Superior, que continua administrando todas as coisas com Justiça irreparável, dando a cada indivíduo conforme o próprio merecimento. Não!... Não pode ser assim!" A última frase foi proferida em voz alta. Severina, que estava na cozinha cuidando do almoço, foi até a sala e perguntou ao esposo: — O que não pode ser assim?

— Nada, mulher, nem sei o que eu disse. São tantos os pensamentos que cruzam a minha mente que, às vezes, a gente diz coisas sem nexos.

— Meu bem, eu notei que você hoje está bastante preocupado. Não sei o motivo; para mim tudo parece estar em ordem, a não ser que haja algo que eu desconheça...

— Tudo certo! — retrucou o marido, um tanto embaraçado.

Diante das palavras do esposo Severina achou melhor retornar aos seus afazeres, igualmente pensativa.

Entrementes, César procurou Edmar, para programarem um passeio. Aquela tarde de primavera ensejava atividades festivas, motivadas pela beleza das flores, presentes em todos os jardins, sobretudo as azaleias, de matizes variados, próprias para serem retratadas em cartão postal.

— Olá, amigo, tudo bem?... — perguntou Edmar, saudando César.

— Tudo azul com bolinhas da mesma cor — respondeu o jovem advogado bem-humorado.

— Quer entrar para conversar um pouco?

— Gostaria de conversar, sim, mas na lanchonete da esquina; isso se o amigo não se opuser.

I — De modo algum, para mim será uma satisfação.

— Desta vez a despesa é minha; da última vez você é quem quitou a conta. Lembra-se?

— Está bem... Está bem.... seja feita a sua vontade — concordou Edmar.

Agora, acomodados em uma mesinha separada, pediram ao garçom uma cerveja bem gelada.

— Edmar, ontem eu tive uma conversa com meus pais, bastante proveitosa. Eu já lhe disse que o velho não aceita a existência de Deus, é materialista convicto. Acha que tudo surgiu por acaso, o que conflita com a lógica e com o bom senso. Nós sabemos que não há geração espontânea; tudo, absolutamente tudo que há no Universo foi criado conforme a Planificação Divina, estabelecida desde todos os tempos. Embora, às vezes dê a impressão de que algo surgiu do nada, não podemos esquecer que os germens indispensáveis para surgimento da vida estavam em estado latente na atmosfera, aguardando as condições ideais para poderem se desenvolver, materializando-se diante dos nossos olhos.

— Perfeitamente! O Criador do Universo planejou tudo; nada escapa aos Seus Sábios Projetos, que visam o engrandecimento moral e espiritual dos Seus filhos, criados a Sua imagem e semelhança.

— Edmar, muitas religiões dão a entender que Deus tem a mesma moldagem que nós os mortais. Caso isso fosse verdadeiro, então o Pai Celestial não seria Infinito; não poderia, portanto, estar em toda parte ao mesmo tempo; estaria, conseqüentemente, ausente da Sua Obra. Nós fomos, sim, criados à Sua imagem e semelhança, espiritualmente falando; guardamos em nós os Seus Atributos de grandeza, em estado latente, à espera dos nossos melhores esforços para poderem germinar e atuar em nós no relacionamento com os nossos irmãos de jornada evolutiva —considerou César, convicto.

— Exato. Voltando ao início da nossa conversa, como ficou seu pai, face às suas ponderações?

— Não teve chance de refutar. Você sabe que os princípios espíritas são convincentes; impossível contestá-los usando-se o bom senso. Ele tentou, sim; porém, para não capitular na primeira conversa, pediu um tempo para refletir. Quando o indivíduo crê na existência de Deus, fica bem mais fácil aceitar as verdades espiritistas. No entanto, quando o interlocutor é materialista, aí as coisas ficam bem mais difíceis. Mas os acontecimentos da própria vida vão confirmando, no dia-a-dia, tudo que o Espiritismo afirma de maneira a não deixar a menor possibilidade de contestação. Somente aqueles que não querem ver nem ouvir tais verdades são capazes de ignorá-lo, unicamente por teimosia.

— Nesses casos, César, convém aguardar. Os frutos amadurecem cada um a seu tempo; alguns mais cedo, outros mais tarde. Todavia, é da Lei que todos, um dia, estejam bem amadurecidos. Com as criaturas humanas ocorre o mesmo fenômeno: quem souber aproveitar as oportunidades compreenderá e aceitará, antes, as verdades que libertam. Os endurecidos, que não souberam desfrutar dos ensejos que a vida normalmente oferece a todos, não atingirão patamares de conscientização, sem sofrer decepções e amarguras; terão que ser colocados na estufa do sofrimento até atingirem situações íntimas ideais de conhecimento e

sentimento. Há inclusive os espíritos mais jovens, que igualmente não terão discernimento capaz de fazê-los entender e aceitar, de pronto, as verdades universais. Paulo de Tarso, o vidente de Damasco, esclareceu: — (...) os meninos alimentam-se com leite; os adultos, porém, que já sabem discernir, alimentam-se com comida sólida (Hebreus, **5:13 e 14**).

— Eu não tenho pressa. Tenho certeza absoluta de que as sementes lançadas nos corações dos velhos encontrarão ambiente propício à germinação. Mamãe está mais receptiva, mais acolhedora. Ela irá me auxiliar na renovação íntima do velho Antero, até porque ele mesmo afirmou que está interessado em continuar o papo. A esta hora estará, naturalmente, procurando armas para poder enfrentar a porfia, com possibilidade de sucesso.

— César, o Espiritismo nos oferece duas armas poderosas; não há indivíduo renitente que não se curve diante de tais instrumentos — afirmou Edmar.

— Eu quero conhecê-las...

— Você já está fazendo uso delas e, diga-se de passagem, manejando-as com extrema habilidade e proveito — adiantou Edmar.

— No entanto, no momento eu as ignoro!

— Duas armas poderosas: a verdade e o amor...

— Claro!... Como eu não pensei nisso?!...

32 A morte não existe

Naquela manhã ensolarada Edmar foi visitar Bárbara, **como** fazia regularmente, pois os dois jovens se amavam e sentiam necessidade de confirmar pessoalmente esse sentimento dos mais enobrecedores entre dois seres afins. Após o abraço e o beijo costumeiros, ratificando o amor que nutriam em seus corações enamorados, entraram.

O ambiente doméstico era de tristeza, contrastando com o dia, dos mais lindos. — O que está acontecendo, meu bem? — indagou Edmar. — Titio não está bem — falou Bárbara chorosa.

— E o médico, o que disse a respeito?

— Que o titio não tem nada, que a enfermidade dele é psíquica.

— A tristeza constante causa doença, minando a saúde fisiológica. Além disso atrai entidades espirituais igualmente enfermiças, que só servem para aumentar o desequilíbrio...

— Edmar, você que conhece o Espiritismo: nesses casos, como deve ser resolvida a questão?

— Com leituras sobretudo evangélicas, se possível por parte do doente, e orações em seu benefício. Não esquecendo também os passes magnéticos. Com essa terapia, tenho certeza de que os enfermos logram melhoras, encontrando a saúde tão almejada, se for da Vontade de Deus.

— O titio, por exemplo, sempre foi avesso às religiões. Afirma não acreditar na existência de Deus.

— Meu bem, isso constitui um sério obstáculo. A fé, em tais casos, é fator primordial.

— Titio mudou muito, depois da morte do Júnior. Perder um filho, meu bem, é experiência das mais dolorosas, principal mente considerando as circunstâncias.

— Concordo plenamente com você. Será que seu tio poderia me receber?

— Vou verificar se ele está acordado.

Bárbara foi ao quarto do tio e, percebendo que a visita seria possível, avisou o namorado.

Edmar entrou no dormitório, ficando perplexo com a aparência do enfermo: pálido, magro, olhos afundados na face, sem vida, mãos esqueléticas.

— Como está passando, senhor Francisco?

— Es... tou... no fim... — respondeu, com dificuldade. — Es...tou mor...rendo...

— Não diga isso!... A morte não existe. O corpo morre, mas o espírito continua mais vivo que antes, dispendo de todas as suas faculdades e aquisições espirituais.

— Para... mim... a morte... é o fim... não creio... na continuidade... da vida... após... a morte... — retrucou pausadamente o enfermo, encontrando dificuldade em proferir as palavras.

— O espírito é imortal, retorna à Terra tantas vezes quantas forem necessárias. Para quem não crê em Deus fica bem mais difícil aceitar a imortalidade e a realidade espiritual. Deus criou o Universo e os espíritos, outorgando-nos liberdade para agir, tanto no campo do bem quanto no do mal. Assim, ao longo das nossas vidas terrenas, vamos edificando o nosso porvir, que poderá ser de felicidade ou de amargura, dependendo unicamente da natureza das nossas ações.

Edmar fez pequena pausa, para examinar detidamente o efeito de suas palavras no semblante do enfermo, notando uma sombra de arrependimento em seus olhos embaciados.

— O Espiritismo é doutrina consoladora, porque não só nos oferece recursos para resolver os porquês da vida, como também as suas verdades transcendentais dissipam todas as dúvidas, confortando os nossos corações diante das vicissitudes, revelando a Grandeza de Deus, feita de Sabedoria, Misericórdia e Justiça perfeitíssimas. As Leis Imutáveis que governam o Universo existem desde todo o sempre, regulando todas as coisas, desde as mínimas até às máximas. Não podemos olvidar, igualmente, que Deus é Amor. Logo, age sempre de maneira misericordiosa. Há um ditado popular que retrata bem o comportamento do Pai Celestial com relação aos Seus filhos: "Deus dá o frio conforme o cobertor".

O jovem detetive fez nova pausa, não só para examinar novamente a fisionomia do doente, como também para coordenar seus pensamentos, no sentido de aproveitar melhor o tempo disponível. Depois, rompendo o silêncio, falou:

— Senhor Francisco, não podemos entender de outra forma os acontecimentos que nos rodeiam. O Universo existe, não surgiu por acaso. Assim, tem um autor que é Deus, Suprema Inteligência. As diferenças gritantes que existem no seio das comunidades são a consequência de faltas e delitos cometidos pelos seres humanos em jornadas pretéritas. Tudo, absolutamente tudo, tem uma explicação racional. Cada indivíduo permanece, provisoriamente, na posição em que merece ficar, até que se renove intimamente, no sentido de conquistar sabedoria e virtudes cristãs. Somente as vidas sucessivas, tantas quantas necessárias, concedem a cada criatura as condições ideais para corrigir os erros, quitaras dívidas, expiar os crimes porventura cometidos. O sofrimento que campeia na Terra constitui o remédio indispensável à cura de tais males. Senhor Francisco, Deus está presente em toda a Sua Obra, e faz a vida abundante que alimenta todos os seres nas mais diversificadas posições evolutivas.

Nessa altura, Francisco fez um leve movimento com a mão direita, alertando o jovem que desejava dizer alguma coisa. Edmar interrompeu o seu raciocínio para ouvi-lo.

— As... suas..., pala.... vras... me fazem... bem. São since... ras. Espe... lham os... seus no... bres... senti... mentos — falou Francisco.

— Não existe sequer uma pessoa que não seja ajudada por Deus. A parábola do filho pródigo (Lucas, **15:11 a 32**) nos dá conta da Misericórdia Divina. Jesus, nosso irmão maior, afirmou: "Eu não fui enviado senão às ovelhas perdidas da casa de Israel" (Mateus, **15:24**). Senhor Francisco, temos toda a eternidade à nossa disposição para evoluir. Quem aproveitar bem o tempo encontrará menos obstáculos pela frente; quem se comprometer, dispondo do tempo para atender às suas fraquezas, cometerá equívocos que terão de ser corrigidos através de dores e lágrimas regeneradoras. O senhor não precisa temer coisa alguma, sempre foi boa pessoa... bom esposo... bom pai...

Edmar notou que os olhos do enfermo ganharam vida nova, por algum momento; depois voltaram a revelar tristeza e frustração.

— Se Deus... existe... é bom...isso me... dá novo... alento... — tornou a falar o doente.

— Confie plenamente em Deus; ainda vão acontecer muitas coisas boas na sua vida. Que Jesus o abençoe sempre — finalizou Edmar, sensivelmente emocionado.

Vidas Paralelas

33 Você perdoou meu tio?!

Após dois dias Francisco faleceu; sua fisionomia denotava relativa

tranquilidade interior, lograda nos últimos dias. As palavras de Edmar foram um refrigério para a sua alma sofrida. Sua existência, a partir da morte do seu filho, tornara-se um martírio, pois Júnior era o seu único tesouro; representava a realização de todos os seus ideais.

Sem o conhecimento da continuidade da vida após o sepulcro; ignorando que toda a criatura humana, depois do desencarne, continua a viver, pois somos espíritos imortais; sem conhecer os benefícios oriundos dos trabalhos de amor da seara de Jesus, que é grande e os seareiros poucos; sem o conforto que proporcionam as lições de Vida Eterna do Evangelho do Cristo; sem, enfim, conhecer as alegrias proporcionadas pelas orações simples e sinceras nascidas do coração, sua vida tornara-se um caminho de espinhos, macerando, sem piedade, sua alma cansada e aflita.

Benfeitores amigos vieram ao seu encontro, em atenção ao seu arrependimento sincero, impedindo as entidades sombrias de vampirizarem seus despojos físicos. Seus familiares, embora chorosos pela partida do líder da família, souberam enfrentar a dura realidade; tinham plena certeza de que a sua alma encontrara, enfim, o descanso necessário. Tal convicção, apesar de não ser verdadeira, trouxe ao coração da esposa e da sobrinha, um lenitivo confortante, dissipando todas as amarguras.

Após o enterro, que ocorreu no dia seguinte pela manhã, Edmar, fraternalmente, procurou confortar dona Angelina e a sobrinha. Elas sabiam que a morte de Francisco estava próxima, em razão da sua apatia, da sua falta de motivação para viver. O corpo definhava paulatinamente. Não havia uma reação favorável. O espírito estava cansado de viver, de lutar; a imagem do seu filho ocupava a sua mente, obsessivamente.

A morte é um fenômeno natural que todos nós iremos conhecer, um dia. Trata-se de metamorfose indispensável à evolução dos seres humanos. Assim, através de experiências, de aprendizados, de reencarnações, os espíritos vão, a pouco e pouco, vencendo as dificuldades de todos os matizes, aprimorando-se ao contato da dor e da lágrima, até lograr a libertação definitiva e a legítima felicidade. Essas conquistas têm um preço, sim: do empenho no nosso aprendizado, na escola da sabedoria, e o da nossa conscientização nas leiras do infinito bem.

Após o almoço, em casa de Bárbara, os dois jovens conversaram sobre assuntos cotidianos. Angelina limitava-se a ouvir; em dado instante pediu licença para se retirar, deixando os dois namorados a sós. Bárbara aproveitou a oportunidade para perguntar:

- Você está lembrado de que me prometeu revelar um mistério?
- Estou, sim.
- Então, parece-me que é chegado o momento...
- Meu bem, eu gostaria de esquecer esse assunto de vez. Não tem mais importância, só vai acarretar tristezas...

— Ouça bem: seja o que for eu quero saber. Tudo que ocorre com você faz parte da minha vida também, assim como pretendo inteirá-lo de tudo que acontecer comigo. Afinal, você mesmo disse que o nosso amor está escrito nas estrelas. Logo, eu entendo que entre nós não deve existir qualquer tipo de mistério. A verdade acima de tudo!

— Bárbara, a verdade irá machucá-la, feri-la. Eu apenas quero poupá-la de sofrimentos...

— Então o segredo é bem mais grave do que eu julguei à primeira vista. Edmar, seja o que for, pode dizer — afirmou Bárbara, preocupada.

— Façamos então um acordo: tudo que eu vou lhe contar deve ficar entre nós dois. A revelação morre aqui! Está certo? — indagou Edmar, sublinhando suas palavras.

— Esteja certo disso. Jamais revelarei a quem quer que seja o que vou ouvir agora.

Assim, Edmar contou o motivo que o levava até ela, a partir do assassinato do seu pai, inteirando-a igualmente dos resultados das suas investigações, cuja conclusão apontavam o seu tio como mandante do crime, executado por um matador de aluguel.

— Eu sabia que o titio estava maquinando uma vingança. Ele jamais esqueceu o acidente; muitas vezes sonhou com a morte do Júnior. O fato se repetia porque ele tinha a morte do filho cristalizada na mente. Após a morte do delegado ele piorou; hoje eu sei por quê...

— Por quê?

— O arrependimento bateu forte na sua consciência; embora titio não aceitasse a existência de Deus, ele tinha bom coração. O que deu origem a amarguras e revoltas foi a morte do filho. Meu Deus!... como o titio sofreu!...

— Agora ele está melhor... Tenho a certeza disso...

— Edmar, a vítima do meu tio foi o seu pai... E aí?!... como fica?... Você o perdoou?...

— Naturalmente que sim. Meu pai não era flor que se cheirasse. Ele tinha muitos inimigos; sempre procurou amealhar bens terrenos, mesmo que tivesse que calcar sob os pés os interesses alheios. Para ele os meios justificavam os fins. Papai semeou muitos espinhos nos corações alheios; como consequências, teve o fim que conhecemos. Como tudo ocorre de conformidade com o nosso merecimento, estou certo de que papai resgatou uma dívida assumida no pretérito. Somente lamento dizer que nesta vida ele continuou cultivando dores nos corações dos seus semelhantes. São novos débitos assumidos para posterior quitação. Afinal, Deus é Amor, sim, mas é Justiça infalível, também.

— Então, apesar de tudo, você perdoou meu tio? — indagou Bárbara, buscando uma confirmação.

— Sem dúvida. Seu tio era um homem doente, não conseguiu superar o episódio

final da vida do filho, que também respondeu por um delito antigo. Seu tio tem atenuantes, levando-se em conta que entidades trevosas aproximaram-se dele, desajustando-o intimamente muito mais. Ele não conseguiu se libertar dessa atuação nefasta, pois estava enfraquecido moralmente. Outro fator negativo que o prejudicou bastante foi o desconhecimento da existência de Deus. Ele se fechou na sua dor, julgando-a a maior do mundo sem cogitar que antes do Júnior ser seu filho, ele sempre foi filho de Deus. Ignorou que tudo que marca a nossa vida demasiadamente obedece a programação de resgate adrede planejada por entidades espirituais de luz, conhecedoras profundas das leis que regulam as reencarnações. Veja só, Bárbara: seu tio a meu ver tem muitas atenuantes. Ele é responsável, sim; contudo, as atenuantes serão levadas em conta.

— E o matador profissional?... Gomo será a sua situação diante da Lei? — perguntou Bárbara, interessada no assunto.

— Ele, sim, conhecerá dias dos mais aflitivos. Homem insensível, fizera da empreitada de matar o meio de se manter. Quantos lares ele enlutou, quantas viúvas fez, quantos órfãos... Ninguém tem o direito de tirar a vida alheia sob pretexto algum. Somente cabe a Deus interromper a existência humana. Que Deus e Jesus tenham piedade desse irmão infeliz. Os resgates o aguardam. Por outro lado, também é verdade que ninguém está irremediavelmente perdido.

Bárbara fez menções de perguntar mais alguma coisa, mas Edmar selou seus lábios com um beijo.

34 Então, adotem uma criança

O casal Ernesto e Ivone, apesar de casados há mais de uma década, agora estava interessado na separação. César havia sido procurado pelos dois, a fim de dar andamento no processo de desquite. Todavia, o jovem advogado não estava à vontade para exercer esse tipo de atendimento. César sempre que era procurado para providenciar separações, envidava todos os esforços no sentido de mudar o desejo dos casais. Para tanto, naquela noite, foi até a residência do casal para uma conversa sobre o assunto, sendo recebido pelos dois com demonstrações de carinho.

— Já providenciou a papelada para assinarmos? — indagou Ivone, revelando interesse em se livrar do casamento.

— Ainda não. Estou aqui para conversarmos um pouco mais a respeito da separação...

— César, não há o que conversar; entre nós já está tudo acertado |gSS| retrucou Ernesto, olhando a esposa significativamente, ia- Eu também almejo a liberdade.

— Eu sei que vocês são adultos e vacinados, e estão no firme propósito de se separarem. Tudo bem. Todavia, gostaria de tecer algumas considerações

enfocando o compromisso do casamento, face às Leis Divinas...

— Eu sabia que você conhecia as leis dos homens, mas igualmente as Leis Divinas?!... Francamente, isso eu desconhecia

— objetou Ernesto, com ironia.

— Eu apenas peço a vocês ouvirem por um momento, pacientemente; depois, sim, eu aceitarei o que for decidido. Concordam?

Os dois se entreolharam; Ivone respondeu:

— Concordamos.

— Eu sou espírita. O Espiritismo ensina que os casamentos são programados na espiritualidade; precisam, portanto, ser honrados tanto quanto possível. Unicamente devem ser desfeitos quando há uma possibilidade de violência, assassinato ou suicídio. Assim, a separação, que é um mal menor, estará protegendo a vida do casal de um mal maior. Com a separação, os compromissos assumidos pelos dois serão adiados.; conseqüentemente, cedo ou tarde terão de recomençar programas interrompidos. Vocês já viveram juntos mais de dez anos, um conhece perfeitamente o outro. O casamento foi a concretização de um sonho que durou até agora; por que a separação? Vocês não têm problemas financeiros, são saudáveis, inteligentes...

— Ernesto, de uns tempos para cá não me entende mais, não me suporta, está a todo instante me criticando — desabafou Ivone, interrompendo o raciocínio do advogado.

— O mesmo eu digo de você: não posso fazer nada sem ser advertido, condenado. Ora, ora, assim não dá! — protestou Ernesto, com veemência.

— Então, o motivo é incompatibilidade de gênios? i

— Perfeitamente — responderam os dois a uma voz.

— Por que vocês não têm filhos?

— Sempre apareceu um motivo que determinou o adiamento da conquista desse ideal. Agora, já é tarde demais!

— afirmou Ivone, com tristeza.

— Eu tenho um remédio infalível para solução do assunto: primeiro, vocês precisam ser tolerantes, pacientes, fraternos um com o outro; é necessário também que haja entre os dois respeito mútuo. Afinal, com a separação é possível até que certos problemas sejam solucionados, porém outros surgirão. "Quem não tem problema já é um problema", disse alguém com muito acerto. A vida é feita de dificuldades, vicissitudes: contudo, é exatamente vencendo tais óbices que o nosso espírito vai adquirindo valiosas experiências de amadurecimento espiritual. Além, naturalmente, do comportamento adequado à reconciliação de ambos, eu quero igualmente indicar uma providência das mais importantes. Eu notei, desde o primeiro instante, que um provoca o outro exatamente porque não tem o que fazer, não tem com que se preocupar...

— E daí? — falou Ernesto, interrompendo a fala do jovem advogado.

— Posso falar com franqueza de irmão, não de profissional?

— Certamente que sim — responderam a uma voz.

— Vocês acham que já é tarde demais para pensar em ter um filho. Pois então, adotem uma criança — César falava com ênfase, sublinhando as palavras.

Nessa altura os dois entreolharam-se, mais uma vez; nenhum deles sabia o que responder; a situação era de expectativa. César retomou a palavra:

— Criar e educar os próprios filhos é um dever dos mais elevados; no entanto, criar e educar os filhos alheios é muito mais meritório aos olhos de Deus. O trabalho e a preocupação com o bebê vai ser tal que não encontrarão mais tempo para se ferirem com palavras contundentes.

— Ivone, vamos pensar no assunto, não é?

— Se você quer assim, eu concordo — aduziu a esposa.

César sabia que o primeiro passo estava dado. Agora era só esperar, dando tempo ao tempo. Após duas semanas o advogado recebeu um telefonema de Ivone, dando a novidade:

— César, seguimos o seu conselho: adotamos um menino de apenas dez dias; chama-se Ícaro.

—Parabéns!... Sejam felizes!... Assim que eu puder passarei em sua casa para conhecê-lo... Um abraço no maridão...

César estava mais contente do que o casal. No decorrer dos meses ficou provado que ele tinha absoluta razão. Os problemas desapareceram como por encanto. A harmonia retornou ao lar. O casal estava agora plenamente feliz!

Nesse mesmo dia ele recebeu a visita de Edmar, o que aumentou a sua alegria, pois mais do que amigos, eram verdadeiros irmãos.

—Bom dia! Tudo bem?

— Bom dia. Graças a Deus, tudo muito bem!

César colocou Edmar a par da conversa que tivera com o casal que desejava a separação. Agora, com a adoção do bebê, estava feliz!

— Parabéns, você agiu de acordo com os ditames da Lei Divina, pacificando dois corações e dando-lhes, inclusive, uma das mais belas tarefas, a de educar uma criança para os difíceis caminhos da vida. Eu quero aproveitar o ensejo para lhe contar também uma novidade.

A seguir, Edmar colocou o amigo a par dos acontecimentos que envolveram o assassinato do seu saudoso pai, detalhe por detalhe, a partir do malfadado dia.

— César, eu estou lhe revelando tudo porque nós somos dois irmãos; tenho absoluta certeza da sua discrição E com isso também me sinto um tanto aliviado.

César levantou-se da poltrona, situada atrás da escrivaninha de trabalho, e veio ao encontro do amigo, abraçando-o com força.

— Muito bem!... Tenho a certeza de que o gesto do amigo, perdoadando e esquecendo tudo, é atitude de um autêntico cristão. Afinal, já conhecemos alguns

ensinamentos do Evangelho e da Doutrina Espírita. Assim, se não vivenciarmos tais lições de luz e amor, o que valerá o nosso conhecimento?... Parabéns!... Eu não poderia esperar outra atitude do amigo.

A seguir conversaram sobre outros assuntos sem interesse para a nossa história, e pouco depois se despediram.

35 Jesus foi batizado

O pai de Joyce não estava nada contente com o resultado da conversa que tivera com César. O jovem respondera a todas as suas perguntas de maneira lógica e convincente. Dante não era de perder contendidas. Para ele qualquer discussão era uma verdadeira briga. Logo, de modo algum as coisas poderiam permanecer como ficaram.

"Eu sou evangélico há dezenas de anos, veja só, perder para um espírita, ignorante dos ensinamentos bíblicos? Afinal, a Bíblia é a palavra de Deus!" — Monologou, irritado.

Nesse dia à tarde César foi à casa de Joyce, a fim de convidá-la para uma sessão de cinema. Ela adorou, porém seu pai, que vinha alimentando uma revanche contra o advogado, interveio: —Eu gostaria de aproveitar a oportunidade para conversarmos um pouco mais sobre as verdades espíritas — propôs o dono da casa, com segundas intenções. B O cinema, minha filha, ficará para a noite. O César não vai fazer questão, não é?

— Eu gostaria de ir ao cinema, porém se a Joyce consentir podemos ficar — respondeu César, demonstrando equilíbrio e calma. Joyce limitou-se a sorrir, concordando.

— Antes, Iracema, traga um cafezinho para a gente — solicitou o esposo, amável.

Após apreciarem o cafezinho, por sinal muito gostoso, todos se mantiveram na expectativa das primeiras palavras do anfitrião, que parecia ter uma "carta" escondida na manga da camisa.

— Em primeiro lugar, César, eu apreciaria saber por que os espíritas não aceitam o batismo, conforme ensina o Evangelho. Não podemos nos esquecer de que até Jesus foi batizado.

—João Batista foi o precursor de Jesus, para que se cumprisse o seu mister de apresentá-lo ao povo, o Messias prometido. Assim, João Batista preparava os corações presentes à aceitação das verdades espirituais. Os interessados no batismo relatavam de viva voz todos os seus erros e fraquezas, declarando-se arrependidos e prometendo não mais retornar às mesmas práticas condenáveis. Somente depois desse procedimento é que eram batizados por João. O batismo de água era o do arrependimento; Jesus não tinha nada do que se arrepender. Acresce notar que, tão logo Jesus foi apresentado ao povo, como o Cristo

prometido, João Batista deixou de batizar. João foi bastante claro, quando afirmou: "Eu não o conhecia, mas, para que ele fosse manifestado a Israel, vim eu, por isso, batizando com água" (João, 1:31). Vale lembrar, ainda, que Jesus jamais batizou (João, 4:2) — argumentou César.

— E os demais batismos, que valor têm para os espíritas? — contra-atacou Dante, agora nada seguro de si, mordendo os lábios.

— O batismo do fogo simboliza os períodos de testemunho e de sofrimentos, indispensáveis ao aperfeiçoamento dos espíritos. Afinal, sem burilamento interior nada se logra em termos espirituais. Os fatores força de vontade e perseverança, aliados à sinceridade de propósitos, auxiliarão o progresso individual e coletivo. O batismo do Espírito Santo simboliza o desenvolvimento da mediunidade, ocasião em que a criatura tem possibilidade de intermediar ensinamentos espirituais advindos de Entidades de Luz, que cumprem tarefas relevantes na reabilitação da Humanidade — ponderou César, com toda tranquilidade.

Nessa altura, Dante já não demonstrava tanta convicção nos seus argumentos religiosos. Iracema e Joyce limitavam-se a ouvir.

— Você disse que o batismo do Espírito Santo é o desenvolvimento da mediunidade. Pois bem: no Livro Deuteronômio, da Bíblia, há uma proibição sobre a prática dos dons mediúnicos (18:10, 11 e 14).

— Eu conheço a proibição. Esse tema já foi detidamente examinado no Centro Espírita. Trata-se do seguinte: Moisés, sabedor de que as pitonisas, oráculos e profetas, vinham exercendo a faculdade mediúnica, tão-somente para atender problemas puramente materiais, perturbando assim, as atividades do povo, julgou oportuno proibir. Vejamos: o Espiritismo não realiza nenhuma das práticas proibidas; pelo contrário, trata-se de doutrina absolutamente espiritual, sem quaisquer exteriorizações materiais. O Espiritismo é o Consolador prometido por Jesus (João, 14:26). Nasceu no tempo certo, não só para lembrar o que Jesus orientou, como também para divulgar outras lições ensinadas veladamente pelo Messias, tendo em vista a imaturidade do ser humano, que não poderia naquela época suportar tais conhecimentos — respondeu César, com firmeza.

— Por que só os espíritas é que são médiuns? — indagou Dante, com intenção de colocar o jovem em dificuldades.

— A mediunidade existe desde todos os tempos, basta analisarmos detidamente os acontecimentos narrados na Bíblia. Todos nós somos médiuns nas mais diversificadas graduações. Contudo, o povo cataloga como médiuns somente quem exerce a faculdade ostensivamente, ou seja, quem enxerga ou ouve espíritos. Mas há também a psicofonia (incorporação de entidades em trabalhos mediúnicos), e a psicografia, como o médium Chico Xavier, que já psicografou cerca de quatrocentas obras de centenas de autores desencarnados. Por outro lado podemos afirmar, sem laborar em erro, que tanto no Catolicismo quanto no Protestantismo ocorrem frequentemente manifestações mediúnicas...

— São manifestações do Espírito Santo...

— Discordo! — contestou o jovem advogado, com convicção. Tais manifestações quase sempre acontecem à revelia dos presentes, quebrando a disciplina do ambiente. Afinal eu era católico, conheço muito bem os fenômenos em trato.

— Esclareça melhor a sua afirmativa de que "todos nós somos médiuns", por favor — solicitou Dante, ironicamente.

— Através da intuição, conforme a natureza dos nossos sentimentos e pensamentos. Allan Kardec fez uma oportuna pergunta sobre o assunto ao Espírito de Verdade, que figura em O Lavro dos Espíritos. Ei-la:

459 - "Influem os espíritos em nossos pensamentos e em nossos atos?"

- Muito mais do que imaginais. Influem a tal ponto que, de ordinário, são eles que vos dirigem!

Dante, notando a facilidade com que César respondia as suas perguntas, julgou melhor encerrar a conversa até porque, tanto a esposa quanto a filha, acompanhavam com vivo interesse as ponderações do jovem. Intimamente ele sabia que o rumo dos esclarecimentos trouxera sensíveis prejuízos ao seu objetivo. Assim, polidamente, falou nestes termos:

— Meu caro César, lamento o pouco tempo que tenho disponível, mas tenho certeza de que nós voltaremos ao assunto, oportunamente, para deixar bem claras, transparentes, todas as dúvidas ainda existentes. Espero que você não se aborreça com isso...

,— Senhor Dante, para mim é sempre um ensejo de aprimoramento espiritual. Quando o senhor quiser e julgar conveniente — acrescentou César, confiante.

— Muito obrigado pela sua atenção.

— Aproveito da oportunidade para comunicar que eu estarei ausente da cidade por alguns dias. Tenho em minhas mãos um processo um tanto intrincado para resolver. Necessito de alguns dados definitivos que me obrigam a viajar à capital.

Depois, dirigindo-se a Joyce, convidou-a:

— Vamos, então, aproveitar para dar um passeio? O dia está bastante quente, quem sabe se um sorvete poderia amenizar o calor?

— Ótimo!... Eu gostaria também de ver as vitrines de uma loja recém-instalada; dizem que os artigos e os preços são por demais convidativos.

36 A benfeitora dos aflitos

No dia seguinte, logo pela manhã, César comunicou aos seus pais a necessidade da viagem, a fim de solucionar assuntos pendentes, ultimando processos judiciais.

— Não se preocupem comigo. Permanecerei longe de casa somente o tempo indispensável; não posso ficar por muitos dias ausente do escritório — esclareceu o filho.

— Nós sabemos, filho, que você é um profissional cômico dos seus deveres, que não tem hábito de engavetar processos em andamento, envolvendo interesses alheios — ponderou Antero.

— Cada profissão tem os seus percalços, que precisam ser vencidos. Quando se trabalha com amor, gostando do que se faz, o trabalho sai melhor, mais perfeito, coroando de êxito o nosso esforço. Eu gosto demais do que faço; procuro sempre abordar as questões de maneira bem objetiva e clara, a fim de não suscitar dúvidas que possam entrar os processos que, normalmente, demandam muito tempo até a sua solução final e definitiva — argumentou o jovem advogado.

— A Joyce está sabendo da sua viagem? — indagou a mãe. — Foi a primeira a saber, mamãe; vou aproveitar igualmente a minha permanência na capital para levantar preços de alguns objetos indispensáveis ao lar que pretendemos instalar o mais breve possível.

Na Capital, César foi procurar Flávio, seu colega dos tempos universitários. Há alguns anos que não se viam. O encontro teria dois motivos: matar antigas saudades e buscar orientação, no sentido de retirar processos no Fórum, a fim de analisá-los e providenciar algumas cópias xerográficas indispensáveis ao bom andamento das questões processuais.

Flávio tinha o seu escritório bem no centro da cidade, num dos melhores prédios, destinados exatamente a esse tipo de atividade. Assim que entrou, o visitante encaminhou-se à atendente:

- Sou colega de profissão do advogado Flávio; é possível falar com ele?
- Sem dúvida!...

A jovem levantou-se e foi até a sala do advogado retornando logo após.

- Por favor, pode entrar.
- Obrigado.

Flávio no momento consultava grosso volume, contendo pareceres de inúmeros causídicos; procurava se fundamentar em casos já resolvidos, com o propósito de melhor conduzir o processo em andamento no seu escritório.

- Veja só!... Quem está aqui!... Venha, dê lá um abraço.
- Eu estou tão admirado quanto o amigo. Quanto progresso, hein?!...

Abraçaram-se fraternalmente. Flávio, quebrando o silêncio, indagou:

- Muito bem. Qual o segundo motivo da sua visita?
- Porque "o segundo motivo"?
- Porque o primeiro foi indiscutivelmente um abraço.
- Naturalmente que sim — respondeu César, sorrindo.

— Meu caro, tenho um compromisso do qual não posso me furtar. Uma parenta da minha esposa faleceu. O sepultamento é daqui a duas horas. Vamos até o velório prestar a nossa última homenagem à ela? — perguntou Flávio.

- Perfeitamente.
- As suas providências junto ao Fórum ficam para amanhã. Você fica hospedado

na minha casa, para colocarmos os nossos papos em dia. Concorda?

— De acordo. Você é quem manda.

Em seguida os dois amigos foram à câmara mortuária. César constatou de imediato que não havia crucifixo nem velas acesas em torno da morta. A sua fisionomia revelava tranquilidade. Os presentes guardavam silêncio... Muitos orando.

— César, você deve estar admirado, pois não existe desespero algum estampado no rosto dos presentes, apesar de serem parentes e amigos da falecida. Sabe o que ocorre?... Eles são espíritas.

— Ah!... são espíritas! Eu também sou.

— Então, amigo, você vai ter uma tarefa para realizar. Ontem, após o falecimento da Cinira, um dos seus irmãos me telefonou pedindo para que eu dissesse algumas palavras antes do sepultamento. Eu não tenho condições para tanto, apesar de conhecer muito bem a vida dela. Julgo que você, como espírita, pode perfeitamente dizer alguma coisa...

— Eu não conheci dona Cinira! — retrucou César, interrompendo a fala do amigo.

— Isso é de menos. Solteira, generosa, elegeu as crianças carentes como suas filhas do coração; sempre procurou resolver os problemas alheios sem qualquer tipo de interesse, somente com amor.

— Está bem!... O amigo me convenceu.

— Então, é chegada a hora — afirmou Flávio.

— Eu sou amigo do Flávio — começou a falar César. — Ele me convidou para dizer duas palavras, apenas. A morte existe?... Não. Não existe... A irmã Cinira morreu?... Não, não morreu. O corpo físico é apenas uma vestimenta do espírito, ser imortal, que o abandona tão logo essa indumentária não mais tenha condições de atender as suas reais necessidades. A morte física é metamorfose indispensável, para que o espírito liberto possa reavaliar as suas obras, fazer aprendizados, desenvolver estudos e trabalhos imprescindíveis, ou seja, preparar-se para retornar à paisagem terrestre para novas realizações no campo da sabedoria e do amor. Hoje a irmã Cinira, tenho certeza, está feliz. Ela que sempre foi amiga de todos os infelizes que a procuraram. Ninguém deixou de ser atendido com muita compreensão e carinho. Estou observando que entre os presentes estão muitos dos que foram seus tutelados. A morte existe?... Não, não existe. Hoje começa uma nova fase de sua vida; posso afirmar que Entidades de Luz já a retiraram do vaso fisiológico, encaminhando-a para instituição de atendimento espiritual, objetivando a sua integração rápida nas fileiras dos trabalhadores da seara de Jesus. Queridos irmãos, a vida continua. Cinira foi primeiro que nós; irá, por certo, preparar o nosso lugar; um dia, se fizermos jus, iremos ao seu encontro, isso quando Deus determinar a nossa grande viagem. Façamos agora uma oração:

- Senhor, que a nossa irmã Cinira se sinta feliz e tão logo se japosível, esteja trabalhando ativamente na tua seara de amor. Sabemos que ela será uma incansável servidora. Que a tua luz e o teu amor estejam sempre presentes em sua caminhada evolutiva. Que os seus familiares, igualmente, sejam confortados, e sigam os seus exemplos de desprendimento dos valores materiais e amor aos infortunados deste orbe terreno, sobretudo em favor das crianças desamparadas. Assim seja.

Os olhos dos presentes estavam marejados de pranto. A seguir, foi providenciado o sepultamento. Em cada semblante podia-se constatar a tranquilidade que animava os corações. Sim, a vida continuava. Que se cumpra, portanto, sempre a Vontade de Deus, jamais os nossos caprichos.

37 Inesperados acontecimentos

Gilberto e Eloísa não notavam nenhuma modificação de caráter no comportamento do filho. Caio, lamentavelmente, continuava a levar a vida que escolhera seguindo os conselhos nocivos dos amigos inconsequentes; chegava em casa altas horas da noite, depois de deixar seus companheiros, levantando-se perto do meio-dia. Gilberto estava sinceramente preocupado com o destino do filho. Eloísa, baseada nos ensinamentos espíritas, recebia os fatos com resignação. Confiava em Jesus, cumprindo a sua parte de mãe zelosa, não só orientando Caio sempre que possível, como também transmitindo-lhe exemplos dignos e edificantes.

Certa noite estava o grupo de companheiros em um bar da cidade, fazendo algazarra, bastante alcoolizados. O proprietário, temendo novos prejuízos, pois os jovens eram useiros e vazeiros em tais atitudes, julgou conveniente chamar a polícia. Ós moços reagiram. Consequência: houve tumulto, brigas; alguns jovens foram presos, entre eles Caio; outros fugiram.

Os arruaceiros foram colocados em uma cela desocupada pois a intenção era protegê-los. Os detentos que superlotavam o presídio estavam naquela noite bastante revoltados, pela falta de assistência jurídica, ameaçavam inclusive dominar a prisão e fugir. O delegado, incontinenti, convocou reforço policial. Por volta das vinte e três horas estourou a rebelião. Alguns cadeados foram arrebentados, o carcereiro e alguns policiais em serviço foram dominados e a fuga aconteceu. A tevê local esteve presente registrando o fato e transmitindo ao vivo as imagens aos telespectadores. Assim, todos que assistiam ao jornal levado ao ar, naquela hora, tomaram conhecimento da rebelião, constatando a prisão de Caio. Gilberto, em seguida, telefonou ao delegado solicitando maiores informações, sendo inteirado de que Caio e alguns companheiros estavam detidos em cela separada dos demais presos, e que seriam colocados em liberdade no dia seguinte.

— Gilberto, nada de desespero, quem sabe se agora o Caio toma jeito. Há males que vêm para bem. Confiemos em Jesus — falou a esposa, no sentido de pacificar o coração do marido.

Na prisão, Caio entregou-se a proveitosa meditação, um tanto amedrontado

com o resultado da sua teimosia em contestar os pais, sempre generosos, pacientes, resignados.

"Meu Deus!... — exclamou pela primeira vez, dirigindo-se ao Pai Celestial. — Que ambiente horrível!... Quanta violência!... A vida humana, na prisão, não vale nada!... Aqui, ninguém se reabilita moralmente. Pelo contrário, cada detento se especializa cada vez mais no crime!... Preciso urgentemente mudar de vida, para não correr o risco de vir parar aqui em definitivo".

No dia seguinte Caio foi posto em liberdade, depois de ter passado, como os demais amiguinhos, por uma reprimenda bastante enérgica:

— Da outra vez que forem presos eu não vou ter consideração alguma. Vocês serão colocados nas celas como os outros, como presos comuns. Não terão a regalia de ontem, não. É muito melhor ser estudioso e trabalhador do que ser marginal. A opção é somente de vocês. Estão dispensados — o delegado falou com energia.

Em casa Caio conversou longamente com os pais. Prometeu não mais frequentar bares, selecionando suas amizades. Gilberto e Eloísa estavam radiantes, intimamente agradecidos a Jesus pelo acréscimo de misericórdia recebido. A partir desse triste acontecimento o jovem mudou literalmente o seu comportamento: recomeçou os estudos e, nas horas livres, trabalhava no supermercado ajudando o pai naquilo que fosse necessário.

Na hora em que as imagens da rebelião foram levadas ao ar, Joyce e seus pais assistiam ao telejornal na sala tomando portanto conhecimento da revolta ocorrida no presídio. As câmaras se detiveram por mais de uma vez na cela onde estava Caio, focalizando-o várias vezes. O jovem inexperiente nem sequer tivera um gesto, no sentido de fugir ao registro da tevê.

— Meu Deus!... O que eu estou vendo, o César preso!... E por isso que ele está ausente!... — exclamou Dante, revoltado.

— O que teria acontecido? — perguntou Joyce, chorosa. Sua genitora estava simplesmente perplexa, sem saber o que dizer.

— Joyce, não quero ver mais esse advogadozinho aqui em casa. Primeiro, por ser espírita, religião do diabo; segundo, por ter feito alguma coisa condenável, que determinou a sua prisão. Joyce, ponha um fim no seu romance com ele, não aceite justificativas. Os motivos que temos são suficientemente fortes para tanto. Se você quiser, eu mesmo posso falar com ele...

— Absolutamente, papai, esse assunto é meu. Só a mim cabe resolver o que fazer. Afinal, eu sou dona do meu nariz! — acrescentou Joyce, não admitindo a interferência paterna.

— Está bem... Veja lá o que você vai fazer... Trata-se de questão muito séria, nada de complacência. O mal precisa ser cortado pela raiz.

— Vamos mudar de assunto — falou Iracema, pela primeira vez.

Apesar de Joyce ser uma boa filha sentiu-se tomada por uma força estranha, ao responder ao pai naqueles termos. Dante percebeu que não convinha insistir mais no

assunto naquele momento, deixando para mais tarde, se necessário. A filha era uma jovem bastante amadurecida, sabia como se comportar diante de tal situação, embora amasse muito ao jovem advogado. Sua irmã, que estava ausente, não assistindo portanto ao jornal televisivo, foi inteirada pelo pai a respeito dos acontecimentos levados ao ar, manifestando-se reticente:

— Que surpresa!... Como entender os seres humanos!... Hoje são corretos, amanhã indignos... — ponderou Cíntia, admirada. — Logo com o César, que sempre me pareceu tão certinho!

O genitor de Joyce, a partir desse momento, parecia estar tranquilo. Afinal o fato era motivo mais do que forte para o rompimento do namoro de sua filha com o rapaz. Joyce sempre se revelou ser moça equilibrada; portanto, não colocaria a sua vida nas mãos de um indivíduo de comportamento condenável. E bem verdade que ela teria de ouvir as justificativas do namorado, antes de tomar qualquer atitude drástica.

Na noite daquele dia, ao recolher-se para o necessário repouso, somente conseguiu conciliar o sono altas horas da madrugada. César não lhe saía do pensamento; estava diante de um dilema que precisava ser solucionado com o rompimento do compromisso. No entanto, já antevia o seu sofrimento, pois ninguém ignorava o seu amor pelo rapaz.

"Ele Já estava fazendo projetos para o nosso casamento, com a compra inclusive do apartamento; parecia ser tão sincero... me amar tanto... Meu Deus, o que teria acontecido?... Como a vida humana pode mudar tanto de um instante para outro!... O que era expectativa de felicidade, num lar bem estruturado, acabou ruindo para sempre, sobrando só escombros!... — pensava a jovem, amargurada com o seu destino.

Na manhã seguinte, levantou-se cansada e entristecida. Precisava ouvir César a respeito, urgentemente.

38 Extraordinária semelhança

César, tão logo retornou da viagem, foi à casa para rever seus genitores, tomar um banho reconfortante e se alimentar. Aproveitou o tempo também para descansar um pouco, readquirindo energias físicas despendidas com a excursão. Em seguida foi até o escritório para se colocar a par dos possíveis fatos ocorridos durante a sua ausência. A atendente, jovem bastante zelosa pelas suas tarefas, informou:

— Dr. César, por aqui tudo transcorreu normalmente. O senhor foi procurado algumas vezes, mas ficaram de retornar na próxima semana. Os telefonemas estão anotados na sua agenda, inclusive os respectivos números, para o retorno, bem como os assuntos.

— Muito bem!... Se é assim irei à residência de minha noiva; depois então

reassumirei minhas funções. Obrigado.

A seguir foi até a casa de Joyce, sendo recebido por ela com certa reserva; a moça mantinha-se a distância, o que causou estranheza. Assim que ele se acomodou na sala os pais de Joyce entraram, cumprimentando-o secamente. A moça, com dificuldade, rompeu o silêncio nestes termos:

— César, vou falar sem preâmbulos, porque é assim que eu gosto, para evitar possíveis equívocos. Nosso compromisso está rompido. Eu gostaria de omitir qualquer tipo de esclarecimento, em virtude de não querer magoá-lo...

— Joyce, minha filha, é bom que as coisas sejam bem esclarecidas; nada de omissões — argumentou Dante, secamente, interrompendo a fala da filha.

— Eu igualmente prefiro assim, senhor Dante. Sou a favor da verdade, mesmo que ela magoe o nosso coração — aduziu César, não entendendo nada do que estava acontecendo.

— Ontem nós tivemos a grande surpresa de ver pela televisão o motim dos presos...

— Eu não assisti, senhor Dante, porém tomei conhecimento. São criaturas infelizes, isoladas da coletividade, revoltadas...

— Ah!., não assistiu?!... O que nós vimos e nos deixou estarecidos foi que o senhor estava igualmente preso...

— O quê?!... Eu preso?!... O senhor tem certeza do que viu?

— Lógico. Eu, a Iracema e a Joyce... Não há a menor possibilidade de engano — afirmou Dante, intimamente feliz.

— Nada disso aconteceu comigo! — César não pôde conter o riso. — Tudo bem, eu irei à capital, novamente, para apurar o que ocorreu; tão logo retorne da viagem, os senhores terão notícias minhas.

O jovem despediu-se com um gesto, apenas. Já na rua, foi até um posto de gasolina reabastecer o carro e partiu sem mais demora, com destino ao presídio indicado. Lá chegando, foi recebido pelo diretor da penitenciária.

— O senhor é uma cópia fiel do moço que esteve detido por um dia aqui no presídio. Olha, jamais vi semelhança igual.

— Aliás, é por isso mesmo que estou aqui. A minha noiva assistiu ao noticiário da tevê e tomou-me pelo preso, rompendo o compromisso comigo.

— Incrível!...

— Pois é, foi exatamente o que aconteceu; preciso colocar as coisas nos seus devidos lugares. O senhor tem o endereço do moço em questão?

— Tenho, sim.

O delegado apanhou uma ficha e anotou o endereço do ex- preso em um pedaço de papel, entregando-o ao advogado.

— Muito obrigado.

A seguir, César foi ao local indicado. Gilberto e Eloísa o receberam espantados, sem saber o que estava ocorrendo. O advogado colocou-os a par dos

acontecimentos, sem omitir nenhum detalhe. O casal, diante dos fatos, admitiu intimamente que se tratava do irmão de Caio, que por estranhos caminhos estavam se reencontrando. Depois de alguns minutos de estupefação, Eloísa rompeu o silêncio:

— Realmente, o senhor é uma cópia do nosso filho. A bem da verdade, quero afirmar que ele esteve, sim, detido por um dia. Junto com alguns companheiros, promoveu uma desordem num bar; consequência: foram detidos. O pessoal da televisão esteve presente, cobrindo a rebelião dos presos; o Caio e os amigos não participaram do motim, pois estavam em cela separada — informou Eloísa, calmamente.

— Eu gostaria de conversar com seu filho. E possível?

— Perfeitamente.

Gilberto levantou-se e foi em busca do filho. Logo em seguida Caio entrou na sala, acompanhado do pai.

— Meu Deus!... A semelhança é simplesmente extraordinária! Minha noiva e sua família não poderiam proceder de modo diferente — exclamou César. — Eu gostaria que o Caio me acompanhasse, a fim de eliminar o equívoco existente. Ele irá comigo; amanhã eu mesmo o trarei de volta, são e salvo. Pode ser?

— Naturalmente. Caio, apanhe algumas roupas e acompanhe o doutor César.

O filho atendeu prontamente, afastando-se em direção ao interior da residência.

— Meu jovem — falou Gilberto — Caio foi adotado por nós. Eloísa, lamentavelmente, não podia ter filhos. Assim, partimos para a adoção.

— Quantos anos ele tem?

— Vai completar vinte e seis daqui a uma semana.

César, visivelmente chocado com a informação, pensou:

"Ele pode perfeitamente ser meu irmão!... Não sei ainda como os fatos ocorreram, porém tudo indica que é meu irmão".

Gilberto teve o mesmo pensamento, ficando amedrontado com a possibilidade, até porque César era advogado e poderia agir no sentido de revolver o passado, com o objetivo de esclarecer os fatos. Eloísa mantinha-se tranquila; confiava nos Desígnios Divinos. Logo, somente iria acontecer o que fosse realmente melhor para todos. Em seguida, lembrou-se de uma advertência evangélica, que se adaptava bem ao caso: "Nada há encoberto que não venha a ser revelado" (Mateus, **10:26**).

— Agradeço a atenção que me dispensaram. Caio vai comigo; dentro de um ou dois dias ele estará de volta. Vai ficar hospedado em minha casa. A presença dele eliminará o engano criado; fiquem tranquilos, nada acontecerá em prejuízo dele; pelo contrário, será muito bem acolhido no seio da minha família — acrescentou César, aproximando-se da porta de saída, acompanhado de Caio.

Nessa altura, até Caio estava interessado em solucionar o enigma, em virtude da semelhança extraordinária existente entre os dois jovens. Caio estava em

mangas de camisa, usava uma calça jeans e tênis nos pés. César, ao contrário, sempre se apresentava impecavelmente vestido: terno completo, camisa social, gravata, sapatos bem cuidados.

Após se despedirem dos pais de Caio, o automóvel venceu a estrada velozmente. Ambos mantiveram diálogo amistoso.

A expectativa era grande: o que teria acontecido no passado para que eles fossem separados e só agora, por força de Leis Soberanas, que fogem ao nosso controle, voltassem a se reencontrar nos caminhos da vida? Vidas Paralelas

32 Desfeito o equívoco

Os dois jovens estavam bastante intrigados. Afinal, um era o sócio do outro. Aliás, não poderia ser de outra forma, pois eram gêmeos univitelinos. Vencida a distância César foi direto para a residência de Joyce. Recebidos pela empregada; sua fisionomia estampava o espanto que a dominava intimamente, face à semelhança existente entre os dois jovens.

— Por... favor... dou... tor... César... entre — falou a serviçal gaguejando.

— Obrigado.

— Os patrões saíram... mas não demoram... Fiquem à vontade... Vou avisar a Cíntia da sua chegada. A Joyce saiu com os pais — disse a empregada, mais calma, rodando nos calcanhares.

Em seguida Cíntia veio ao encontro dos moços, ficando igualmente perplexa com a semelhança entre os dois rapazes.

— Meu Deus!... Como vocês são parecidos!... Incrível!... exclamou Cíntia, olhando Caio, fixamente.

Nessa altura, chegaram os donos da casa, acompanhados de Joyce. O impacto verificado não foi menor; os três olharam-se pasmos. A moça foi a primeira a falar:

— Então, César, tudo bem?!... Vejo que você tem novidades.

— Exatamente. Trago a solução do problema levantado por vocês. Caio esteve detido durante um dia, exatamente na ocasião em que ocorreu a rebelião no presídio, transmitida ao vivo pela televisão. Assim, a imagem dele foi ao ar no telejornal da noite. Como eu, coincidentemente estive ausente da cidade, resolvendo problemas profissionais, fui acusado por vocês três. Foi fácil chegar à solução do equívoco, primeiro fui ao presídio e depois à casa do Caio, colher informações sobre o fato...

— Doutor César—falou Dante, respeitosamente — como é que nós poderíamos saber a verdade?... A semelhança entre vocês dois é enorme!...

— Eu fiquei sentido, porque não acreditaram em mim. Afinal, em nenhuma ocasião dei motivos para me julgarem mentiroso e, o que é pior, passível de reclusão por delitos cometidos...

— Realmente, nós fomos bastante infelizes, analisando os fatos pela aparência. Eu particularmente, César, peço-lhe perdão pelo juízo que fiz a respeito da sua pessoa — justificou Iracema, emocionada.

— Com relação a Joyce, eu sei que ela foi pressionada a tomar a iniciativa de romper com o nosso compromisso. Intimamente ela sabia que eu não poderia estar preso naquele dia. Afinal, o meu comportamento sempre foi exemplar, sem falsa modéstia.

— César, meu bem, eu também quero me redimir da falta que cometi, acreditando ser você o detido. Meu coração a partir daquele momento conheceu uma imensa dor. Hoje eu só quero esquecer aquele malfadado dia. Esse acontecimento triste unicamente fez com que o meu amor aumentasse, como se isso fosse possível. Agora peço, caso você concorde, não considerar a minha infeliz atitude... — falou Joyce emocionada, quase às lágrimas.

— Querida!... É somente o que eu desejo neste instante.

Por que procurei solucionar o equívoco o mais breve possível? Para mostrar que sou digno de você. Joyce, em momento algum pensei em perdê-la. Essa triste situação só serviu para avaliar a extensão do nosso amor. Hoje, mais do que nunca, almejo esposá-la desfrutando com você de uma vida a dois, fundamentada nos princípios de luz e amor do Evangelho do Cristo — o jovem advogado falava com ênfase, revelando seus nobres sentimentos.

Após pequeno silêncio, Cíntia tomou a iniciativa da palavra:

— Agora que tudo está devidamente esclarecido, acho oportuno comemorarmos na lanchonete da praça. Concordam?

O motivo do convite além da razão exposta, era sobretudo conhecer melhor Caio, de quem estava enamorada.

— Concordo. Antes, porém, quero fazer um relato que julgo indispensável. Caio é um jovem de bom comportamento, de família conceituada. Seu pai é próspero comerciante, sua mãe é pessoa de excelentes predicados, digo isso porque tive a satisfação de conhecê-los. Por que Caio esteve detido?... Unicamente porque estava juntamente com uns amigos num bar, comemorando a vitória do seu time do coração; excederam-se um pouco na cerveja; depois apareceu um engraçadinho, disse algumas palavras grosseiras e o grupo reagiu à altura. A polícia foi acionada e prendeu alguns jovens, entre eles o Caio. Volto a afirmar: Caio é um rapaz de ótimos antecedentes.

— Muito obrigado. Suas palavras tiraram um peso do meu coração; admitia ser rejeitado por vocês, que acabo de ter a felicidade de conhecer—falou Caio pela primeira vez, vencendo a sua normal timidez.

— Agora, sim, a lanchonete! — convidou Cíntia, demonstrando estar bastante feliz com os acontecimentos inusitados.

Os pais das jovens resolveram permanecer em casa, deixando a comemoração para os quatro moços. Na lanchonete Cíntia procurou conhecer mais Caio,

conversando animadamente com ele. Joyce e César estavam felizes, porque tinham a certeza absoluta de que o obstáculo havia sido superado, robustecendo os sentimentos que nutriam um pelo outro. Cíntia, depois de conversar com Gaio sobre assuntos rotineiros da vida, indagou:

— Caio, o que você tem feito ultimamente?

— Completei o segundo grau há alguns anos. O ano passado estava fazendo o cursinho para o vestibular; porém como não me dediquei o necessário, não fui feliz na seleção. Agora, incentivado por César, pretendo voltar ao cursinho e me preparar devidamente, a fim de ser aprovado.

— O que você pretende cursar na Universidade?

— Administração de Empresas. Meu pai tem um supermercado. Ele já disse que pretende me dar a direção de tudo, pois já trabalhou muito e deseja descansar e viajar com minha mãe, conhecer a Europa, principalmente a Itália, país dos meus antepassados.

Enquanto os dois conversavam animadamente, César e Joyce permaneciam de mãos dadas, acariciando-se também com o olhar. Após curtirem um ao outro, por algum tempo, deliciaram-se com excelentes sorvetes; estavam felizes. Entre Caio e Cíntia nascia um romance fadado ao casamento; a emoção vivida pelos dois jovens não poderia ter outro epílogo. Terminada a comemoração, César e Caio acompanharam as moças até a residência delas.

— Agora, vamos para a minha casa. Você será meu hóspede. Amanhã eu o levarei de volta a sua casa. Hoje à noite iremos ao cinema. Certo?

— Tudo bem.

Quando Antero viu Caio, estremeceu da cabeça aos pés; ficou lívido, fato que não deixou de ser notado pelo filho. De madrugada chorou copiosamente, arrependido de ter separado os irmãos, agora juntos novamente pelo destino.

40 Onde o bem se instala...

César estava diante de um enigma. Caio era, sem dúvida, seu irmão. Que mecanismo do destino os havia separado e, agora, estranhamente os reunia? O que teria acontecido no momento do nascimento dos dois? De que forma os fatos determinaram a separação deles? Seus pais teriam responsabilidade na separação, ou também eram vítimas?

"Preciso decifrar esse mistério" — pensou. — "Somente papai poderá fazer luz em tal questão. O seu comportamento ontem, foi comprometedor, ele sabe de tudo. Coitado, ficou pálido e tremia como vara verde açoitada pelo vento. Hoje levantou-se bem cedo com os olhos vermelhos de tanto chorar".

Assim, César aproveitou o ensejo para conversar com o pai, convidando-o para irem até o jardim, onde havia um banco de madeira bastante confortável, sob uma trepadeira florida.

— Papai, eu preciso falar com você a respeito do Caio. Ele é uma cópia perfeita de mim...

— Meu filho, antes de mais nada eu conto com a sua compreensão. Vou lhe relatar os fatos que ocorreram com a minha cumplicidade, determinando a separação de vocês dois...

— Cumplicidade!... Por quê?

— Recebi uma proposta de uma das enfermeiras do Hospital e concordei com ela; como eram dois meninos, não titubeei e vendi um, considerando que vocês já tinham cinco irmãos.

— Papai, você fez isso?!... Mamãe tomou conhecimento do "negócio"?

— Absolutamente. Ela até pensou que iria ter gêmeos, pois estava muito gorda; aí eu lhe disse que o médico esclareceu que o líquido amniótico estava muito volumoso, acima do normal. Ela aceitou a justificativa.

— Papai, eu quero conhecer todos os pormenores dessa "transação" condenável. Você concorda que cometeu um crime?

— Concordo, sim. Estou sinceramente arrependido. Vou contar detalhe por detalhe até porque eu jamais esqueci aquele malfadado momento, matriz de sofrimento inigualável. Naquele dia sua mãe perdeu os sentidos por alguns minutos. O parto foi demorado e sofrido. A enfermeira levou os dois bebês para o berçário; logo em seguida me procurou para dizer:

— "Sua esposa teve dois meninos..."

— "Dois meninos?!... Um já era demais!... Dois?!..."

— "Ninguém sabe... Só eu e o senhor... Além do médico, naturalmente... — Podemos, perfeitamente resolver a situação..."

— "Como?!"

— "Eu conheço uma família rica que deseja adotar uma criança. Estão até dispostos a pagar bem. Caso o senhor concorde, podemos acertar as coisas..."

— "Bom dinheiro?..."

— "Bom dinheiro — ela repetiu. — Todavia, desse dinheiro eu ficarei com uma parte e o senhor com outra."

— "É coisa para se pensar..."

— "Absolutamente. Temos que resolver agora. Logo mais, a sua esposa vai ficar inteirada do nascimento dos dois bebês; como é que iremos depois, resolver?"

— "Faça contato com a família. Estou de acordo."

— "Neste caso, à noite eu vou levar para minha casa um dos bebês — propôs a enfermeira."

— "Qual será a minha garantia?"

— "O que nós estamos fazendo é um crime. Na hipótese de as coisas não darem certo, o senhor denuncia o caso à polícia. Essa é a sua garantia de que eu não vou 'roer a corda'..."

— "Está bem. Eu quero o seu endereço, para qualquer eventualidade."

— "Pois não.

"A enfermeira anotou o endereço dela em uma tira de papel e me entregou. A decisão tomada mexeu com os meus nervos; com dificuldade acabei me controlando. Depois, já no quarto, comuniquei à sua mãe:

— "Tudo bem. Daqui a dois dias estaremos em casa, de volta... Fazer o quê?

— "Antero, você parece conformado!... Isso é muito bom!... Que se faça sempre a vontade de Deus. Confio plenamente na Sua Bondade e Sabedoria".

Antero fez pequena pausa; depois, finalizou:

— O restante da história você já conhece. Aguardo, pois, o seu julgamento.

— Mamãe não soube de nada; logo, nada sofreu. O destino acaba de nos aproximar, novamente. Assim, a partir de agora, procurarei ajudar o Caio sempre que necessário, compensando se possível os prejuízos ocorridos com a nossa separação. Você, papai, já foi bastante castigado pelo remorso. Somente a Deus caberá julgá-lo.

Antero abraçou o filho como jamais fizera até então, desatando em choro convulsivo. O arrependimento produzira uma profunda ferida no seu coração, que só o tempo e a reparação do crime cometido teriam condições de cicatrizar.

Após seis meses, César e o amigo Edmar estavam casados e felizes. Os dois casais residiam nos apartamentos adquiridos. Joyce e Bárbara passaram a frequentar, também o Grupo Espírita "Seara do Bem".

Caio estava noivo de Cíntia e aguardavam ansiosamente o momento de selar o compromisso de casamento. Gilberto e Eloísa não sabiam como agradecer a Deus as bênçãos recebidas. Hoje eles sabiam que os mecanismos das Leis Divinas tinham corrigido o delito cometido, reaproximando os dois irmãos. É bem verdade que cada um dos implicados teria de assumir, mais tarde, o quinhão de responsabilidade no desrespeito às Leis Soberanas. Nada escapa impunemente à Sábia Justiça Divina.

Os maiores responsáveis por tudo, sem dúvida, eram a enfermeira e Antero, interessados em dinheiro fácil, esquecidos de que o Pai Celestial nada ignora do que ocorre no Universo. Assim todos os nossos atos, bons ou maus, estão devidamente anotados na Contabilidade Divina, como matrizes de felicidade ou vicissitudes que exigem reparação no tempo certo.

A Humanidade, lamentavelmente, sempre escolhe os caminhos mais tortuosos, de dores e lágrimas. Todavia, não podemos ignorar também que tais experiências dolorosas também preparam os seres para futuras realizações de cometimentos elevados, voltados unicamente para a sabedoria e o amor. Cada um de nós edifica o seu próprio destino! Assim, cada indivíduo acaba entendendo que:

— Onde o bem se instala, o mal não tem guarida! Vidas Paralelas

LIVROS DO AUTOR

CANDEIA ACESA - 3ª edição

- Páginas Espíritas

JORNADAS DE REDENÇÃO - 8ª edição

- Romance

TERCEIRA REVELAÇÃO - 2ª edição

- Temas Doutrinários

CATIVOS DO PASSADO - 7ª edição

- Romance

VIDAS EM CONFLITOS - 6ª edição

- Romance

ALGEMAS ABERTAS - 9ª edição

- Romance

PAIXÃO E VINGANÇA - 6ª edição

- Romance

A INDIGENTE - 5ª edição

- Romance